

SOBROU A RAPA

Mercado da soja chegou ao fundo, apavorando o produtor e também o governo

Página 4

MS

Cresce a área de trigo

Páginas 8 a 11

LEITE



Produção e consumo continuam caindo no Estado. E as feiras de gado de leite são esvaziadas

Página 6

INVERNO

Um balanço da lavoura alternativa

Páginas 12 e 13

MEOTTI:

"Vamos acertar e errar juntos"

Página 5

COOPERATIVA REGIONAL
TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO
DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolivar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Antoninho Boiarski Lopes
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Tânio José Bandeira
Superintendente/Dom Pedrito:
Valter José Pötter
Vice/MS:

Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):
Luiz Neri Berschoner, Oscar Otto Hoerle,
Euclides Marino Gabbi, Antônio Bandeira,
Ido Max Weiller, Paulino Ângelo Rosa, Ira-
ni dos Santos Amaral, João Santos da Luz,
Luiz Parizotto, Remi Bruno Eidt, Krijn
Wielemaker, Ivo Vicente Basso, Paulino
Stragliotto, Vagner Monteiro Sá, Oscar Vi-
cente Silva, Suleiman Guimarães Hias e
Ademar Luiz Comin.

Suplentes:

José Ataídes Conceição, Pedro Giotto,
Cláudio Luiz de Jesus, Emílio Ude, Jorge
Alberto Sperotto, Protasio Lottermann,
Álvaro Rutili, Aquilino Bavaresco, Arnal-
do Hermann, João Eberhardt, Mário Al-
berto Krüger, Cláudio Pradela, Noé da Sil-
veira Peixoto, Omar Cunegatti, Florício
Barreto, Leonildo Anor Potter e Cândido
de Godoi Dias.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Antenor Vione, Frederico Antônio Stefa-
nello e Ruy Adelino Raguzzoni.

Suplentes:

Valter Luiz Driemeyer, Darci Aléssio e An-
tônio Cândido da Silva Neto.

Diretores contratados:

Euclides Casagrande, Rui Polidoro Pinto,
Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros,
Romeu Orlando Etgeton, Ari Zimpel, Cló-
vis Roratto de Jesus e Vilmar Hendges.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbu	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracaju - Sede	65.000 t
Maracaju - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Gualba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhandufl.	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro so-
cial, autoridades, universidades e técnicos
do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado
da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e Docu-
mentos do município de Ijuí, sob número 9.
Certificado de marca de propriedade indus-
trial M/C11 número 022.775 de 13.11.73
e figurativa M/C11 número 022.776, de
13.11.73.

REDAÇÃO:

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Moisés Mendes

Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e
impresso no Jornal do Comércio, em
Porto Alegre.

AO LEITOR

No ano passado, os preços da soja já foram baixos, quando do pique da comercialização. Mesmo assim, este ano, se os valores de 1984 fossem corrigidos de acordo com a inflação, a saca de 60 quilos não poderia estar por menos de Cr\$ 64 mil ao produtor. Isso dá uma idéia da situação criada hoje por um mercado totalmente estrangulado, que empurrou o preço da saca para Cr\$ 47 mil. Em algumas regiões, a oferta ao produtor é inferior ao preço mínimo, e são muitas as cooperativas e empresas particulares que saíram do mercado, por não suportar a falta de compradores. É disso que falamos na página 4 desta edição, onde mais uma vez se repete o que vem sendo dito há muito tempo: o ciclo da soja já deu seu último suspiro, e a agricultura regional terá que buscar novos rumos.

Há mais de 10 anos se fala em diversificação da produção, pensando-se principalmente em novas alternativas para o inverno. Essa proposta evoluiu ao mesmo tempo em que a lavoura de trigo, que monopolizou durante quase duas décadas as áreas de plantio na região, começava a definhando. Hoje, num balanço da produção diversificada, os números não são muito animadores, pois as áreas com novas opções de inverno não cresceram de forma significativa. Mas o mais importante é que, apesar dos muitos obstáculos, esta idéia está madura e serviu para conscientizar muita gente de que somente com a rotação de culturas a agricultura voltará a ser viável técnica e economicamente. Páginas 12 e 13.

Um mês depois de terem assumido seus cargos, os novos dirigentes da Cotrijornal promoveram a primeira avaliação interna da Cooperativa. Esta análise foi iniciada pelas subsidiárias, e já resultou em algumas conclusões. O presidente Oswaldo Meotti e os vices e superintendentes das três regionais, juntamente com

conselheiros e representantes, inauguram assim um diagnóstico dessas empresas, para futuras decisões. Esse trabalho leva em consideração as posições que as lideranças trazem das bases, e sepulta toda e qualquer solução de cima para baixo. Uma síntese dessa avaliação está na página 5.

Os produtores do Mato Grosso estão deixando menos terra ociosa neste inverno. A lavoura de trigo teve um crescimento de 85 por cento, passando dos 177.100 hectares plantados em 84 para 184.271 nesta safra. As aveias — branca, amarela e preta — também começam a ser reconhecidas como excelentes alternativas de inverno para a região, apresentando bom desempenho, embora os problemas climáticos do inverno passado, tenham comprometido seriamente o rendimento das lavouras. É certo que as aveias estão ocupando neste inverno em torno de 20 mil hectares. Além da produção de grãos, elas também estão sendo cultivadas para forragens e cobertura do solo. Isso vem demonstrar a preocupação do produtor em deixar tanta terra à mercê dos inços e do tempo. Matéria na página 8.

O título do Cotrijornal ganhou nova forma gráfica, que já apareceu na capa da edição de abril. Essa mudança na marca do jornal estava programada há mais tempo, e finalmente aconteceu, para que se renovasse uma feição que completava 12 anos. É assim que o Cotrijornal — como acontece também com outras publicações — tenta reinar seu visual, seguindo tendências gráficas que exigem atualizações periódicas. O Cotrijornal muda de cara, mas continua com sua linha editorial, tentando refletir as aspirações, as esperanças — e também as angústias — do produtor, da Cotrijornal e do cooperativismo.

A abertura e a agropecuária

Roberto Carbonera

A formulação de uma proposta de agricultores, que tenha como referência um modo de vida, passa necessariamente por uma análise crítica dos problemas econômicos e sociais ocasionados pela chamada "modernização". Esta referência é muito importante porque foi em nome da "modernização" da agricultura ou "revolução verde", que tecnologias "modernas", de zonas temperadas, foram autoritariamente impostas aos países em desenvolvimento.

Desta forma, passamos a assistir a uma intensa e constante negação dos valores da agricultura tradicional, ou seja, os adubos orgânicos foram substituídos pelos químicos; a enxada pelos herbicidas; as variedades e raças por híbridos; a policultura por monoculturas; o trabalho pelo capital, etc. Tudo isto apoiado e incentivado por regimes fechados, autoritários e corruptos, como aconteceu em quase toda a América Latina.

A recente abertura política conquistada pelas diferentes categorias profissionais fez ressurgir as discussões em torno da reorganização social. Na agropecuária, há necessidade de urgentes mudanças estruturais, acompanhadas de profundas transformações em outros setores produtivos.

A produção de alimentos básicos define-se como sendo a principal prioridade, salientando-se a importância de produzir alimentos quantitativamente superiores. Isto quer dizer, que há necessidade de valorizar a qualidade dos alimentos, não apenas a quantidade, como vem ocorrendo.

Dentro desta mesma filosofia, buscava-se a valorização dos fatores disponíveis, buscando reduzir os custos e a dependência do agricultor em relação aos

trustes internacionais. No Centro de Treinamento da Cotrijornal estão sendo realizados diversos trabalhos dentro desta linha de ação, como: os projetos de suínos, aves, peixes, bovinos de corte, ovinos, forrageiras, pesquisas em culturas alternativas, criação e recomendação de cultivares adaptadas às condições de ambiente, resgate de culturas tradicionais, como: mandioca, feijão, sincho, lentilha, ervilhaca, etc. Trabalhos em uso, manejo, conservação e recuperação do solo, compostagem e, mais recentemente, horta ecológica e controle biológico, plantas medicinais e produção de minhocas.

Destes trabalhos, muitos foram amplamente divulgados, encontrando-se, portanto, em condições de utilização pelos produtores. Outros necessitam de maiores estudos, como o controle biológico de pragas e doenças, o cultivo e utilização de plantas aromáticas e medicinais, o aproveitamento do basalto em compostagem com minhocas (vermicompostagem).

Para termos uma idéia do potencial de trabalho nestas áreas, destacamos que já foram identificadas mais de 750 espécies de fungos que controlam insetos e que nossa flora nativa possui mais de quatrocentas espécies de interesse medicinal. Além da possibilidade de aproveitamento do basalto, muito abundante nas regiões montanhosas.

A implementação de propostas menos agressivas ao meio ambiente e a garantia às populações e acesso à alimentação, água e ar mais saudáveis, certamente merecerão maior atenção dos órgãos federais, como já vinha ocorrendo em alguns estados e outras instituições de pesquisa extensiva. Aliás, durante o II Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa, em Petrópolis, RS, em 1984, mais de vinte

secretários de estado assinaram um documento comprometendo-se dentre outras coisas em: apoiar e redirecionar a pesquisa, a difusão e o uso de alternativas agropecuárias; levantar atividades relacionadas ao meio ambiente, saúde e agropecuária; realizar diagnósticos dos problemas ecotoxicológicos e divulgação interestadual; promover alterações na legislação e procedimentos relacionados a qualidade de vida, com efetiva participação da sociedade civil; criar e implantar leis estaduais sobre agrotóxicos; criar uma instância de coordenação e assessoramento, no prazo de 30 dias, para executar estes objetivos; destinar e captar os meios e recursos necessários para o efetivo cumprimento destas medidas.

Passado um ano da assinatura do documento, o que mudou no Estado? Que providências foram tomadas? Houve alguma mudança a nível de produtor? Foi apenas mais um documento assinado por assinatura? Fica este questionamento para que, em momento oportuno, haja cobrança desse comprometimento. Precisamos de atitudes concretas, pois caso contrário continuaremos nesta selvagem dependência dos países que historicamente nos dominam.



Roberto Carbonera é agrônomo e coordenador da área de pesquisa no Centro de Treinamento da Cotrijornal



Conversa fiada

As cooperativas devem voltar a ser pequenas? Esta pergunta anda na moda, e não é tão inocente como parece. Nos últimos anos, com a tão propalada crise das cooperativas, muita gente tentou tirar proveito da situação, para dizer que todo o sistema cooperativista andava fraquejando. Foi nessa onda que surgiu a conversa em torno do retorno às pequenas cooperativas, com o presidente e os demais dirigentes atendendo no balcão. No dia 13 de maio, durante um curso para conselheiros fiscais, em Ijuí, o superintendente da Ocergs (Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul), Vergílio Perius, lembrou esta ladainha. Ele observou que não é à toa que esta conversa anda de boca em boca, com o argumento de que somente com pequenas cooperativas o produtor poderá voltar a participar das decisões. A verdade é que os grandes grupos, especialmente os estrangeiros, estão loucos para ver o cooperativismo encolhido e frágil. Assim ficará mais fácil a dominação do mercado, a manipulação de preços, a venda de venenos. Mas os produtores estão bem mais alertas e não entram nesse lero-lero, como ficou claro na reunião da Ocergs. "As cooperativas devem crescer muito mais", assegura o presidente da Cotrijuí. Oswaldo Meotti, que em maio abordou o assunto numa entrevista à imprensa. Se não crescerem, serão transformadas — junto com o produtor — em prato feito para a gula de muitos grupos.



A foto da bandeira gigante foi transformada em cartaz pela Cotrijuí

Do tamanho da esperança

Os símbolos nacionais andaram meio esquecidos nas duas últimas décadas, e especialmente nos últimos anos. Mas desde 15 de janeiro, com a eleição de Tancredo Neves para a presidência da República, a bandeira e o hino nacionais ganham novo vigor. O hino teve roupa nova na voz da cantora Fafá de Belém, e saiu em disco da cantora em maio. E a bandeira mereceu, como nunca havia acontecido antes, uma reprodução de 800 metros quadrados de tecido. Esta bandeira circulou por Brasília no dia 15 de março, e depois, no dia 22, quando das homenagens ao presidente morto. Desde o início de maio, esta mesma bandeira gigante circula nas unidades da Cotrijuí, postos de recebimento e casas de

associados, num cartaz criado pela MPM Propaganda. A foto, de Eduardo Tavares, também ilustra anúncios que a Cooperativa divulgou em revistas. Ela mostra a bandeira sendo carregada por muita gente que nunca havia antes tocado no pavilhão nacional. A foto é uma das mais fortes imagens da mobilização popular que pode transformar a esperança dos brasileiros numa Nova República, para que se resgatem não só os símbolos nacionais, mas também a vontade efetiva de mudanças e a dignidade do país. Com o cartaz criado pela MPM, a família Cotrijuí carrega junto esta bandeira, certa de que "nada substitui a força da união".

Carne: freio nos preços

Desde janeiro os preços da carne de gado não sofrem alteração, mas mesmo assim as vendas no varejo não reagem. Muita gente ainda não se deu conta de que a tabela de preços da carne se mantém a mesma nos últimos cinco meses, e que — numa comparação feita pelos próprios açougueiros — é preferível comprar carne de gado, e não mais carne de galinha. Nos mercados da Cotrijuí, por exemplo, a tabela vigora desde o dia 11 de janeiro, sem nenhuma alteração. A costela custa, desde aquela data, Cr\$ 4.355; a chuleta, Cr\$ 4.370; o coelho mole, Cr\$ 8.380; o guisado de primeira, Cr\$ 6.540; e a paleta, Cr\$ 4.355. Estes Cr\$ 4.355 são o preço do corte de segunda com osso, que se equivale mais ou menos, em volume de carne, à carne de galinha, que custa hoje Cr\$ 4.500 o quilo. Muitos consumidores não perceberam ainda que a troca da carne de galinha pela de gado já não é tão vantajosa, como meses atrás. O interessante é que os preços estáveis não provocaram, nos últimos meses, um aumento na venda de carne bovina, segundo o pessoal que lida nessa área da Cotrijuí. Esta situação, de retração nos preços do produto, tem sua origem nos baixos valores pagos ao criador. Até o final de maio, o quilo do boi vivo estava a Cr\$ 1.400, contra os Cr\$ 1.800 pagos em setembro do ano passado. O criador teve, neste período, uma perda real de 69,6 por cento, numa queda que configura — segundo as lideranças do setor — uma das piores crises que a pecuária já enfrentou.

Novas chefias na Pioneira



A Regional Pioneira tem um novo diretor contratado e mais quatro novos gerentes. O diretor é Romeu Etgeton, agrônomo que vinha atuando como gerente da unidade de Santo Augusto, e assume agora a Dica — Diretoria de Compras e Abastecimento. Ele substituiu Luís Fernando Ryff Moreira, funcionário da Cotriexport, que chegou a assumir o cargo, no final de abril, mas teve que retornar a Porto Alegre, por motivos particulares. Na unidade de Santo Augusto, a gerência ficou com o agrônomo Antonio Vieira dos Santos, que integrava o departamento técnico. O contabilista Julio Feil assumiu a

gerência financeira da Pioneira, onde já vinha trabalhando há vários anos. A gerência administrativa ficou com outro contabilista, Wylían Velasques, que ocupava a gerência de Custos e Estatísticas. E Gustavo Drews, formado em Administração de Empresas, assume a gerência de Administração de Pessoal, um setor onde igualmente atua há bastante tempo na Cotrijuí. O novo diretor e os novos gerentes foram anunciados às chefias pelo diretor administrativo, Ari Zimpel, no dia 30 de maio, em Ijuí.

Igreja fica de fora

Muitas áreas estão sendo consideradas intocáveis, quando se fala de reforma agrária. E já se sabe que as áreas consideradas produtivas, por maiores que sejam, não entram no programa do governo, para redistribuição da terra no Brasil. E as propriedades da Igreja, como ficam? O presidente da Farsul (Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul), Ari Marimon, acha que elas devem entrar na reforma (veja na última página). Não é esta a posição da maioria dos dirigentes de sindicatos de trabalhadores rurais do

Estado, que congregam pequenos produtores. Num encontro da Fetag, realizado em Porto Alegre, em dia 23 de maio em Porto Alegre, em preparação ao 4º Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais, de 26 a 30 do mesmo mês em Brasília, isso ficou bem claro. Apenas uma das seis regionais da Fetag votou pela inclusão das áreas da Igreja no plano de reforma agrária. Esta também é a posição do governo, que sabe do risco que correria ao mexer com interesses de uma instituição cada vez mais forte.

Conquistas de Simon

O ministro da Agricultura, Pedro Simon, já deve estar menos apavorado com a situação de sua pasta, apesar dos abacaxis que ainda tem pela frente. E está não só menos apavorado, como também começa a avançar, numa área que aos poucos, finalmente, vai sendo fortalecida. Com esses avanços, Simon vai conquistando coisas que pareciam difíceis, como evitar o aumento nos juros do crédito para custeio da lavoura. Em abril, a ala monetarista do governo andou anunciando que as taxas poderiam saltar de 3 por cento para até 12 por cento ao ano, mais a correção monetária integral, que já se aplica hoje. Atirou verde para colher maduro, mas não levou. Está quase certo que não vai se mexer nos juros dos custeios, até a formação da próxima lavoura de verão. Outra vitória de Simon: os produtos para mercado interno, como milho, arroz, feijão e outros, terão VBC (Valor Básico de Custeio) integral. Isso quer dizer que o produtor que se dedicar a estas lavouras vai receber todo o VBC, independente da sua categoria de médio ou grande proprietário. A medida não foi ainda oficializada, mas já se anunciou em Brasília, no final de maio, que isso irá acontecer. É por aí que o governo pretende iniciar o incentivo à produção de alimentos para abastecimento da população, sem descuidar, é claro, das culturas que garantem divisas com exportações. Essas conquistas de Pedro Simon têm, com muita evidência, o dedo de seu secretário geral, Ruben Ilgenfritz da Silva. Aliás, o Ministério da Agricultura é, entre os mais importantes do governo Sarney, um dos que apresentam unidade, tanto no discurso como na prática.

Contra as importações



Celso Luiz Bruinsma

É de Augusto Pestana o novo vice-presidente da Associação Gaúcha de Produtores de Alho. Celso Luiz Bruinsma, dono de 15 hectares na Linha Progresso, foi eleito dia 23 de maio, em Porto Alegre. Ele tem uma preocupação — que é de todos os produtores — e que deve merecer toda atenção da entidade a partir de agora: as importações de alho. Para Celso, a associação precisa acompanhar de perto as decisões do governo nesta área, tentando evitar a compra de produto de outros países, especialmente no momento em que a safra gaúcha entra no mercado. Celso produz alho há seis anos, e se diz entusiasmado com a cultura. No ano passado, plantou 1,8 hectares e colheu 3 mil e 700 quilos. Este ano, plantará em três hectares, com semente própria e sem recorrer a financiamentos. Ele acha que o alho gaúcho irá se firmar no mercado se aprimorar sua qualidade, o que já vem ocorrendo na própria região da Cotrijuí.

Um beco sem saída

Abaixo do mínimo, preços da soja criam impasse para o produtor e o governo

A situação enfrentada este ano pelo mercado da soja é o mais forte indício de que as previsões feitas, nos últimos anos, não estavam erradas. Os preços do produto caíram tanto, a nível internacional, que poucos ainda duvidam de que este possa ser o último suspiro do ciclo que se iniciou no final dos anos 60. O quadro é tão grave, que o preço ao produtor só é sustentado pelo preço mínimo oficial, de Cr\$ 46.740, já desatualizado diante de um custo da saca de 60 quilos que anda ao redor de Cr\$ 60 mil. Os agricultores chegaram a ensaiar um boicote à comercialização, na busca de saídas, mas voltaram atrás. Afinal, onde está a saída?

A situação começou a ficar insustentável em maio, quando deixou de existir o preço mínimo corrigido, que até então vinha impedindo, pelo menos, que a remuneração do produtor caísse mais ainda. Este preço, que era atualizado mês a mês, desde agosto, com base nas ORTNs (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional), deixou de ser corrigido a partir de maio, ficando nos Cr\$ 46.740. Mesmo que viesse a ser atualizado, com o índice de 11,83 da variação da ORTN para maio, ficaria em Cr\$ 52.269, longe dos Cr\$ 62 mil reivindicados pelos produtores.

NOVO COMPRADOR

A verdade é que em abril, mesmo sendo baixo, o preço mínimo sustentou a comercialização da soja, especialmente no Mato Grosso do Sul, onde o governo autorizou as AGFs (Aquisições do Governo Federal). Se não fosse isso, a cotação cairia ainda mais. Até o final de maio, o governo havia comprado mais de um milhão de toneladas de soja, num volume nunca antes adquirido através de AGF. Foi assim que o governo federal se transformou em novo comprador de soja, fazendo valer a política dos preços mínimos.

Com o fim das correções nestes preços, em maio, a situação foi agravada, pois o mercado não reagiu. No dia 14, em Carazinho, dirigentes de cooperativas e sindicatos gaúchos se reuniram para avaliar a situação, e concluíram que deveria ser feito um boicote à comercialização. O movimento se estendeu logo a outros Estados, e no Paraná e em Minas Gerais os agricultores chegaram a levar máquinas para as ruas. É claro que, logo depois, as próprias cooperativas descobriram que o boicote não surtiria muito efeito.

AS REIVINDICAÇÕES

Os produtores pediam uma revisão do preço mínimo, para algo ao redor de Cr\$ 60 mil, EGFs (Empréstimos do Governo Federal) que correspondessem a 100 por cento deste mínimo, e a prorrogação no prazo para pagamento dos custeios, que vencem a partir de maio e junho. A hipótese de correção do mínimo foi imediatamente desprezada. Se fizesse isto, o governo se transformaria, automaticamente, em comprador de toda a safra. E iria precisar para isso de mais de 15 trilhões de cruzeiros.

A concessão de EGFs também não progrediu, já que até maio o governo havia aplicado mais de 7 trilhões de cruzeiros no financiamento da comercialização, e não contava com mais recursos em caixa. Finalmente, a prorrogação dos prazos para pagamento dos financiamentos de custeio ficou em estudos, mas até o fim do mês não havia uma resposta oficial. Produtores e governo ficaram numa enrascada sem antecedentes na história da soja no Brasil. E tudo porque se confirmou a previsão de que, além do dólar estar forte e reprimindo negócios, há super-oferta de grãos no mercado internacional.



SOJA

NEGÓCIOS SUSPENSOS

Isso fez com que não só as empresas particulares, mas também muitas cooperativas, saíssem do mercado, suspendendo a comercialização. A partir da segunda quinzena de maio, com o preço estacionado em Cr\$ 47 mil (veja quadro abaixo) os negócios passaram a ficar mais difíceis, pois não havia disposição de compra, apesar do achatamento nas cotações. A nível internacional, essas cotações foram caindo dia a dia, para chegar a 5,56 dólares o bushel, no dia 28 de maio. Preços inferior-

es a este só foram registrados em dezembro de 1975 (4,40 dólares); em setembro de 1977 (5,20); e em setembro de 1982 (5,40 dólares).

Mas as quedas anteriores a esta não tiveram, como agora, tanto impacto no bolso do produtor, pois havia pelo menos a sustentação do mercado interno, e não aconteceram em épocas de pique da comercialização. O certo é que nunca o agricultor recebeu tão pouco pela soja. O governo, por sua vez, nunca gastou tanto

Números mostram achatamento

O preço da soja ao produtor parou de crescer no dia 11 de abril, quando ficou nos Cr\$ 47 mil (preço do dia na Cotrijuí), até o final daquele mês, e se manteve assim durante maio. Estes Cr\$ 47 mil foram mais ou menos o preço médio praticado no mês de abril, com pequenas oscilações antes do dia 11, e se sustentou na pedra às custas do preço mínimo. Se não houvesse a garantia do mínimo, é certo que o valor estaria mais abaixo, em função da situação do mercado.

Tomando-se estes Cr\$ 47 mil como exemplo, é possível fazer uma comparação com o preço que vigorou no mesmo mês de abril em 1984. Há um ano, o preço do dia estava em Cr\$ 19.500. O aumento, de um ano pra outro, foi de apenas 141 por cento, enquanto a inflação, no mesmo período de 12 meses, ficou acumulada em 228,8 por cento. Vale lembrar que já em 1984 os preços não eram compensadores, o que mostra a gravidade do momento enfrentado hoje pelo produtor.

Também o preço futuro permite algumas comparações. No período de 26 de março a 1º de abril deste ano, o preço para maio esteve em Cr\$ 60 mil. Foi uma alta momentânea, que durou apenas seis dias, pois o preço para maio oscilou entre Cr\$ 57 mil e Cr\$ 59 mil, durante o mês

de março e até o dia 19 de abril, quando saiu da pedra. Os Cr\$ 60 mil foram, portanto, o valor mais alto colocado em oferta naquele período.

COMPARAÇÕES

Agora, vamos fazer a comparação com o preço para maio, praticado no mesmo período, de março a abril do ano passado, e que ficou em torno de Cr\$ 24 mil. Pegando-se este preço, de Cr\$ 24 mil, e o preço mais alto deste ano, que foram os Cr\$ 60 mil, se percebe que o aumento de um ano pra outro foi de apenas 191 por cento. A inflação - como já foi dito acima - ficou acumulada no período em 228,8 por cento.

Considerando-se, então, esta inflação, em quanto deveria estar o preço da soja? O preço do dia não deveria ser inferior a Cr\$ 64 mil, como mostram cálculos realizados por Paulo Roberto Porto, do setor de Comercialização da Cotrijuí, com base nos valores de abril e maio do ano passado. Ele também fez outra conta, tomando por base o preço médio futuro para maio, que vigorou em março e abril do ano passado, ou seja, os Cr\$ 24 mil. Se o valor tivesse acompanhado a inflação, o produtor não poderia ter recebido menos de Cr\$ 79 mil pela saca de soja este ano, quando das vendas para maio, contratadas em março e abril.

com o produto, pois o preço mínimo que sustentou as vendas em abril foi superdimensionado.

Acontece que o governo anterior havia fixado o preço mínimo, em agosto, com um reajuste de 361 por cento sobre o preço de referência existente há um ano, ou seja, em 1983. A bomba estourou nas mãos do atual governo, que se viu obrigado a comprar a safra, em regiões onde as cotações de mercado estavam abaixo do mínimo.

VOLUME RECORDE

A Cotrijuí enfrentou toda esta tempestade sem sair do mercado, graças a negócios fechados para o exterior, com embarques previstos para até o mês de setembro. Até o final de maio, a Cooperativa havia recebido 276 mil e 858 toneladas de soja de seus associados, na Região Pioneira, e 70 por cento deste total já estavam comercializados. No Mato Grosso do Sul, até o final do mês haviam sido liquidados 90 por cento da safra, a maior parte através de AGFs (veja na página 11 desta edição).

No dia 28 de maio, a direção da Cooperativa reuniu representantes de associados da Pioneira, em Ijuí, para um balanço da comercialização. "Estamos diante de uma situação curiosa", disse o presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, lembrando que a Cooperativa recebeu este ano um volume recorde de 10 milhões e 500 mil sacas, exatamente num ano em que a soja enfrenta problemas com preço. Participaram deste encontro e falaram aos representantes o diretor de Comercialização e Operações, Clóvis Rorato de Jesus; o coordenador de comercialização na Pioneira, Ênio Weber; e o vice e o superintendente da Regional, Celso Sperotto e Antoninho Lopes.

O quadro geral é tão desalentador, como explicou Ênio Weber, que mesmo com preços achatados não há comprador tampouco no mercado interno. Os poucos negócios fechados no momento têm preços fixados abaixo da cotação internacional, com prêmio negativo. A Cotrijuí, além das exportações, pôde recorrer, no final do mês, a AGF para comercialização da safra do município de Jóia, onde não há agência do Banco do Brasil. As AGFs vinham então sendo feitas somente em localidades sem agência do BB, conforme determinação do governo, que transferiu as operações à rede particular.

UMA INOVAÇÃO

Na mesma reunião do dia 28, os representantes foram informados de que a Cotrijuí não deixaria de operar no mercado, mas com uma inovação em prática desde o dia anterior, 27. A partir de então, mantendo os Cr\$ 47 mil por saca como preço do dia, a Cotrijuí passou a creditar os recursos na conta do associado 10 dias após a liquidação. A partir dos 10 dias, o dinheiro está à disposição do produtor, e depois deste prazo passa a ser corrigido, com a variação da ORTN mais um por cento ao mês.

Esta decisão foi tomada pela direção e endossada pelos representantes, para que não voltem a se verificar problemas de caixa, em função de todos os entraves provocados por uma comercialização bastante tumultuada. O prazo de 10 dias para que o dinheiro seja creditado na conta do produtor poderá ser reduzido para sete dias, dependendo da disponibilidade de recursos. Para repassar este crédito, a Cooperativa depende do fechamento de câmbio (transformação do dólar em cruzeiros), que acontece de acordo com os embarques para o exterior.



O associado decide

Lideranças ouvem as bases, questionam e ajudam a direção a tomar decisões

As posições dos associados da Cotrijuí, manifestadas pelos representantes de núcleos e pelos conselheiros, serão levadas em conta pela direção executiva, para que as grandes decisões em estudos sejam tomadas em conjunto. "Não vamos apresentar soluções prontas, pois o produtor saberá em detalhes a situação da Cooperativa, para que possamos acertar e errar juntos", afirma o presidente Oswaldo Meotti. No final de maio, ele fez um balanço dessa disposição que já obteve resultados na prática, após uma série de reuniões em que foi analisada, inicialmente, a situação das empresas subsidiárias da Cotrijuí.

As reuniões nas unidades da Pioneira, com os representantes e conselheiros, tiveram vários assuntos em pauta, mas em especial as subsidiárias, e aconteceram durante o mês de maio. Depois, nos dias 23 e 24, em Porto Alegre, os conselheiros das três regionais voltaram a debater o assunto. Foi feita, em conjunto com a direção executiva, uma avaliação de cada uma das empresas, desde os seus objetivos quando foram criadas, o desempenho dos últimos anos, a composição acionária, os resultados alcançados no último exercício e até 30 de abril, e as perspectivas para cada uma delas.

Das sete subsidiárias, três foram mais questionadas: a rede de hospitais, o Irfa (Instituto Rio-grandense da Febre Aftosa) e a Cotriexport. As outras quatro (Transcooper, Cotridata, Cotriexport Corretora de Seguros e a Cerealista) vêm apresentando bom desempenho, e não exigiram maiores debates. Das reuniões na Pioneira e do encontro dos conselheiros em Porto Alegre, resultaram as seguintes conclusões sobre as subsidiárias, que voltarão a ser discutidas dia 25 de julho, quando o Conselho de Administração volta a se reunir:

HOSPITAIS

A Cotrijuí mantém quatro hospitais da rede Bom Pastor, em Ijuí, Santo Augusto, Jóia e Coronel Barros (interior de Ijuí). A rede foi sendo formada a partir de 1974, e ampliou-se quando houve um agravamento da assistência médico-hospitalar aos agricultores. Oswaldo Meotti lembra que a Cooperativa entrou firme nessa área por reivindicação dos associados, numa época em que ainda era possível administrar casas de saúde. Hoje, as verbas são cada vez mais escassas e os custos do serviço tomaram o atendimento na área da saúde praticamente inviável.

"Mesmo que, sob o ponto de vista econômico, este serviço se apresente como problemático, é preciso considerar o aspecto social", observa o presidente da Cotrijuí. A verdade é que os hospitais são deficitários, e uma solução para esta área



Uma das reuniões com os representantes da Regional Pioneira

será discutida com as comissões de saúde, os sindicatos de trabalhadores e empregadores rurais e os associados. Por enquanto, não há nada de definitivo, mas já se pensa na possibilidade das comunidades voltarem a administrar os hospitais. É provável também que outras entidades do setor se disponham a assumir as casas de saúde.

IRFA

O Irfa passou ao controle do cooperativismo em 1977. Hoje, a Cotrijuí tem uma participação de 97 por cento no capital dessa empresa, que estava concordatária, ou seja, em dificuldades financeiras na época. A Cooperativa investiu no Instituto, que diversificou sua produção. A fabricação de vacina anti-aftosa, que representava 95 por cento da produção em 1977, participa hoje com 75 por cento. Outros produtos veterinários (mais de 30) participam com os restantes 25 por cento.

No ano passado, o Irfa teve um bom resultado operacional, mas seu desempenho geral continuou sendo comprometido pelos custos financeiros dos investimentos realizados. As perspectivas para o Irfa dependem muito da vacina oleosa contra a aftosa, que no segundo semestre deve passar por avaliação do Ministério da Agricultura. Esta vacina é um lançamento do Instituto, e espera liberação oficial para estar à venda no mercado. O produto é importante para a viabilização da empresa, e resta aguardar a decisão de Brasília.

COTRIEXPORT

A Cotriexport surgiu em 1975, para cuidar da comercialização de grãos, em especial da soja. Foi a primeira subsidiária da Cotrijuí, e teve importância decisiva para a agilização de negócios e compreensão principalmente do mercado externo. A Cotriexport presta serviços não só à Cotrijuí, mas também a terceiros. Não teve, no ano passado, o desempenho esperado, e deve passar por reestruturação. Mas não se pode hoje — segundo Meotti — dispen-

sar os serviços da empresa, que dá apoio logístico às três regionais.

Agora, por exemplo, com o mercado da soja tumultuado, a Cotrijuí conseguiu manter as operações, sem nunca se afastar deste mercado, em função desse trabalho, que começa a ser aperfeiçoado este ano, numa maior integração com as equipes de vendas das regionais. A Cotriexport tem contra si o fato de que seus lucros são pulverizados, com poucas sobras para a Cotrijuí, enquanto os prejuízos são assumidos apenas pela Cooperativa. Seu aperfeiçoamento deve incluir uma maior participação na comercialização de outros produtos, e não só soja, carne e lã, como ocorre atualmente.

COTRIDATA

A Cotridata completa 10 anos como subsidiária da área de processamento de dados. Na época, a empresa — adquirida de terceiros — prestava serviços a bancos e outras firmas da região, e hoje mantém parte dessa clientela. Mas 70 por cento de seu faturamento atualmente são assegurados pela Cooperativa e suas subsidiárias, nas três regionais, e os restantes 30 por cento por terceiros.

A subsidiária é cada vez mais importante, para processamento de uma série de informações que exigem agilidade. Trabalha com computadores de última geração que são locados, e sem grandes investimentos de capital próprio. Vem apresentando desempenho positivo, e não se inclui entre as empresas subsidiárias da Cooperativa que têm resultados questionados.

TRANSCOOPER

Foi criada em dezembro de 1980, como agenciadora de transportes. Atua nas três regionais e em Rio Grande, contratando serviços rodoviários e ferroviários, com uma reduzida frota própria de veículos. A subsidiária contornou um problema crônico da Cooperativa nesta



Meotti: vamos acertar e errar juntos

área, pois os altos custos de uma frota própria já não eram viáveis. A empresa dinamizou o transporte, permitindo um escoamento mais rápido das safras.

A Transcooper também presta serviço a terceiros, contratando caminhoneiros, e pode melhor remunerar estes profissionais, como empresa agenciadora. Ela cuida de toda a burocracia no setor, e vem — segundo Meotti — prestando um bom trabalho às regionais. O desempenho da subsidiária é considerado bom, com resultados positivos desde sua criação.

CORRETORA

A Cotriexport Corretora de Seguros também vem apresentando bons resultados. Ela é uma agenciadora de seguros, e igualmente presta serviços à Cotrijuí e a terceiros. Atua como elo de ligação entre as seguradoras e os clientes, e recebe comissões por este trabalho. Sua remuneração é assegurada, portanto, pelas seguradoras, e não pela Cotrijuí. É considerada indispensável, mesmo porque, se não dispusesse de uma subsidiária nesta área, a Cooperativa teria que dispor de uma equipe interna, com custos bem mais altos.

CEREALISTA

Está em funcionamento há um ano, atuando no beneficiamento e embalagem de cereais e condimentos, que são vendidos no varejo pelas lojas Cotrijuí, e também comercializados a terceiros. Mostrou bom desempenho até aqui, e deve contar com maior espaço físico na Pioneira, estendendo-se também ao Mato Grosso do Sul. É considerada importante como apoio aos programas de diversificação da produção. Futuramente, deverá ser transformada em setor do Departamento de Compras e Abastecimento.

AUTO-SUFICIENTE

Este balanço das subsidiárias é a primeira etapa de um trabalho que está sendo iniciado, e que terá como desfecho algumas decisões. Oswaldo Meotti ressalta que há um consenso entre os associados, de que essas empresas deverão ser auto-suficientes, para que não mais dependam de subsídios de outras áreas e se mostrem rentáveis. Isto porque o momento não mais permite que sejam mantidas áreas deficitárias na Cooperativa, antes socorridas pelos resultados conseguidos especialmente com a soja. "Mas não iremos nunca — diz ele — decidir sozinho. O associado acompanhará o que acontece em cada subsidiária, e não levaremos decisões prontas aos conselheiros. Vamos, isto sim, convidá-los para que possamos decidir juntos".

Um momento que pode ser histórico

Todo o questionamento que envolve a Cotrijuí termina abrangendo também a situação geral da agricultura. Afinal, seria impossível de se analisar as perspectivas para a Cooperativa, sem considerar o que pode acontecer daqui pra frente no setor primário e na economia em geral. E as previsões não indicam na direção de coisas muito boas, pelo menos a curto e médio prazos, como reconhece Oswaldo Meotti. Antes de mais nada, é preciso levar em conta o fato de que a comercialização da soja este ano vai contribuir para agravar a situação do produtor.

Meotti calcula que entre 50 e 60 por cento dos associados da Cotrijuí não terão condições de pagar os custos da lavoura de verão. "Chegamos ao momento em que, além dos custos de produção serem elevados, o produtor não tem a quem vender sua safra, por causa da queda do poder aquisitivo dos compradores euro-

peus", afirma Meotti. Antes, pelo menos, estes compradores garantiam negócios que, a nível de mercado interno, não eram viáveis. Agora, tanto o mercado interno como o externo estão retraídos.

EXPECTATIVA

O presidente da Cotrijuí admite que a situação atualmente é de impasse "e também de muita expectativa". A agricultura pode estar vivendo hoje um instante histórico, no sentido de buscar novas saídas, que somente serão encontradas com a definição de uma política oficial clara, por parte do governo. "Tanto o produtor como as cooperativas dependem agora dessas decisões, para que possam se reprogramar", ressalta o presidente da Cotrijuí.

Essa nova política deverá — segundo ele — levar em consideração, em primeiro lugar, os custos financeiros da lavoura — dando atenção

ao fortalecimento das culturas para abastecimento da própria população brasileira. O primeiro passo nesse sentido de fortalecer o mercado interno pode estar sendo dado pelo plano de emergência do governo, que prevê a distribuição de alimentos às populações carentes, através de sacolas com produtos a baixos custos. O programa prevê, inicialmente, a distribuição dos alimentos durante cinco anos.

DIVERSIFICAÇÃO

Mas este programa é emergencial, e dependerá de programações de médio e longo prazos, para que possa ser mantido e estimular a diversificação da produção. Quanto ao mercado externo, tudo irá depender, mais uma vez, no próximo ano, do comportamento dos Estados Unidos, no que se refere às suas intenções de plantio e colheita da soja. Se no final deste ano, o mercado se mostrar menos pior, deverão

ser criados mecanismos capazes de possibilitar a venda antecipada de boa parte da safra brasileira. Isso porque — como vem ocorrendo atualmente — é na época de pique da comercialização, entre abril e junho, que os preços mais sofrem achatamento.

De qualquer forma, como enfatiza Meotti, é preciso reconhecer que o ciclo da soja vai ficando para trás, e que o produtor não mais poderá esperar resultados muito compensadores com esta cultura. "Hoje — lembra ele — o produtor está praticamente jogando a soja pela janela, recebendo em certas regiões preços abaixo do mínimo, para que possa se ver livre de custos financeiros ainda mais elevados". Com vendas antecipadas, antes da colheita, caso o mercado venha a se mostrar favorável no final do ano, muitos dos problemas acontecidos nos últimos anos poderão ser evitados.

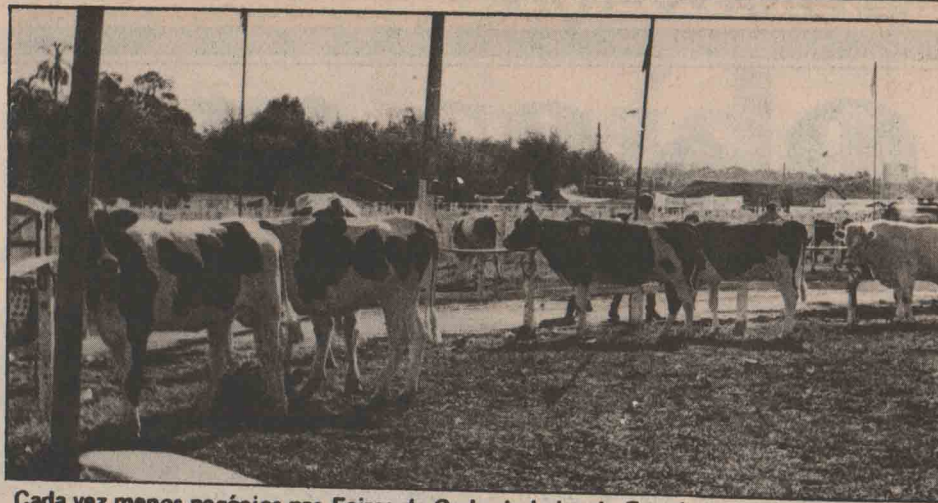
Baixa procura de animais adia Feira

O baixo mercado de animais na região, somado às modificações que estão sendo feitas no Parque Regional de Feiras e Exposições Assis Brasil para abrigar em outubro a II Expo-Ijuí, estão sendo apontadas como responsáveis pelo cancelamento da XI Feira do Gado Leiteiro de Ijuí. "A Feira do Gado Leiteiro, adverte Waldir Groff, inspetor zootécnico da Secretaria da Agricultura e que também atua junto ao departamento técnico da Cotrijuí, não está deixando de ser realizada. Ela apenas foi transferida e deverá acontecer conjuntamente com a Feira Agropecuária a ser realizada no mesmo período da Expo-Ijuí.

Tradicional na região pelo número de animais de qualidade que atrai e pelo volume de negócios que envolvia, a Feira do Gado Leiteiro já vinha mostrando sinais de esgotamento desde 1983. O seu adiamento, na verdade, vem muito mais reforçar uma crise que assola a atividade leiteira, do que mostrar a importância da sua realização junto a um outro evento de maior projeção, como a Expo-Ijuí. Em 1983 por exemplo, apenas 171 animais

compareceram a Feira, sendo que destes só 54 foram comercializados. No ano anterior a Feira tinha sido realizada com 338 animais inscritos — quase o dobro —, dos quais 205 foram comercializados. A décima Feira, realizada no final de julho do ano passado só serviu para reforçar a situação de crise. Dos 230 animais inscritos, apenas 49 foram vendidos, totalizando um volume de Cr\$ 53.090.000. Certamente que os poucos negócios realizados — muitos expositores de outras regiões não fizeram nenhuma venda — desestimulou um pouco a realização da Feira na época tradicional.

Para o Waldir Groff, a falta de negócios ocorrido na Feira anterior é em parte reflexo da crise do setor leiteiro e também consequência do equilíbrio na região entre a oferta e a procura. "Os rebanhos da região estão praticamente definidos e a crise na atividade não tem levado os produtores a comprar mais animais. Mas o Waldir defende a realização da Feira, como uma forma dos produtores venderem os animais excedentes na propriedade. "A Feira sempre se caracterizou por atrair ex-



Cada vez menos negócios nas Feiras de Gado de Leite do Estado

positores e compradores de outras regiões. Só esse fato em si, já justifica a realização da Feira, que em anos anteriores teve mais de 400 animais de excelente qualidade inscritos", defende o Waldir.

SITUAÇÃO GENERALIZADA

A crise nas Feiras não vem acontecendo apenas na região. É uma situação generalizada, que também vem ocorrendo em outras feiras tradicionais do Estado, como a VIII Expofeira de Gado Leiteiro de Bagé, realizada no início de maio. Nem mesmo o bom nível dos animais apresentados na Feira estimulou o volume de negócios, que foi considerado muito fraco, se comparado com Feiras anteriores.

A própria bacia leiteira de Bagé — que já foi considerada a maior do Estado — está com sua produção de leite reduzida em função da venda de matrizes para outras regiões. Só no ano passado — quando foi preciso buscar leite em Pelotas para abastecer a indústria local — acreditava-se que a região tenha perdido em torno de três mil matrizes.

Os altos custos de produção e a pequena margem de lucro do produtor, consequência de uma desatenção oficial para com a atividade, não está estimulando o produtor do estado a adquirir animais para fortalecer o rebanho e aumentar a produção.

Produção continua caindo

A produção de leite no Estado — que já foi o segundo maior produtor do país — continua em franco declínio. Se em 1982 a produção estadual girava por volta dos 551 milhões de litros, em 1984 ela já havia caído para 465 milhões de litros de leite, como reflexo do abandono e da falta de uma política definida para a atividade. Dados da própria Cooperativa Central Gaúcha de Leite mostram que em 1983 a produção caiu em 5,14 por cento e no ano passado em 11,37 por cento.

Mas o declínio na produção de leite não significou de forma alguma a falta de produto no mercado. O consumo humano de leite vem se mantendo estável, embora a população brasileira continue crescendo. Toda a questão da estabilidade do consumo de leite tem muito a ver com o baixo poder aquisitivo do povo brasileiro, que espera na Nova República algumas mudanças que possam inverter toda essa situação. A estabilidade no consumo de leite nos dois últimos anos pode ser comprovada pelos números. Informações do diretor técnico da CCGL, Ernesto Krug e publicadas no boletim informativo da Central dão conta que o volume de leite pasteurizado em 1983 era de 335.414.885 litros, caindo levemente em 1984 para 332.821.096.

BAIXA PRODUTIVIDADE

A própria produtividade leiteira vem caindo de forma bastante acentuada e isso não está acontecendo apenas a nível de estado, mas também de país. Em 1979, a produtividade leiteira brasileira era de 1,87 litros/dia, enquanto que a gaúcha andava em 2,81 litros/dia. No ano passado a produtividade média nacional ficou em 1,67 e a gaúcha caiu para 2,43 litros/dia. De 1979 para cá, segundo Ernesto Krug, a média de produtividade leiteira no Brasil ficou em 1,79 litros/dia e a do Estado em 2,69. Krug considera essa média baixíssima, ainda mais se comparada com a de outros países europeus, que chegam a atingir até 25 litros/dia.

Na área de ação da Cotrijuí, Região Pioneira, onde até o final do mês de abril 2.848 produtores ainda permaneciam na atividade, a situação é semelhante a que vem ocorrendo no resto do Estado. "Isso é sinal, alerta o Almor José Daltozo, o responsável pelo setor de leite da Cotrijuí, "de que ainda estamos atravessan-

do uma crise muito séria e sem perspectivas de uma melhora, a não ser que haja uma mudança na política que orienta a atividade leiteira".

Até 1982 a produção de leite na região da Cotrijuí vinha mantendo um sensível crescimento, como mostra o quadro "A". Em 1981 a produção pulou de 19.186.000 de litros de leite produzidos em 1980 para 22.903.599, com um crescimento de 19,37 por cento. Em 1982 a produção fechou o ano com 24.488.067 litros. A partir de 1983 a produção começou a declinar. A produção desse ano ficou em 21.114.063 litros de leite e uma quebra de 15,97 por cento. A produção de 1984 foi menor ainda, ficando em 19.178.218 litros de leite — menor que a de 1980 — e uma quebra de 10,09 por cento.

MENOS PRODUTORES

Diante de toda a situação em que não existe uma política de amparo ao setor e que os elevados preços dos insumos encarecem os custos de produção, cada vez mais e mais produtores começam a abandonar a atividade, se desfazendo de seus

rebanhos. Até 1982, 3.143 produtores da área de ação da Cotrijuí andavam às voltas com o leite. Em 1983 esse número caiu para 3.026 e em 1984 para 2.836, com uma redução de 6,7 por cento em relação ao ano anterior. Em 1985, computando apenas dados dos meses de janeiro, fevereiro, março e abril, o número de produtores que ainda persiste na atividade leiteira é de 2.943.

O Almor faz ainda uma comparação da produção destes primeiros quatro meses de 85 com o que foi produzido em 1984. Em janeiro do ano passado foram produzidos 1.886.160 litros de leite, enquanto que no último janeiro reduziu para 1.873.395. Em fevereiro foram produzidos 1.567.876 litros contra 1.778.229 produzidos no mesmo mês, mas em 1984. Em março a produção cresceu um pouco, passando de 1.610.403 litros produzidos no ano passado, para 1.673.177 litros, voltando a cair em abril. O mês de janeiro também fechou com uma média, por produtor, de 21 litros de leite por dia, enquanto em abril, ela caiu para 14 litros.

Reforço ao subsídio

A adoção de uma política especial para o setor, subsídio ao leite diretamente para as populações de menor poder aquisitivo aliado a uma política de preços mínimos para o setor e a necessidade de formação de estoques reguladores foram as principais conclusões a que chegaram os participantes — mais de um mil — do II Congresso Pan Americano de Leite, que durante uma semana se dispuseram a analisar a crise da produção leiteira nos países latino-americanos. Além de representantes da América Latina — industriais e produtores —, o II Congresso realizado de 13 a 17 de maio, no Parque Anhembi, em São Paulo, contou com a presença de participantes da França e dos Estados Unidos. No final do Congresso foi redigido um documento — considerado como um esboço de uma política leiteira para os países em desenvolvimento, recomendando a imediata solução para o problema do leite. Esse documento será encaminhado aos governos dos países da América Latina que participaram do Congresso.

Ao sugerirem uma solução para a crise leiteira, os representantes dos vários países alertam para o perigo de se iniciar uma política de aumento da produção de leite, sem existir garantias de que toda a produção suplementar seja colocada no mercado sem lucro pré-determinado para o produtor. Se isso ocorrer e não acontecer um retorno para o investimento aplicado, entendem que o produtor só terá uma saída: abandonar a atividade.

Entendem também que o subsídio se faz necessário como um estímulo à produção. Responsabilizam o baixo poder aquisitivo da grande maioria das populações dos países latino-americanos como responsável pelo baixo consumo de leite. Defendem ainda a formação de estoques reguladores de leite para abastecer o mercado no período de entressafra e uma garantia de preços mínimos ao produtor, que serviria para incrementar a produção de leite nos países em desenvolvimento.

O documento também ressalta a necessidade de se intensificar estudos sobre as doenças epidemiológicas mais graves que atacam os rebanhos, como forma de reduzir custos e viabilizar os investimentos aplicados na atividade. Somente um esforço conjunto entre os governos e as pessoas envolvidas na atividade, poderá melhorar a situação do leite. Recomendam a utilização de uma assistência técnica planejada e integral, a organização dos produtores, e um maior estímulo a produtividade.

A — Demonstrativo do leite recebido — Região Pioneira — Cotrijuí 1980 a 1985

ANO	Quant. litros ano	Quant. litros dia	Nº de produtores (média)	Média por produtores (litro)
1980	19.186.000	53.294	2.953	17
1981	22.903.599	63.621	2.989	20
1982	24.488.067	68.022	3.143	21
1983	21.114.063	58.650	3.026	19
1984	19.178.218	53.272	2.836	18
1985	6.268.733	52.239	2.943	18

Obs: Os valores de 1985 são referentes ao período de janeiro a abril deste ano.

B — Demonstrativo do leite recebido — Região Pioneira — Cotrijuí. Período de janeiro a abril/85

ANO	Quant. litros ano	Quant. litros dia	Nº de produtores	Média por produtores
Janeiro	1.873.395	62.446	2.992	21
Fevereiro	1.567.876	52.262	2.988	18
Março	1.673.177	55.772	2.946	19
Abril	1.154.285	38.476	2.848	14

Fonte: Setor de Leite da Cotrijuí, Região Pioneira

A safra deste ano promete bater recorde

Os associados da Cotrijuí na Região Pioneira poderão bater, este ano, o recorde no volume de laranja comercializado na safra passada. Em 1984, os produtores entregaram mil toneladas do produto, uma marca que ainda não havia sido atingida na Região. A laranja continua com cotação em alta, em decorrência de um bom mercado externo, que se mantém firme nos últimos anos. Nesta safra, o Brasil pretende conseguir com as exportações de sucos, especialmente para os Estados Unidos, algo ao redor de 9 trilhões de cruzeiros.



Produtores receberão 200 cruzeiros pelo quilo da laranja, segundo Baroni

Em São Paulo, a laranja é o produto que mais garante lucros, e muitas antigas fazendas de café estão hoje tomadas por pomares formados a partir do início desta década. É claro que na Região Pioneira da Cotrijuí não há, como ocorre entre os paulistas, a euforia que tomou conta das tradicionais zonas produtoras. Mas também aqui a laranja deixa compensações, assegurando uma receita complementar a centenas de famílias que, até bem pouco tempo, não viam muita vantagem na colheita de uma fruta quase sem valor comercial.

80 CAMINHÕES

Nelci Baroni, gerente do entreposto de hortigranjeiros da Cotrijuí, que coordena a comercialização da laranja, espera que a safra deste ano seja, pelo menos, igual a do ano passado. A entrega foi iniciada na Pioneira no dia 29 de maio, e é possível que a Cotrijuí receba uma quantidade acima das mil toneladas de 1984, que lotaram cerca de 80 caminhões. Também este ano a laranja será vendida à indústria Suvalan, de Bento Gonçalves, que aumentou em 30 por cento sua capacidade de esmagamento, podendo transformar em suco 550 toneladas de frutas por dia.

A safra que está se iniciando, e que irá até o final de junho, poderá ter uma menor produtividade, em relação a do ano passado. Mas é quase certo, segundo Baroni, que haverá, em compensação, um

aumento no número de produtores que comercializam a fruta. O principal estímulo para que isso aconteça, o preço, é atrativo: a Cotrijuí vai pagar Cr\$ 200 pelo quilo da laranja. Este valor é para qualquer variedade, pois toda a laranja será classificada como comum, para destinação à indústria.

BOM AUMENTO

O preço fixado este ano é superior em 233 por cento ao pago em 1984, que ficou em Cr\$ 60. Assim, a laranja é um dos poucos produtos a ter valor corrigido acima do índice da inflação, que em abril ficou acumulada em 228,8 por cento. Baroni conta que muita gente que nunca vendeu laranja antes, hoje procura o entreposto em busca de informações. Ele ressalta que o recebimento, em todas as unidades, será feito de acordo com um calendário, que se baseia nas necessidades da indústria. As datas serão divulgadas a partir de agora pelo rádio, como aconteceu no ano passado.

As unidades receberão qualquer quantidade de laranja, de qualquer tipo e com qualquer tamanho. Mas o produtor deve evitar as frutas machucadas ou quebradas, e de preferência levar o produto ensacado (a sacaria será depois devolvida). Outro alerta de Baroni: as unidades somente farão o recebimento nas datas marcadas, e estes dias serão mantidos mesmo em caso de chuva, para que sejam atendi-

dos os compromissos com a indústria.

INTERCÂMBIO

A movimentação que acontece, quando da safra de laranja, é um fato novo na Região Pioneira e em muitos outros municípios de zonas produtoras de soja. Foi a partir do ano passado que a Cotrijuí passou a contar com a estrutura do entreposto de hortigranjeiros e das unidades, para montar um esquema de comercialização hoje consolidado, segundo Baroni. Esta situação é registrada também em outras cooperativas. "Hoje, há inclusive um intercâmbio de informações para que se discuta preço e mercado, como já se faz com o alho há mais tempo".

Esse intercâmbio que começa a ocorrer, em regiões sem tradição na comercialização da laranja, será aperfeiçoado ano a ano, pois o mercado para a fruta continua promissor. As boas perspectivas fazem com que em São Paulo os produtores passem a exigir a cotação do preço em dólares, e não mais em cruzeiros. Segundo eles, apenas as indústrias vinham tirando proveito, nos últimos anos, das exportações para os Estados Unidos, conseguindo preços — em moeda americana — que não eram repassados a quem produz.

Os paulistas exploram hoje mais de 100 milhões de pés de laranjeiras, o dobro da quantidade existente no início da década de 70. E sairá de São Paulo o grosso da safra deste ano no país, prevista em 270 milhões de caixas de 40 quilos, e

que poderá ser 15 por cento superior à produção do ano passado. Os produtores deverão receber — também conforme estimativas — entre Cr\$ 18 mil e Cr\$ 21 mil pela caixa, contra os Cr\$ 4.500 pagos na safra passada.

MERCADO SEGURO

As indústrias brasileiras, por sua vez, poderão produzir 700 mil toneladas de suco, destinando a maior parte aos Estados Unidos. Há cinco anos, o suco brasileiro representava apenas oito por cento do total importado pelos americanos. No ano passado, 50 por cento das importações de sucos dos Estados Unidos foram procedentes do Brasil. Isso chega a alarmar os produtores da Flórida, onde se concentra o maior número de plantações, atingidas nos últimos anos por geadas e ataques do cancro cítrico.

No ano passado, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos mandou queimar 7 milhões de pés de cítricos na Flórida, para evitar o alastramento do cancro. As novas plantas, que substituem as eliminadas, somente estarão produzindo daqui a quatro anos. Nesse período, o Brasil continuará com mercado seguro, pois os EUA dependem das importações para manter um hábito dos americanos, que é o de incluir o suco de laranja na primeira refeição do dia. E o suco concentrado brasileiro — segundo eles — é tão bom quanto o produzido nos Estados Unidos.

O reforço de 40 mil mudas anuais

A Região Pioneira da Cotrijuí vem contando, a cada ano, com uma média de 120 mil novos pés de cítricos, dos quais 40 mil são de laranjeiras. Em quatro anos, quando começam a produzir, estas laranjeiras podem assegurar uma safra de 4 mil toneladas anuais, considerando-se uma produtividade média de 100 quilos por pé. Essa conta, feita pelo alto, é do agrônomo Hélio Pohlmann, coordenador da área de fruticultura na Cotrijuí, e dá uma idéia do crescimento dos pomares da Região, nos últimos anos.

Este ano, de acordo com encomendas feitas pelos produtores à Cotrijuí e aos viveiristas, é provável que o número de mudas — para plantio em junho e julho — seja superior a esta média. As mudas fornecidas pela Cooperativa, até o final de maio, foram vendidas a Cr\$ 8 mil. Em junho, se houver sobras, a Cotrijuí atenderá pedidos de retardatários. "Há uma tendência de aumento dos pomares já existentes, pois o produtor sabe que poderá comercializar os excedentes", explica o agrônomo.

DOMÉSTICOS

Este aumento não significa que es-

tejam surgindo na Região plantações exclusivamente comerciais. O importante — segundo Hélio Pohlmann — é que os pomares da área de ação da Cooperativa mantenham a característica de atividade doméstica. Ele reconhece que o mercado para a laranja continua favorável, e que podem ser feitos investimentos nesta área, mas sem que se corra o risco de repetir aqui o que acontece atualmente em São Paulo, onde existem grandes fazendas de cítricos.

"A citricultura — afirma ele — deve propiciar uma receita complementar ao agricultor e sua família, sem se transformar na atividade principal da propriedade". Essa recomendação tem sido repetida pela Cotrijuí, todo o ano, para que o maior número possível de propriedades tenha pequenos pomares adequados à realidade da Região. Afinal, como observa o agrônomo, tudo depende das exportações, para que o mercado continue favorável.

É claro que atualmente as condições são favoráveis, e por alguns anos a produção brasileira terá comprador certo, no caso os Estados Unidos. Mas o aumen-

to na produção de laranjas não ocorre apenas no Brasil, hoje o segundo maior exportador de suco concentrado, depois dos EUA, mas também em outros países subdesenvolvidos. Isto pode levar a uma super-oferta do produto, e automaticamente provocar queda nos preços.

20 POR CENTO

Na Região Pioneira da Cotrijuí, as mil toneladas que deverão ser entregues este ano, para comercialização, devem representar, segundo Hélio Pohlmann, apenas uns 20 por cento da safra. Se um volume maior fosse entregue, haveria mercado, pois as indústrias correm atrás de matéria-prima, para poder aumentar suas quotas para o exterior. Os restantes 80 por cento são, em grande parte, destinados ao consumo caseiro, e uma boa parcela é perdida.

A Cooperativa tem estimulado a fruticultura, e não só os investimentos em cítricos, para que toda propriedade conte com um pomar doméstico. As respostas a este incentivo podem ser medidas, por exemplo, na participação cada vez maior de produtores nas semanas de fruticultura, que a Cotrijuí vem realizando anual-



Pohlmann: investir, mas com cautela

mente nos últimos três anos, com palestras, troca de informações e dias de campo. Hoje, as mudas de cítricos que se transformam em 120 mil novos pés de frutíferas por ano, são produzidas na própria Região, com boa qualidade e adaptadas às condições desses municípios.

A lavoura de trigo aumentou em 85%

Os produtores do Mato Grosso estão plantando, neste inverno, em torno de 185 mil hectares de trigo.

Os produtores do Mato Grosso estão plantando mais trigo e mais aveia neste inverno. Enquanto na safra anterior o trigo ocupou nos municípios da área de ação da Cotrijuí 95.422 hectares, representando 65 por cento da área total plantada em todo o Estado, neste inverno está ocupando 177.100 hectares. O aumento da área foi de 85 por cento em relação a lavoura de 1984.

Em todo o estado do Mato Grosso, calcula-se que o trigo esteja ocupando 184.271 hectares, apresentando um crescimento que anda por volta dos 25 por cento em relação a safra de inverno do ano anterior. A produção esperada é de 203.500 toneladas e um rendimento médio de 1.100 quilos por hectare. "Isso vem demonstrar, observa o agrônomo e coordenador do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí no Mato Grosso, o Márcio Portocarrero, que o aumento nas lavouras de trigo vêm ocorrendo na área de ação da Cotrijuí". Com o incremento da área de trigo, também vem crescendo a participação do Estado na produção nacional. A instabilidade da produção, que geralmente ocorre entre um ano e outro, se explica, segundo o agrônomo, pelos altos riscos climáticos inerentes ao seu período de cultivo e pela demora na liberação de verbas para o custeio.

Os municípios de Aral Moreira, Caarapó, Dourados, Itaporã, Maracajú, Ponta Porã, Rio Brilhante e Sidrolândia são responsáveis por 88 por cento do total da área de trigo plantada no Mato Grosso, ou seja, por 164 mil hectares. O município de Dourados tem a maior área de trigo, que alcança 60 mil hectares e onde se espera colher em torno de 1.500 quilos por hectare.

Segundo o Márcio a lavoura de trigo está sendo encarada por grande parte dos produtores como uma saída para o endividamento feito com a lavoura de soja e também como forma de melhor aproveitar, não só a terra que fica desocupada, mas principalmente de toda a infra-estrutura montada na propriedade e que vem sendo utilizada quase que apenas para o plantio da soja. "Sufocados pelas dívidas feitas com a lavoura de soja, que não vem apresentando retorno favorável, os produtores do Mato Grosso estão procurando outras saídas". Outro fator que também contou pontos na hora da decisão de plantar trigo neste inverno, foi a questão dos preços pagos pelo produto no ano passado. "O preço mínimo foi considerado satisfatório e baseado em previsões, os produtores estão acreditando em melhores preços para o produto nesse ano, comenta. Certamente que o incremento do plantio de trigo, embora uma cultura de risco, não deixa de ser uma forma de viabilizar a propriedade e deixar menos terra descoberta durante o inverno.

APENAS 10 POR CENTO

Mas apesar do aumento da área de trigo e também da aveia, as culturas de inverno ocupam apenas 10 por cento do total da área cultivada com as plantas de verão no Mato Grosso. Só a soja, por exemplo, ocupou na última safra, em todo o Estado, 1.302.144 hectares. Na área de ação da Cotrijuí, a lavoura plantada atingiu 805.500 hectares. Durante o inverno, 90 por cento da área tem ficado descoberta, com riscos de erosão.

A ocupação dos solos agrícolas do Mato Grosso, principalmente nos meses de inverno, tem sido o grande desafio en-



Mesmo sendo considerada uma cultura de risco, o trigo vem crescendo como alternativa para o inverno



Também as aveias começam a ganhar a atenção do produtor matogrossense e neste inverno ocupam 20.000 hectares

frentado pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuí na região. "Estamos testando diversas alternativas de inverno, conta o Márcio, que superam o grande problema de falta de umidade durante o período". A falta de umidade é uma consequência da baixa precipitação pluviométrica, agravada ainda mais pela baixa capacidade de água disponível dos solos.

Na safra de 1984 foram cultivados 149.039 hectares de trigo em todo o Estado. O rendimento obtido ficou em torno dos 979 quilos por hectare. Os fatores climáticos, como a estiagem ocorrida na fase de desenvolvimento foi responsável por uma quebra de 26 por cento da área total plantada, comprometendo a produtividade. Nas lavouras plantadas na área de ação da Cotrijuí, o rendimento médio

ficou ao redor dos 940 quilos por hectare, considerado pelo Márcio como baixo. Muitas lavouras, principalmente de algumas regiões que ficaram até 100 dias sem chuva, sofreram com a estiagem. Da área total de perda no Estado - 37.924 hectares - 35.016 hectares foram lavouras de produtores associados da Cotrijuí.

FALTOU SEMENTE

Com a expansão da área de trigo na região do Mato Grosso e os problemas de estiagem ocorridos na safra 84, os produtores se viram às voltas com a falta de semente, tendo que optar, como alternativa, para o plantio da aveia ou então pela "safrinha" de milho.

As cultivares de trigo para a região do Mato Grosso, são definidas em função

das características do solo. Para os solos de mata, a recomendação fica por conta das variedades BR 11, Jupateco, lapar 4, Ananhuac, Cocoraque, Alondra, BH 1146, IAC 13, IAC 18 e Inia 66. As variedades BH 1146, IAC 18, IAC 5 e IAC 13, também são recomendadas para o plantio em solos de campo corrigidos.

Quase toda a lavoura de trigo já está plantada, sendo que 60 por cento se encontra em estágio de germinação e 40 por cento em desenvolvimento vegetativo. A lavoura recém plantada está tendo um desenvolvimento satisfatório, não apresentando nenhum problema de ordem climática ou fotossanitária.

AVEIA

O plantio da aveia também vem crescendo muito na região do Mato Grosso, tanto que neste inverno se espera que a área com as aveias branca e amarela, feche em torno dos 20.000 hectares. Dentro do trabalho desenvolvido pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, buscando novas alternativas para o inverno, não apenas visando a produção de grãos, mas também a cobertura de solo, a aveia vem surgindo como uma excelente alternativa. Tem se adaptado muito bem no solo da região e vem sendo utilizada pelos produtores não só para a produção de grãos, mas também como forrageiras.

As primeiras áreas de aveia preta surgiram por volta de 1980, mas apenas para o uso de forragem e cobertura do solo. Já em 1981, a Cotrijuí deu início a um trabalho de melhoramento de aveia, voltado para produção de grão industrial. Os resultados nesse primeiro teste não foram os melhores. "Tivemos prejuízos em função do retardamento do plantio e da longa estiagem que castigou o inverno naquele ano", justifica o Márcio. No ano seguinte a Cotrijuí voltou a insistir nos trabalhos de melhoramentos, com a instalação de um ensaio de competição de linhagens e um ensaio de épocas de plantio. E apesar da frustração ocorrida com o trigo naquele ano, a aveia apresentou bons resultados, com um rendimento médio em torno dos 872 quilos por hectare. E considerando-se as diferentes épocas de plantio, a melhor produtividade - 1.037 quilos por hectare -, foi obtida com o cultivo realizado em 26 de abril. Em 1983, a aveia apresentou novamente bons resultados, alcançando um rendimento médio de 1.341 quilos por hectare. Foram justamente esses resultados obtidos com os ensaios, que levou a Cotrijuí a incentivar o cultivo da aveia a nível de produtor, transformando-se assim em mais uma alternativa de inverno para o Mato Grosso.

Na safra passada a área de aveia preta plantada pelos produtores da região chegou a alcançar 5.000 hectares. A área de aveia indústria ficou em 365 hectares. As lavouras foram bastante prejudicadas pela estiagem e a produtividade média da aveia indústria ficou em 530 quilos por hectares, nas áreas que foram colhidas. Com o plantio praticamente concluído - em torno de 80 por cento das lavouras de aveia já foram plantadas - os produtores estão quadruplicando a lavoura de aveia neste inverno. Em torno de 20.000 hectares de aveias branca e amarela estão sendo cultivadas.

As cultivares mais recomendadas para a região, considerando as características do solo e condições climáticas, são a UFRGS-1, a UFRGS-2 a UFRGS-4, UPF-5, a CTC e a aveia preta comum.

Lavoura de risco

"Planto trigo que é para não deixar tanta terra descoberta no inverno", diz o seu Abílio Vincenzi, plantador de trigo há cinco anos no Mato Grosso. Seu Abílio, que é mais um dos tantos gaúchos que trocou o Sul pelo Mato Grosso, é proprietário de 100 hectares e arrendatário de mais 180 no município de Maracaju. Ainda não plantou aveia, "uma planta que parece que está dando certo por aqui", porque primeiro quer calcarear toda a terra, para só então colocar a aveia em cima.

Em cinco anos de lida com o trigo no inverno e a soja, o milho e o arroz no verão, o seu Abílio já pode tirar algumas conclusões. Notou que a terra onde planta o trigo no inverno, tem outra produção no verão. "Tenho deixado muita área descoberta nessa época do ano e isso não é bom para a terra. Quando se planta trigo, ou qualquer outra cultura, como a aveia que tem tanto produtor plantando para melhorar as condições do solo, se tem muito mais vantagem do que simplesmente deixar a terra sem nada, criando inço".

Segundo o seu Abílio, além do adubo que fica na terra, tem a palha da cultura anterior que enriquece o solo.

CULTURA DE RISCO

Que o trigo é uma cultura de riscos, o seu Abílio garante que não tem dúvidas, mas mesmo assim, tem tido muita sorte com a planta. Em cinco anos de lavoura de trigo, pegou Proagro apenas no ano passado e assim mesmo, acha que empatou as despesas. Deu para pagar o financiamento e ainda sobrou uns Cr\$ 6 milhões que serviram para cobrir os recursos próprios que tinha aplicado na lavoura.

Só peguei Proagro porque faltou chuva e o trigo deu mal. Mas teve anos em que fui muito bem e cheguei a colher até 18 sacos de trigo por hectare. Foi um ano que me sobrou um bom dinheiro.

Seu Abílio está plantando nessa safra 150 hectares de trigo, da variedade BH 1146. O que falta mesmo para que o trigo dê certo no Mato Grosso, é um pouquinho mais de chuva durante o inverno. "De resto é uma planta sadia e que não tem apresentado problemas de doenças", conta.

SÓ PREJUÍZOS

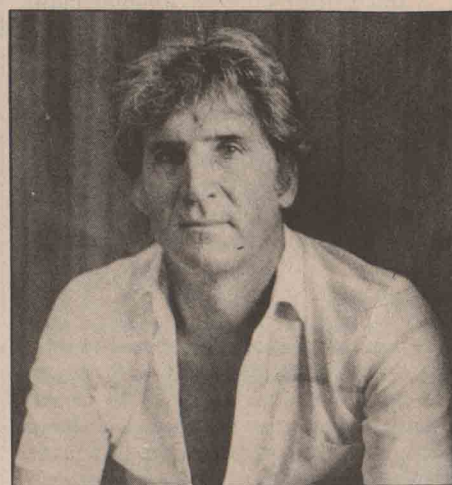
O Nivaldo Krüger, que trocou a profissão de bancário no Paraná pela de agricultor no Mato Grosso e é arrendatário de 150 hectares no município de Dourados, não tem tido muita sorte com a lavoura desde que começou a plantar há dois anos atrás. Começou plantando 70 hectares de trigo e colheu pouco mais de 300 sacos. A falta de chuva judiou demais da lavoura. No verão plantou 90 hectares de soja e tinha uma previsão de colheita para uns 4.000 sacos. Deu 18 dias de seca, que reduziu a colheita pela metade. Na hora da colheita, a chuvarada castigou e de soja bom, sobrou muito pouco. "É para completar, conta o Nivaldo, tive que vender toda a produção pelo preço mínimo. Só tenho tido prejuízos com a lavoura", comenta.

Mas nem toda essa falta de sorte tirou o ânimo do Nivaldo. Nesse inverno plantou 140 hectares de trigo, das variedades BH 1146, Anahuac e Inia. Por enquanto prefere plantar o trigo em toda a área, porque não encontrou outra alternativa. Já ouviu falar da aveia preta, "mas parece que tem problemas de comercialização". Então vou plantando o trigo, que é melhor do que deixar a terra descoberta, inçando". Também nem pensa em fazer qualquer investimento em cima da lavoura de trigo. "Se produzir, muito bem, pego o dinheiro e pago o Banco. Se der outra frustração, ainda assim, acho que foi melhor plantar o trigo, pois serviu de cobertura para o solo".

Mesmo considerando uma planta de risco, o Nivaldo está preferindo plantar o trigo no inverno, do que a soja no



Nivaldo Krüger: melhor o trigo que a soja



Abílio Vincenzi: cobertura para o solo

verão. O trigo, segundo ele, vem apresentando bons preços, "com tendências a melhorar ainda mais. A soja, não se sabe no que vai dar". O que tira o sono do Nivaldo são as lagartas do trigo, uma praga que desconhecia quando morava no Paraná. Aqui no Mato Grosso, em função do clima seco, já aos 45 dias após o plantio, tem que aplicar fungicida senão as lagartas e as brocas comem toda a lavoura. Das variedades plantadas no Mato Grosso, a Inia tem se mostrado muito mais suscetível ao ataque de pragas e doenças.

Melhorar a terra

Thijmen Gijsbertus Beukhof é um dos muitos produtores que já começa a ficar preocupado com tanto solo descoberto no inverno e tão pouca alternativa para ser plantada bem nessa época do ano. Seu Thim, como



Thijmen Beukhof

é mais conhecido na região, é produtor em Picadinha, no município de Maracaju, onde arrenda 535 hectares e planta além da aveia, também o trigo no inverno. No verão ele planta a soja, o milho e o arroz.

Foi justamente essa preocupação que levou o seu Thim a começar a plantar aveia preta já na safra passada. Nesse primeiro ano ele plantou 3.000 quilos e colheu pouco mais de 3.800 quilos. Acha que foi mal por duas razões: o plantio feito a lanço - que acha que não deu resultados e a seca que pegou a planta logo depois da germinação. Diz o seu Thim:

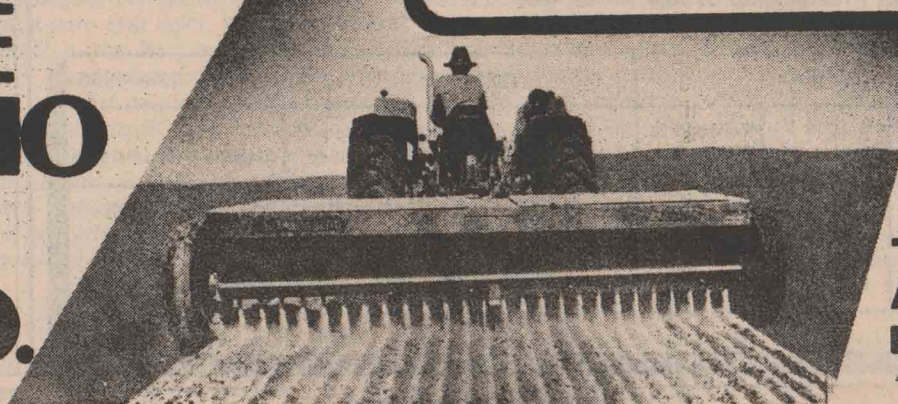
- A planta germinou bem, mas logo veio a seca e matou quase toda a lavoura. Tive um prejuízo grande, mas ainda não desisti. Agora vou experimentar plantar a aveia em terra de mato, que acho que se acerta bem e resiste melhor a estiagem.

Seu Thim considera a aveia uma planta de menos risco que o trigo e que pode muito bem ser plantada sem adubo, caso o produtor tenha a intenção de utilizá-la apenas para cobertura do solo. E tem a vantagem de concorrer com os inços: "É uma cultura que deve ser plantada com duplo propósito. Se falhar, e não produzir grãos, basta incorporar. Não se pode falar muito em prejuízo porque é uma planta que contribui para a melhoria do solo e só isso já compensa".

Neste inverno seu Thim conta que está dando uma caprichada melhor, e vai plantar a aveia em cima da terra preparada com grade pesada, usando adubação adequada. Já adquiriu 2.500 quilos de aveia branca - variedades UPF 4 e CTC - para a produção de grãos e 3.800 quilos de aveia preta para forrageira. "Deixar a terra à toa, não compensa mais.

**CORRIJA
A ACIDEZ
DO SOLO.
APLIQUE
CALCÁRIO
TREVO,
É CLARO.**

**CALCÁRIO
TREVO**



Calcário Trevo, além de corrigir a acidez do solo, melhora o rendimento do adubo, fornece Cálcio e Magnésio para as plantas e permanece ativo por um período de até cinco anos.

Se você ainda tem dúvidas, fale com nossos técnicos e faça o teste na sua lavoura: aplique Calcário Trevo, é claro.

Calcário Trevo - O Branco que dá maior produtividade.

ADUBOS TREVO

ADUBOS TREVO S.A. - GRUPO LUXMA

Av. Padre Cacique, 320 - Fone (0512) 33-1122 - Porto Alegre - RS

Uma boa safra

Mas os preços ruins liquidaram o entusiasmo dos produtores

A área de soja no Mato Grosso voltou a crescer na safra 84/85, contrariando as previsões de que a tendência seria de estabilização. Em todo o Estado foram plantados 1.302.144 hectares, com uma produtividade média de 2.075 quilos por hectare. Na região da Cotrijuí, se comparado com a safra anterior, a área pulou dos 756.120 hectares para 805.500 hectares plantados nesta safra. O crescimento foi de seis por cento. A produtividade na área de ação da Cotrijuí ficou ao redor dos 1.913 quilos por hectare.

O produto colhido no Mato Grosso tem se mostrado de boa qualidade. O que vem causando desestímulo é o fato de não haver mercado para a soja, levando os produtores a comercializar quase toda a sua produção pelos preços mínimos estabelecidos pelo governo e adquiridos pela Companhia de Financiamento a Produção. A margem de lucro está sendo muito pequena e quem colheu menos de 1.500 quilos por hectare, não está conseguindo saldar seus compromissos junto aos bancos.

Os municípios de Aral Moreira, Cassilândia, Dourados, Maracajú, Ponta Porã, Rio Brillante, São Gabriel d'Oeste e Sidrolândia, são os maiores produtores de soja do Mato Grosso do Sul. Apenas nestes oito municípios — a maioria da área de ação da Cotrijuí — a área plantada com soja atingiu 896.170 hectares, representando 69,5 por cento do total da área de todo o Estado.

ARROZ

A lavoura de arroz plantada no Mato Grosso atingiu nesta última safra 252.640 hectares, praticamente toda colhida. A produtividade média ficou ao redor dos 1.171 quilos por hectare. Na área de ação da Cotrijuí, a área de arroz sofreu uma acentuada redução em relação a safra anterior, caindo dos 191.730 hectares plantados na safra 83/84 para 106.910 hectares. A produtividade alcançada ficou em 1.625 quilos por hectare.

Campo Grande, Dourados, Maracajú, Ponta Porã, Rio Brillante e Sidrolândia são responsáveis por 43 por cento do total da área de arroz plantada no Mato Grosso. A maior área plantada de forma individual está localizada no município de Sidrolândia e alcança em torno de 25 mil hectares, com uma produtividade considerada muito boa e onde os produtores chegam a colher até 1.200 quilos por hectare. No município de Maracajú os produtores têm colhido em torno de 1.500 quilos por hectare e em Rio Brillante até 1.400 quilos por hectare.

O arroz vem sendo cultivado em terras novas e principalmente neste ano,

o produtor procurou destinar as áreas arrendadas para a cultura. Assim, ele tem a chance de aproveitar melhor a área, plantando o arroz em consórcio com a brachiária. Depois de colhido o arroz, a pastagem está pronta para ser pastejada pelo gado.

MILHO

O acréscimo da área de milho no Mato Grosso, área de ação da Cotrijuí foi de 35 por cento, passando dos 37.745 hectares plantados na safra 83/84 para 58.410 hectares, representando 42 por cento da área total do Estado, que ficou em 139.628 hectares. A produtividade média no Estado foi de 2.271 quilos por hectare e na área de ação da Cotrijuí de 2.500 quilos por hectare.

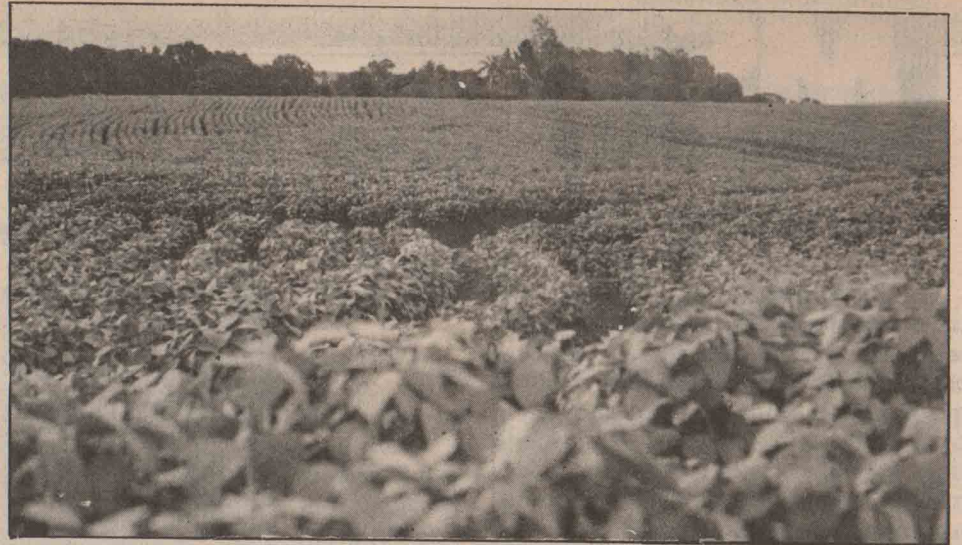
De acordo com os levantamentos realizados pela Comissão Estadual de Planejamento Agrícola, até o final do mês de maio, praticamente toda a safra de milho já havia sido colhida. Em Campo Grande, Cassilândia, Maracajú, Paranaíba, Ponta Porã e São Miguel d'Oeste foram cultivados 10 mil hectares de milho. Nos municípios de São Gabriel d'Oeste e Ponta Porã o milho alcançou uma produtividade média de 3.000 quilos por hectare. Mas a mais alta produtividade foi alcançada no município de Maracajú, onde chegou a ser colhido 3.600 quilos de milho por hectare. Segundo o Márcio Portocarrera, agrônomo e coordenador do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí no Mato Grosso, essa foi a mais alta produtividade registrada no Estado.

No período da entressafra os produtores costumam fazer a chamada "safrinha" de milho. A lavoura é feita logo após a colheita do milho, pelos meses de fevereiro e março, utilizando variedades precoces ou de ciclo médio devido ao curto espaço de tempo entre o plantio e a colheita. Segundo o Márcio não existe nenhum controle da extensão dessas áreas de milho da "safrinha", uma vez que os produtores plantam para o próprio consumo ou então, em alguns casos, para melhor aproveitar o mercado favorável.

FEIJÃO

O feijão, safra das águas, atingiu em 1984 17.034 hectares em todo o Estado, apresentando no final da colheita um rendimento médio de 474 quilos por hectare. Na região da Cotrijuí, a lavoura chegou a alcançar 5.895 hectares na última safra, representando 35 por cento da área plantada no Estado. O rendimento médio ficou ao redor dos 418 quilos por hectare.

O feijão das secas deverá atingir os 30.000 hectares em todo o Estado, sendo que destes, 12.580 estão sendo plantados por produtores associados da Cotrijuí.



A lavoura de soja no Mato Grosso voltou a crescer em 84

Em torno de 92 por cento dos solos para o plantio do feijão das secas ainda estavam sendo preparados até meados do mês de maio. Da área plantada, 49,2 por cento encontra-se em fase de germinação, 48,3 por cento em fase de desenvolvimento vegetativo e 2,4 por cento em floração. De um modo geral as condições climáticas têm favorecido o desenvolvimento das lavouras, sem que até o momento surgisse a ocorrência de pragas ou doenças que possam prejudicar a cultura.

Nos municípios de Bataiporã, Bodoquena, Corumbá, Deodápolis, Dourados, Fátima do Sul, Nova Andradina e Taquarés, a lavoura de feijão da seca está sendo plantada em 22 mil hectares. Apenas no município de Fátima do Sul deverá ser plantado uma área de oito mil hectares, esperando-se uma produtividade média de 700 quilos por hectare.

SORGO

Em 1984 o sorgo atingiu, entre a safra das águas (verão) e a safra das secas (inverno) 6.308 hectares em todo o Estado. Na área da Cotrijuí, o sorgo foi plantado em 4.705 hectares, o que representa 75 por cento do total da área plantada no Estado. A produtividade média ficou ao redor dos 1.637 quilos por hectare. Para este inverno, a previsão é de que sejam plantados 5.492 hectares, sendo que 5.000 hectares deverão ser plantados na Região da Cotrijuí.

O sorgo vem sendo cultivado em pequenas áreas, espalhadas pelo Estado, e a sua maior limitação tem sido a comercialização.

ALGODÃO

Anastácio Bataiporã, Coxim, Deodápolis, Fátima do Sul, Itaquiraí e Paranaíba são os oito municípios que detêm a maior produção de algodão no Mato Grosso do Sul. A maior área plantada, de forma individual e que atinge 12.000 hectares está localizada em Fátima do Sul e pertence a Comissão de Planejamento da Produção Agrícola — CEPA. O município que tem a menor lavoura é Anastácio com pouco mais do que 1.100 hectares e uma produtividade média de 1.800 quilos por hectare. Em Coxim, onde o algodão foi plantado mais tarde, a produtividade chegou a 1.860 quilos por hectare.

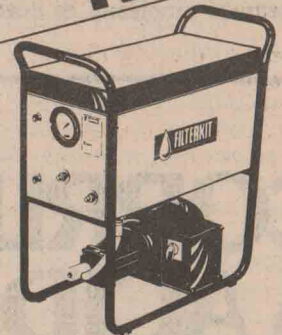
A maioria das lavouras de algodão



O rendimento do milho ficou em 2.500 quilos o ha.

já foram colhidas — 86 por cento, restando ainda 8,8 por cento de plantas que se encontram em fase de maturação. Das lavouras que foram plantadas mais tarde, como aconteceu no município de Coxim, apenas 15 por cento estão em fase de colheita.

DIESEL SUJO NÃO!



Limpe a sujeira e a água do seu Diesel, resolva os seus problemas de bombas e bicos injetores definitivamente. Instale na sua granja o filtro do tamanho da sua necessidade. Filterkit é compacto, eficiente, de baixo custo e garante seu motor certo.

Conheça nos nossos revendedores.

PALMEIRA DAS MISSÕES - Palmitrac - Palmeira das Missões Tratores Ltda.
CARAZINHO - Bucholz & Cia. Ltda.
ERECHIM - Citra Com. de Trat. Máq. e Implementos Agrícolas Ltda.
SANTA ROSA - Bombas Injetoras Sul
CRUZ ALTA - Com. e Repres. Selecta Ltda.
SANTO ANGELO - Uggeri S/A (Entre Ijuís)
SÃO LUIZ GONZAGA - Bombas Injetoras Sul
TRÊS PASSOS - Bombas Injetoras Sul
PASSO FUNDO - Tratorisa Tratores e Implementos Agrícolas Ltda.

Estamos selecionando representantes e revendedores em todo o Brasil.
CONTATO - Porto Alegre (RS)
Tel. (0512) 22-8855 - Tlx. (051) 2242

Levantamento de área e rendimento de soja, milho, sorgo e arroz. Safras 81/82 à 84/85. Região Cotrijuí/RS.

PRODUTOS	1981/1982			1982/1983			1983/1984			1984/1985	
	Área/ha	Rend/Kg/ha	Varição % Área Rend.	Área/ha	Rend/Kg/ha	Varição % Área Rend.	Área/ha	Rend/Kg/ha	Varição % Área Rend.	Área/ha	Rend.Kg/ha
Soja	602.413	1.823	7 4	685.235	2.067	14 13	756.120	1.765	10 (15)	805.500	1.913
Milho	41.575	2.008	1 9	37.546	2.579	(9) 29	37.745	2.372	0,5 (8)	58.410	2.500
Sorgo	1.985	1.452	95 11	2.105	1.980	7 39	3.950	2.360	88 20	4.705	1.637
Arroz	127.804	1.159	(27) (9)	118.943	1.998	(7) 73	191.730	1.373	62 (31)	106.910	1.625

Fonte: IBGE

Confiança garantiu o recebimento

O Mato Grosso colheu neste ano uma de suas maiores safras de soja. Apenas na área de ação da Cotrijuí, onde foram plantados 805.500 hectares de soja, foram entregues na Cooperativa de 313 toneladas do produto, contra as 257.656 toneladas entregues na safra 83/84. "Além da boa safra, diz Vilmar Hendges, diretor da Comercialização e Operações da Cotrijuí no Mato Grosso, "contou muito a confiança do produtor pela Cooperativa". Essa confiança é fruto do trabalho de muitas reuniões da Cooperativa com os produtores e onde se discutiu desde o custo do frete, até problemas de recebimento e comercialização. "A segurança é hoje um fator que tem trazido muitos produtores de volta a Cooperativa, diz ainda o diretor, lembrando que a participação da Cotrijuí no recebimento total do Estado, nesta safra, ficou ao redor dos 25 por cento.

Segundo Guilherme Nepomucena Filho, gerente de comercialização da Cooperativa, o recebimento de soja da Cotrijuí, nesta safra, ficou 54 por cento acima do total recebido na safra 83/84 e 16,45 por cento superior as estimativas de recebimento para esta safra. Do total da produção recebida, Guilherme diz que 61 mil toneladas foram destinadas a exportação, via Paranaguá; 115.467 toneladas foram vendidas para o governo através dos AGFs - Aquisição do Governo Federal - e outras 49.200 toneladas foram destinadas para as indústrias no mercado interno. O saldo de produção a ser comercializado, segundo Guilherme, deverá ser definido em função do comportamento do mercado.

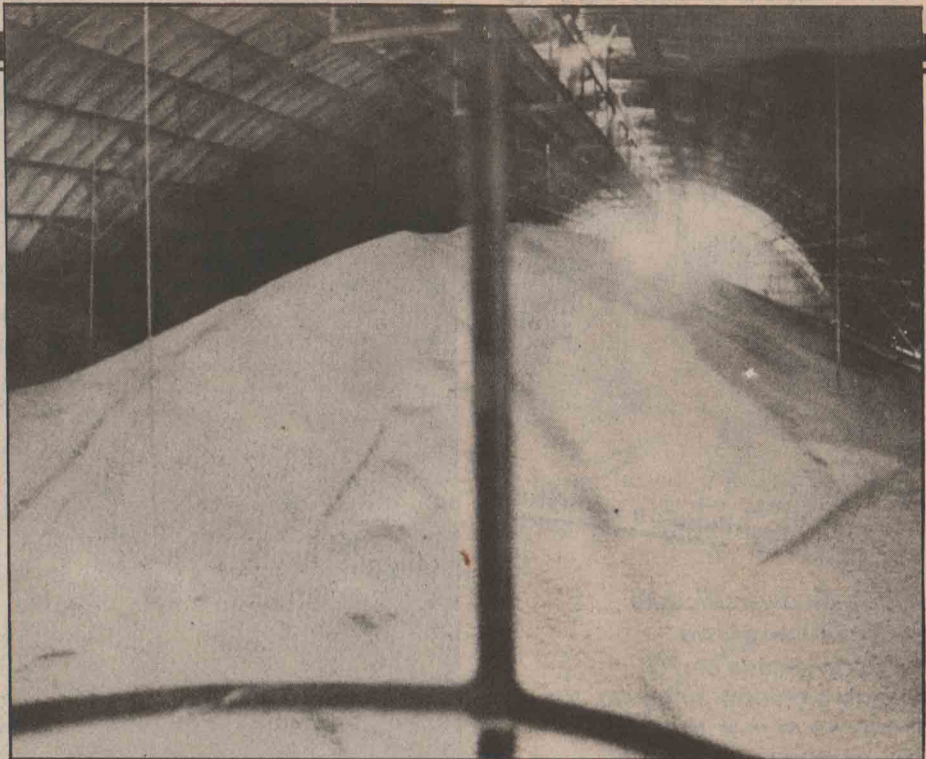
Mas a maior dificuldade enfrentada pelos produtores do Mato Grosso, além, é claro, dos baixos preços, tem sido o alto custo do frete, "dificultando a competição com outros merca-

dos como São Paulo e Paraná, os dois maiores centros de escoamento da produção do Estado, diz Guilherme. "Mesmo assim, a Cotrijuí é sem dúvida, quem vem obtendo os melhores preços". Prova disso, segundo o gerente, é de que aproximadamente 75 por cento da produção recebida, ou foi liquidada ou comprometida com preços futuros.

MARACAJU, MAIOR PRODUÇÃO

A Unidade de Maracaju recebeu nessa safra 75.271 toneladas de soja, 26.756 toneladas a mais que a produção recebida em 84. Vista Alegre, que é um posto de recebimento ligado a unidade de Maracaju, recebeu 13.414 toneladas contra os 11.331 entregues na safra anterior. Para o Antonio Reinaldo Schneid, agrônomo e coordenador técnico da Unidade, esse volume de produção não chega a ser surpresa, já que em Maracaju os produtores são mais cooperativistas, e acreditam no trabalho que a Cooperativa vem fazendo na região. O próprio trabalho de diversificação, de introdução de novas culturas tem sido muito bem aceito pelos produtores. Ele lembra também que é justamente na região de Maracaju que os produtores tem obtido os melhores resultados a nível de lavoura, como resposta pela adoção de técnicas que beneficiam o solo, como a cobertura durante os meses de inverno.

Em Bonito, a produção recebida pela unidade chegou as 26.726 toneladas, 7.494 toneladas a mais do que a produção recebida na safra 83/84. Em Jardim, um posto de recebimento localizado a 60 quilômetros de Bonito, o recebimento superou as sete mil toneladas, quando a estimativa indicava um recebimento por volta das 3.700 toneladas. É possível, diz João Valmir Cezimbra Lopes, o gerente da unidade de Bonito e do posto de Jardim, que até



A Cotrijuí, no Mato Grosso, recebeu mais de 300 mil toneladas de soja nessa safra

o final da colheita, o recebimento feche em 34.800 toneladas. O aumento do recebimento, contado o volume entregue em Bonito e em Jardim cresceu em mais de 50 por cento nessa safra. Além da confiança dos produtores com relação a cooperativa, o Lopes assinala como responsável pelo aumento da entrega da produção, os preços mínimos e o adiantamento dado ao produtor na hora da entrega do produto. "Antes de começar a colheita, já tínhamos comprado praticamente 160.000 sacos de soja".

Por outro lado o Lopes diz que o associado hoje, está vendo a Cooperativa de forma diferente. Ele está sendo mais participativo. "Acredito que é um grande passo, o produtor também se sentir responsável pela sua cooperativa".

MAIOR QUE O CONSUMO

O recebimento de milho pela Cotrijuí no Mato Grosso pulou de 11.893 toneladas entregues em 83/84 para 18.000 toneladas nesta safra. Maracaju com 6.328 toneladas e Sidrolândia com 1.998 toneladas, foram as unidades da

Cotrijuí que mais receberam o produto na área de ação da Cooperativa. Como o preço mínimo do milho é superior ao de mercado, quase toda a produção vem sendo liquidada através de AGFs. A falta de consumo de milho no estado do Mato Grosso, faz com que quase toda a produção seja comercializada em São Paulo. "A produção é muito superior ao consumo do estado", lembra Guilherme Nepomucena.

Já o recebimento de arroz pela cooperativa caiu de 14.928 toneladas em 84 para 10.315 toneladas nesta safra. Maracaju e Sidrolândia foram as unidades que mais receberam arroz. Mas não foi apenas o recebimento de arroz que caiu. A própria área de plantio reduziu de 343 mil hectares plantados na safra 83/84, para 255 mil hectares nesse ano. Tudo isso aconteceu, segundo Guilherme, em função dos baixos preços pagos ao produtor na safra passada. A soja estourou e ocupou as áreas de arroz, só que nesse ano a situação se inverteu. Hoje o arroz de sequeiro, tipo 3, saca de 60 quilos, está valendo Cr\$ 50.460 e a soja Cr\$ 46.740.

Uma situação nunca vista

"Estou meio assustado", diz o agricultor Álvaro Monteiro Mascarenhas. Esse preço está muito baixo em relação ao que o produtor paga de juro. Vim na Cooperativa para conversar com o gerente e saber até onde vai essa situação do preço da soja". Seu Álvaro é proprietário de 370 hectares de terra em Alagoas das Pedras, no município de Bonito, onde plantou nesse verão 270 hectares de soja e colheu em torno de 10.000 sacos. Também plantou milho e arroz. A colheita de arroz lhe rendeu 800 sacos.

Seu Álvaro já liquidou toda a produção de soja. Vendeu 1.200 sacos em dólares, 1.000 sacos a preço futuro para fins de maio - pegando em torno de Cr\$. 56.000 pelo saco - e liquidou o resto da produção pelo preço mínimo. Diz que o melhor negócio que fez foi vender os 1.000 sacos pelo preço futuro. Também não sabe se vai poder pagar todos os compromissos feitos em função da safra de soja.

- É duro para o produtor ter que entregar a sua produção por um preço tão baixo. Faz 10 anos que estou trabalhando com a soja e ainda não tinha visto uma situação igual, onde o preço de mercado veio parar abaixo do preço mínimo. O negócio bom mesmo que fiz nesta safra foi com o arroz, que vendi ao preço de Cr\$. 54.000 o saco.

Agora a preocupação do seu Álvaro é com a aquisição de uma colheitadeira. Comprou pensando no resultado da colheita da soja, mas agora já está achando que não vai ter condições de pagar. Também não sabe se compra adubo agora para a próxima lavoura de verão ou se espera

mais um tempo. "Se é verdade que a inflação vai baixar, como estão falando, não compensa comprar adubo agora nessa época, pagar no fim do mês e guardar até a época do plantio. É melhor esperar mais para o fim do ano".

SEGURANDO A PRODUÇÃO

O produtor Paulo Manno, também de Bonito, é proprietário de 2.000 hectares e arrendatário de mais 1.100 hectares. Suas lavouras estão distribuídas pelo Mato Grosso e Goiás. Plantou na última safra 2.700 hectares de soja e colheu 103 mil sacos, 300 hectares de arroz e colheu 4.700 sacos e plantou ainda uns 100 hectares com feijão e milho.

Para Paulo, que até meados de maio tinha liquidado apenas 16 mil sacos de soja pelo preço mínimo e outros 2.000 pelo preço futuro para o final de maio, o ciclo da soja está chegando ao fim. E garante que se o governo não tratar de resolver essa situação, corrigindo os preços mínimos ainda para essa safra, vai reduzir drasticamente a sua lavoura de soja, pois não quer mais saber de plantar com prejuízo.

- Por enquanto estou segurando a minha produção. Não considero esse preço mínimo um bom negócio. É como pagar um ano de trabalho e de despesas e jogar a mercadoria fora. Tem muito produtor que não vai conseguir nem empatar os custos da lavoura.

Paulo também não espera uma reação dos preços da soja a nível de mercado, "a não ser que dê uma grande seca nos Estados Unidos, mas nessas alturas, o produtor já terá vendido toda a sua produção". Acredita que se persistir essa situação de preço mínimo, muitos produ-



Álvaro Mascarenhas

Paulo Manno

Artêmio Bannosk

tores irão a falência, pois não terão dinheiro para pagar os bancos. Ele faz as contas e mostra como pode ficar a situação de um produtor que colheu pouco mais de 30 sacos por hectare.

- Se um agricultor colheu 30 sacos de soja por hectare, ele vai receber pela venda dessa produção em torno de Cr\$. 1.200.000. Se pegou no Banco Cr\$. 400.000 de custeio para fazer o plantio desse hectare, já estará pagando hoje, justamente Cr\$ 1.200.000. E a amortização das máquinas, a sobrevivência do produtor, onde é que ficam? Estamos trabalhando com capital parado.

Por considerar a soja como uma mercadoria instável, Paulo pretende daqui para frente, se dedicar mais ao plantio do arroz, da mamona e do milho, deixando apenas um terço do total da área para a soja. Mesmo considerando a lavoura de arroz um tanto arriscada e até de baixa produtividade, ele acha que é negócio. "O produto está com bons preços e a lavoura tem um custo bem menor que a da soja".

PERDENDO DINHEIRO

Artêmio Pedro Bannosk, produtor em Maracaju é arrendatário de 120 hectares, todos destinados ao plantio da soja. A colheita rendeu ao seu Artêmio 45 sacos por hectare. Quase toda a produção

foi liquidada ao preço mínimo. Como liquidou no início de abril, pegou Cr\$. 43.800 pelo saco. Apenas 1.370 sacos foram vendidos pelo preço futuro para fins de maio, pegando Cr\$ 57.000 pelo saco.

Seu Artêmio não está lá muito satisfeito com os negócios que fez, pois acredita que saiu perdendo dinheiro. "Considerando todos os gastos de formação da lavoura, só na venda da produção, estamos perdendo em torno de Cr\$ 25.000 por cada saco. A situação do seu Artêmio só não é pior, ele também é arrendatário, porque não fez nenhum gasto para pagar com a safra da soja e foi bem de lavoura.

- A minha sorte é que colhi bem e não tinha dívidas além do pagamento da terra. Se colhesse 30 sacos por hectare, como tem muita gente colhendo, ia fechar com prejuízo. E mesmo assim, não vai me sobrar dinheiro. O lucro que teria, tenho de pagar o dono da terra.

A intenção do seu Artêmio era a de arrendar mais um pedaço de terra para aumentar a área com soja, mas se continuar essa situação de preço, ele vai repetir a mesma lavoura. Como já tem semente e adubo guardado em casa, vai tentar tocar a lavoura com recursos próprios. "Vou arriscar e tentar ganhar nos juros o que teria de pagar aos bancos, caso fosse pagar financiamento".

DIVERSIFICAÇÃO



Renato: diversificação é irreversível

A idéia de diversificação da lavoura surgiu no início da década de 70, quando o crédito ainda era barato e a monocultura não havia mostrado todos os danos que causaria ao solo. Hoje, o trigo vai deixando de ser a única alternativa de inverno, mas a produção diversificada continua a enfrentar obstáculos, especialmente a falta de apoio oficial. Mesmo assim, a proposta vai sendo levada adiante, puxada por produtores que sabem ser esta a única saída para se salvar o solo

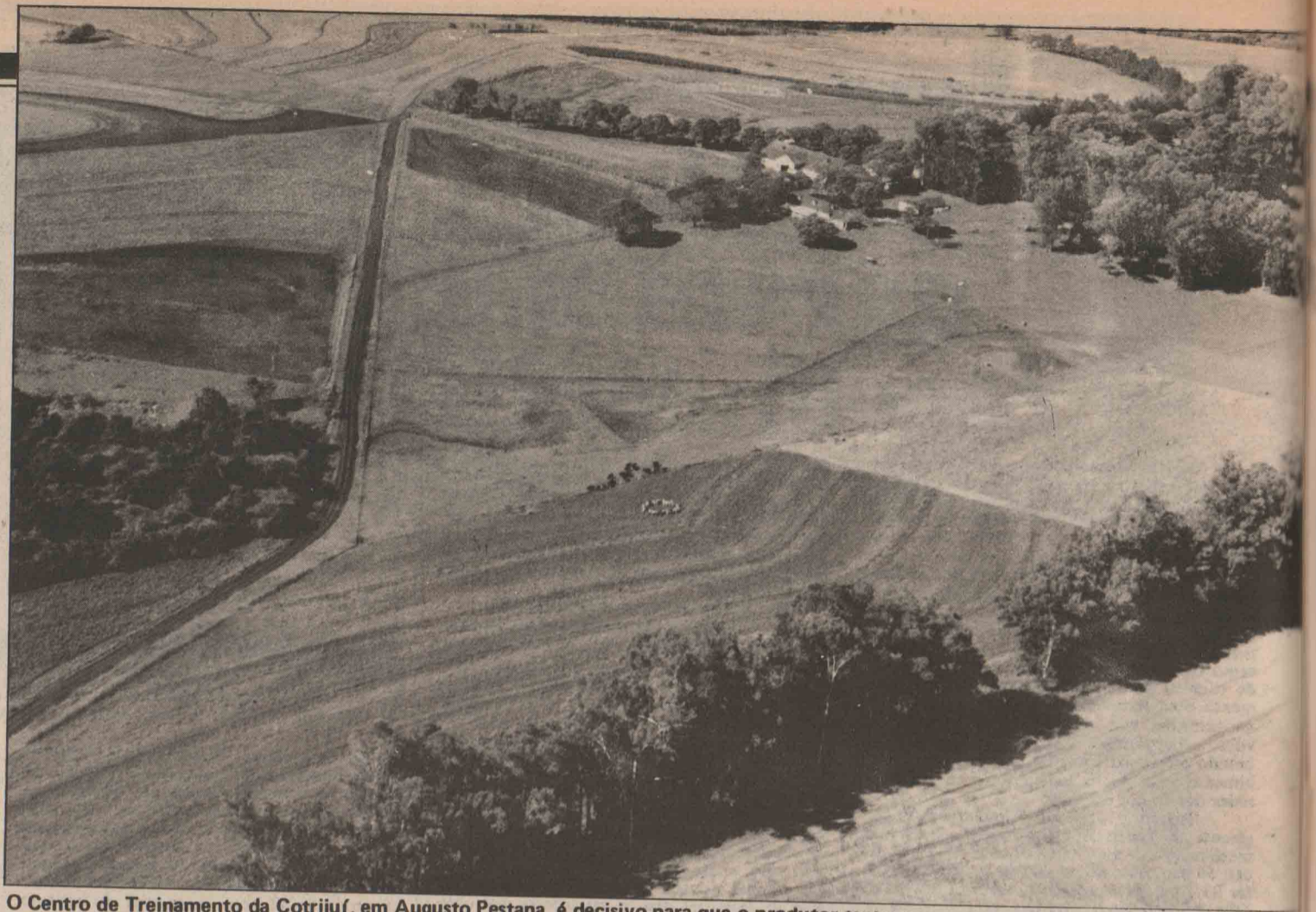
O que plantar no inverno? Vale a pena insistir com o trigo? Quem garante o mercado para a colza, a linhaça, a cevada e outras culturas alternativas? Será compensador investir em pastagem e na criação de gado de leite? Para cada uma destas perguntas, as respostas nem sempre têm sido as mesmas, a cada ano. Os aspectos técnicos, a situação do mercado, os incentivos do governo, tudo isto tem seu peso, na hora em que se buscam definições para as lavouras de inverno. Mas para todas estas indagações há pelo menos uma certeza: vale a pena diversificar a produção. Mais do que isto: é preciso preservar a terra.

A idéia da diversificação nasceu no início da década de 70, e sempre levou em conta a situação da lavoura de inverno na Região Pioneira da Cotrijuí. Até hoje esta preocupação gira em torno das alternativas capazes de substituir parte das extensas áreas ocupadas pelo trigo, especialmente nos anos 60 e 70, levando em conta os fatores técnicos, econômicos e sociais. Os obstáculos técnicos vão sendo superados, mas a proposta ainda esbarra num mercado instável, que impede a plena viabilização econômica das culturas alternativas.

COMPROMISSOS

Todo ano tem sido assim. As novas opções de inverno (veja a tabela na página ao lado) ocupam áreas que oscilam pra cima e pra baixo, com poucas exceções, como é o caso da aveia. A diversificação, que não busca apenas o resultado imediato, mesmo assim vai conseguindo cumprir também com seu compromisso social. O agricultor e sua família mantêm a esperança de continuar lidando com a terra, a partir de uma proposta concreta. Esta proposta pode esbarrar na política oficial para o setor, na falta de preços compensadores e na concorrência dos produtos exportados, mas está cada vez mais viva e consolidada entre os produtores.

O diretor técnico da Cotrijuí, Renato Borges de Medeiros, acompanhou todo o processo de implantação da diversificação, desde o seu início. Ele lembra que começou a trabalhar na Cooperativa, como agrônomo, em 1973, e naquela época o que mais se falava era em trazer terneiros da região da Campanha, para terminação na Região Pioneira. É a partir daí que se propaga



O Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana, é decisivo para que o produtor tenha novas alternativas

UMA IDÉIA MADURA

A proposta da diversificação enfrenta barreiras mas se consolida

a idéia de integração lavoura-pecuária. A Cotrijuí inicia então um programa visando a produção de sementes de forrageiras na própria Região, utilizando uma área cedida pela Escola Fazenda Assis Brasil, mantida pelo município.

SURGE O CTC

Em 1974, uma coleção de forrageiras é implantada no então Posto Agropecuário do Ministério da Agricultura, em Augusto Pestana, com áreas de alfafa, setária kazungula, gatton pânico e pensacola. Este projeto foi conduzido em colaboração com o chefe do posto, agrônomo Hilnon Correa Leite. Em 1976, a diretoria agrotécnica, sob a chefia do agrônomo Nedy Borges, decide assumir o Posto, em regime de comodato, por 10 anos, e surge então o CTC — Centro de Treinamento da Cotrijuí. Recentemente, esta concessão do Ministério à Cooperativa foi renovada por mais 10 anos.

“O CTC — relembra Renato — foi decisivo para que se levasse adiante a idéia da diversificação, através de projetos de pecuária de corte e de leite, suinocultura, fruticultura e outros, que são mantidos até hoje”. A integração lavoura-pecuária ganharia impulso com as feiras de terneiros, que se realizam a partir de 1973. Na primeira destas feiras, em Carazinho, a Cotrijuí adquiriu 25 animais, repassados depois a associados. Aos poucos, evoluía a proposta de ocupação de áreas com pastagens, em substituição à lavoura de trigo, para a terminação de gado de corte no inverno.

GADO DE LEITE

Renato observa que o estímulo ao engorde de terneiros ocorreu antes de se incentivar uma atividade que melhor se adaptaria à região, a criação de gado de leite. Em 1976, esta alternativa ganha força, com o surgimento da Cooperativa Central Gaúcha de Leite. “A idéia da CCGL — conta o diretor técnico — nasceu aqui, na Pioneira, e teve sua criação concretizada após uma visita à Cooperativa Central de Leite de Minas Gerais”.

O próprio Renato passou 2 anos na Austrália, entre 1979 e 1980, para que a Cotrijuí pudesse incrementar a integração lavoura-pecuária. Com os australianos, ele aprimorou seus conhecimentos técnicos na área de forrageiras, que passaram a ser utili-

zados na Região Pioneira. Com a formação de pastagens, tenta se conciliar os aspectos técnicos e econômicos. Primeiro, com a cobertura vegetal do solo no inverno, que evita a erosão e contribui para recuperar a fertilidade da terra. E em segundo lugar, com a possibilidade de criação de animais de leite ou de corte.

MENOS TRIGO

Esta idéia básica, de que o solo precisa permanecer coberto no inverno, é o ponto de partida da proposta da diversificação, como ressalta Renato. Com esta intenção é que surgem também as outras alternativas de inverno, como a colza, a linhaça, a aveia, a cevada, para produção de grãos. As opções visam substituir o trigo, em áreas antes tomadas por esta cultura, e que desde o início da década de 80 estão cada vez mais ociosas. Afinal, o trigo, que chegou a ocupar 238.500 hectares na Pioneira em 1979, deve ficar, este ano, com uma lavoura ao redor de 73 mil hectares.

Durante duas décadas, nos anos 60 e 70, a triticultura reinou como única opção de inverno na Região. Ela puxou a modernização da agricultura, com máquinas, fertilizantes e crédito, e se manteve todo este tempo como dona da lavoura às custas do crédito subsidiado, da compra estatal, do Proagro. Foi assim que o trigo se transformou numa monocultura, sem sofrer a ameaça de lavouras concorrentes. Renato Borges de Medeiros observa que, na verdade, a cultura nunca apresentou bons resultados, pois exige clima frio e seco, que não encontra na Região.

RESULTADOS

Mas a insistência com o trigo, mantida pela política oficial, acabou levando ao desgaste do solo, à proliferação de doenças e ao impasse que o agricultor passou a enfrentar, no final dos anos 70, com o fim das facilidades de crédito. A lavoura, que já não apresentava bons rendimentos técnicos, tornou-se inviável economicamente, por seus altos custos e baixos retornos. O esgotamento da monocultura, que se traduz na própria redução nas áreas de plantio, nos últimos anos, vai aos poucos tornando inevitável a diversificação.

Um exame, mesmo pelo alto, da evolução das áreas ocupadas pelas alternativas de inverno mostra que os resultados, basea-

dos em números, não parecem muito animadores. Nos últimos quatro anos, as lavouras que substituem o trigo na Pioneira não se mantêm estáveis. No total, estas alternativas somaram 49.366 hectares em 1981 (veja a tabela); 45.154, em 1982; 30.345, em 1983; e 44.336 hectares em 1984. Este ano, deverão somar, conforme estimativas, algo ao redor de 47.463 hectares. As lavouras alternativas sobem e descem, de acordo com os rendimentos técnicos do ano anterior, com os custos, os preços mínimos e as perspectivas de mercado.

FALTA APOIO

Essa instabilidade ocorre, principalmente, porque não há uma política definida para produtos que se destinam ao mercado interno. Vale lembrar que opções como a colza, a linhaça e a lentilha não contam nem mesmo com VBC (Valor Básico de Custeio) e preços mínimos. Outras culturas, que se mostram viáveis técnica e economicamente, como a aveia, concorrem no mercado com produtos importados. De que forma um programa de diversificação, como o que a Cotrijuí implantou há mais de 12 anos, pode enfrentar tantas barreiras e se consolidar?

Para Renato Borges de Medeiros, “não se pode esperar melhores resultados de propostas como esta, sem apoio governamental”. Mas ele se inclui entre os otimistas, diante das boas intenções manifestadas pela Nova República para com a agricultura. “Temos certeza — diz o agrônomo — de que o novo governo terá a clareza necessária para encaminhar soluções, mesmo porque contamos hoje com pessoas comprometidas com isso no Ministério da Agricultura”.

Esta boa intenção deve levar em consideração não só a viabilização técnica e econômica de lavouras alternativas, a partir do ponto de vista de quem produz. O sucesso de programas de diversificação dependem também do modelo econômico como um todo. “É preciso — afirma Renato — recuperar o poder de compra da população, para que ela consuma mais e existam mercado e preços. Precisamos apostar na produção de alimentos como solução técnica, econômica e social”.

Cobertura do solo em primeiro lugar

As áreas com soja e milho somaram 342.670 hectares na safra deste ano na Região Pioneira. Já a área de inverno, com trigo, aveia, linhaça, colza e outras culturas, além de pastagens, deve ficar em torno de 120.463 hectares na próxima safra. Levando-se em conta a lavoura de verão, a Pioneira terá mais de 222 mil hectares sem planta no inverno. Isso quer dizer que a área plantada, nesta época, é inferior a que ficará sem qualquer cobertura vegetal.

Estes números levam a uma indagação feita muitas vezes nos últimos anos: é possível ocupar, no inverno, a mesma área ocupada pela lavoura de verão? Mesmo que o novo governo venha a incentivar os programas de diversificação, é praticamente inviável conseguir no inverno uma produção de grãos equivalente à da soja e do milho. É isto porque — como explica Renato Borges de Medeiros — não há exemplo, na agricultura, de uma mesma área que produza duas grandes safras por ano.

OCIOSIDADE

A explicação é importante, para que se entenda a proposta da diversificação. O diretor técnico da Cotrijuí ressalta que, em primeiro lugar, a implantação de culturas alternativas deve considerar a necessidade de se preservar o solo, e não a produção em massa de grãos. Um solo sem cobertura no inverno sofrerá os efeitos da erosão, que irão comprometer sua estrutura e fertilida-

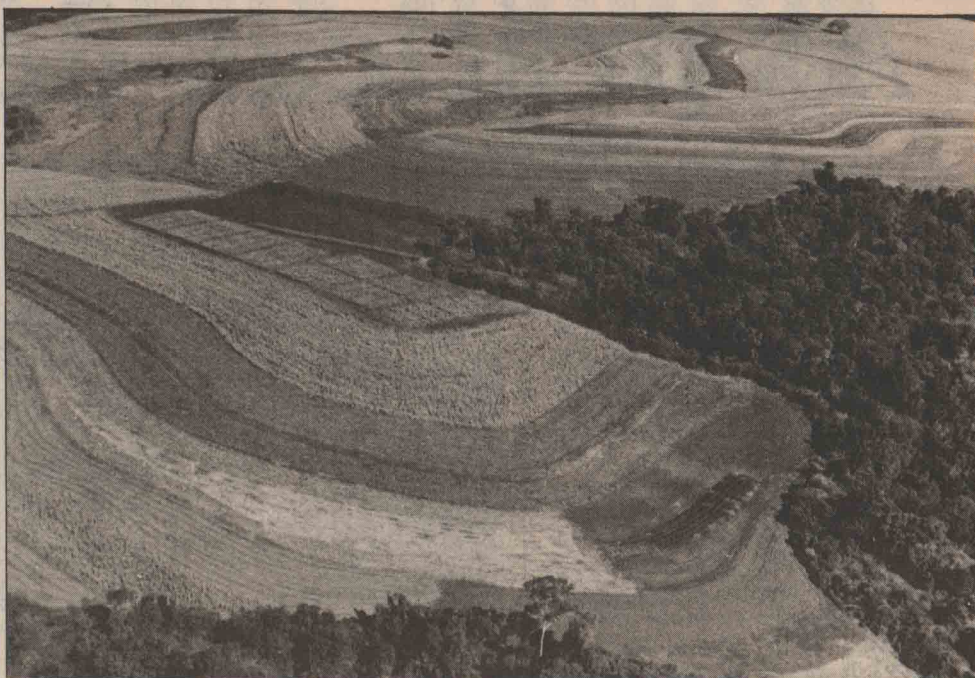
de. A diversificação surge assim como única alternativa para que, com o fim das grandes áreas de trigo, não se enfrente outro problema, representado pela ociosidade da terra.

É claro que esta proposta leva em conta também o aspecto econômico, apresentando como opções não só as pastagens (para integração lavoura-pecuária), mas também as lavouras para produção de grãos (aveia, colza, linhaça, cevada e outras). Mas seria impossível de se repetir no inverno uma safra agrícola que competisse, em volume de grãos, com as lavouras de verão, como a soja e o milho. O solo não suportaria tanto manejo, e não teria como garantir a renovação de nutrientes para duas safras.

ROTAÇÃO

“O inverno surge como uma oportunidade ímpar, para que se recupere os solos ocupados pela soja e o milho no verão”, afirma Renato. Para que essa recuperação aconteça, a rotação de culturas é o primeiro passo a ser dado. E este rodízio somente será eficiente com a ocupação racional, no inverno, das áreas usadas com o plantio do milho e da soja. Aí é que entram as lavouras para grãos e as pastagens anuais e perenes.

O Departamento Agrotécnico sugere, por exemplo, que o agricultor divida a área em cinco partes, e faça a seguinte distribuição: uma parte com trigo; a segun-



Áreas com novas opções oscilam todo ano, conforme o apoio oficial e o mercado

da com grãos alternativos (aveia, cevada, linho, colza e outros); a terceira com adubação verde (tremoço, ervilhaca, aveia, etc); a quarta parte com pastagens anuais (aveia, azevém, trevos); e a quinta com pastagens perenes (bermuda, pensacola, alfafa). Este rodízio irá, em primeiro lugar, garantir a recuperação do solo, com a troca de cada uma das áreas, em rotação, a cada ano.

FORAGEIRAS

“O importante — afirma Renato — é investir na preservação do solo, e se possível conseguir rendimentos financeiros”. É claro que ninguém irá recomendar o produtor a apenas cuidar da conservação da lavoura, esquecendo-se do lado econômico. Mas o certo é que a receita financeira da diversificação está cada vez mais difícil, pe-

la falta de apoio oficial que garanta preços não só para os grãos, mas inclusive para o leite (veja na página 6).

E dessa forma que a atividade diversificada vai se transformando numa luta de técnicos e agricultores teimosos, que se conscientizaram de que, apesar de tantas barreiras, não há outra saída além desta. Se não fosse assim, não haveria, como vai ocorrer este ano, um aumento na área de forrageiras na Região Pioneira, que passará dos 21.688 hectares do ano passado para 27.040 hectares. Os resultados imediatos são, como nunca, necessários para que o produtor possa continuar sua vida. Mas ele consegue deixar o imediatismo, para investir no que mais interessa: a terra que a monocultura quase arrasou.

AS LAVOURAS DE INVERNO NA PIONEIRA NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS

Culturas	1980		1981		1982		1983		1984		1985
	Área (ha)	Produtividade (Kg/ha)	Área (ha)	Produtividade (Kg/ha)	Área (ha)	Produtividade (Kg/ha)	Área (ha)	Produtividade (Kg/ha)	Área (ha)	Produtividade (Kg/ha)	Área (ha)
Aveia (grãos)	—	—	10.343	1.274	14.700	366	8.930	870	5.410	710	10.000
Colza	663	728	4.250	1.074	750	903	1.730	920	2.840	598	1.605
Linhaça	5.608	511	4.908	955	1.880	955	2.790	830	7.130	633	3.620
Cevada	565	339	5.100	1.687	5.630	359	5.660	1.133	7.090	665	5.030
Alho	—	—	52	2.036	144	2.107	145	2.059	100	1.754	77
Tremoço	3.260	—	15.012	745	7.800	482	320	—	30	—	—
Azevém	—	—	3.051	—	3.250	—	3.575	—	10.337	—	11.675
Trigo	177.501	469	90.400	1.170	166.600	434	81.500	989	70.180	566	73.000
Centeio	—	—	493	710	—	—	25	—	48	—	69
Aveia (pastag.)	—	—	6.157	—	11.000	—	7.170	—	10.090	—	13.400
Totais	—	—	139.766	—	211.754	—	111.845	—	113.255	—	120.463

Os números são referentes à Região Pioneira da Cotrijuí. São considerados dados a partir de 1980, porque não havia controle estatístico anterior àquele ano. Os números de 1985 são baseados em estimativas das áreas de plantio para a safra deste ano.

II ENCONTRO SOBRE CULTURAS DE INVERNO

Teoria e prática em debate

A diversificação não evita apenas o desgaste físico do solo, com todos os problemas provocados pela erosão. A rotação de culturas ajuda também na renovação de matéria orgânica, na redução da incidência de doenças, no menor uso de herbicidas e no controle de pragas. Esses lembretes foram debatidos mais uma vez este ano, no II Encontro Sobre Culturas de Inverno, promovido pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, em todas unidades da Região Pioneira. O encontro repetiu, em maio, o que já havia acontecido no ano passado, com técnicos e produtores trocando idéias em reuniões realizadas nos núcleos. Vale a pena lembrar algumas orientações técnicas, como as que se seguem abaixo:

● O produtor deve realizar o mínimo de trabalho complementar, com pouco trânsito de máquinas, em áreas que tiveram subsolagem. Nessas áreas, recomenda-se o plantio de culturas com sistema radicular agressivo e profundo, se

possível através de uma simples semeadura a lanço.

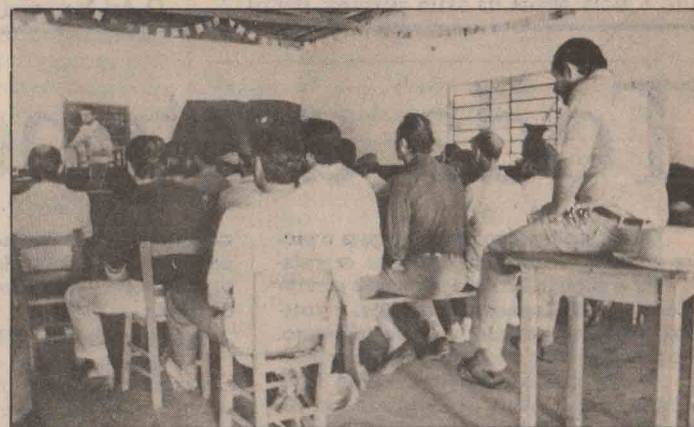
● Nas áreas que serão destinadas à soja, as melhores alternativas no inverno, para rotação, são a aveia, o azevém, a colza e o trigo. Onde irá se plantar milho, recomenda-se ervilhaca, tremoço, trevos e sincho, entre outras. A aveia preta é boa alternativa, especialmente quando se pretende fazer o plantio direto da soja.

● Vem sendo observado um aumento da incidência de doenças, principalmente do solo, em áreas de trigo em que o plantio direto vem acontecendo seguidamente. Nessas áreas, o solo deve ser arado profundamente, para que se reduza a incidência de moléstias. A recomendação geral é no sentido de que as culturas de verão sejam implantadas por plantio direto, e as de inverno, em especial o trigo, por plantio convencional, em solo arado.

● Os solos da Região eram ricos em potássio, e durante muito tempo foram

utilizadas fórmulas ricas em fósforo e pobres em potássio. Hoje, já se sabe que em função disso há solos deficientes de potássio. O produtor deve estar atento, para voltar a utilizar fórmulas mais concentradas em potássio, quando a análise assim recomendar.

● O produtor deve estar atento também para soluções ditas milagrosas. O calcário de conchas, por exemplo, não deve ser usado como fertilizante, já que é apenas corretivo, ou seja, um calcário que não atua como adubo. O produtor deve considerar, no caso dos adubos orgânicos, a quantidade de nutrientes presentes nas fórmulas, e não o valor da tonelada do produto. Adubos que aparentemente oferecem mais, considerando-se



Em reuniões nos núcleos o produtor ouve e também sugere

só a tonelagem, não são tão compensadores, se for levado em conta o custo da unidade de N.P.K.

● Com a doação integral das práticas de manejo de solo, algumas propriedades da região estão também aderindo ao terraço de base larga. Em áreas com declive de até 10 por cento, estes terraços podem ser construídos inclusive cortando as propriedades, sem respeitar as divisas. O terraço de base larga retém a água da chuva, sendo construído em nível, sem o uso de equipamentos especiais.

As práticas de conservação

"A terra é a riqueza do agricultor", diz seu Erich Breunig, conhecido entre seus vizinhos de Portão Velho, no município de Coronel Bicaco pelo capricho com que trata a terra. Seu Erich é proprietário de 145 hectares de terra, onde planta trigo, aveia e colza durante o inverno mais soja e milho no verão. Seus quatro filhos — duas meninas e dois meninos — também estão seguindo os mesmos passos do pai. "Eles têm consciência de que a terra precisa de cuidados, de que nada adianta ser dono de 500 hectares, e deixar a erosão tomar conta", reforça seu Erich. Essa preocupação com o solo, em manter suas características físicas para que continue produzindo, seu Erich trás de casa, desde quando ainda era criança e acompanhava o pai nas lidas da lavoura.

Antes de pensar em construir terraços na lavoura e fazer gradagem, seu Erich acha que o produtor deve mesmo é se preocupar com a manutenção de uma cobertura no solo. Garante que de nada adianta dizer que é caprichoso, que constrói terraços, que faz plantio direto e rotação todos os anos, se nem bem colhe a lavoura, já toca fogo nos restos da cultura. "Medidas isoladas não resolvem o problema. É um conjunto de medidas que precisam ser adotadas e levadas adiante pelo produtor que quer mesmo cuidar do seu solo. E a conservação da palha, dos restos de cultura é fundamental para o solo".

O TRIGO EM FAIXAS

Um adepto da rotação de culturas, seu Erich planta o trigo numa mesma área durante três anos e depois muda para aveia para a produção de grãos ou a colza para incorporação. Costuma plantar o trigo em faixas de terra bem preparada, intercalada por uma de aveia. Com a terra bem preparada, faz o plantio da soja direto, evitando assim de mexer a terra mais de uma vez por ano. E nem as máquinas entram na lavoura.

Todos esses cuidados com o solo têm levado o seu Erich a fazer boas colheitas de trigo. De quatro anos para cá, desde que adotou o sistema de rotação de culturas, vem mantendo uma média de colheita de 1.149 quilos por hectare, "líquido, com todos os descontos de umidade e impureza", diz. Num ano de safra normal, chegou a colher 1.800 quilos por hectare. "É tem que considerar que nesses quatro anos, a lavoura pegou uma chuva de granizo bem quando o trigo estava lourendo e uma geada na safra passada. Por



Erich Breunig: até os desaguidores são gramados



Eclairto: falta alternativa



Ari Noronha: o trigo a cada três anos

isso, considero essa média de 1.149 quilos por hectare muito boa".

O seu Erich começou, alguns anos atrás, terraceando toda a área de lavoura. Hoje, de cada três terraços já tirou dois. De agora em diante, vou conservar esses terraços". Mas adverte que tirar os terraços como fez, é um trabalho que não pode ser feito em qualquer área. "Estou tirando os terraços porque acho que eles já fizeram a sua parte. A minha terra é bem subsolada, adoto práticas que considero importantes, como o plantio direto e a rotação de culturas. Não tenho mais problemas com a água das chuvas, que infiltram no solo e não correm mais pela lavoura levando tudo pela frente, causando erosão".

Mas os cuidados do seu Erich não ficam apenas nas lavouras. "A propriedade é vista como um todo", diz ele. Todas as barrancas de estradas que fazem divisa com a sua propriedade e os canais desaguidores são gramados, para evitar que as chuvas carreguem tudo.

OS PREJUÍZOS DA EROSIÃO

O Ari Noronha, proprietário de 165

hectares em Rincão da Ponte, Ijuí, é outro produtor que vem se preocupando com a sua terra. Tudo começou, segundo o Ari, há uns três anos atrás, "quando dei por conta que a erosão estava tomando as lavouras e dando prejuízo".

Começou fazendo subsolagem, mas em seguida percebeu que práticas isoladas, "por mais bem intencionadas que sejam", não resolvem o problema. Passou a adotar outras práticas em conjunto, como a rotação de culturas e o plantio direto. No início fez plantio direto numa área pequena, mas já para esse verão, o Ari vai fazer toda a lavoura de soja e de milho sem mexer na terra. Mas para tanto, ele já está se preparando desde agora. Na área em que vai plantar o milho no verão, — em torno de 40 hectares — o Ari está plantando ervilhaca, com semente própria, para servir de cobertura morta e adubo. Mas antes deu uma boa calcareada no solo e fez uma subsolagem. Quando chegar perto do plantio do milho, pretende passar um rolo de faca sobre a área.

Ainda nesse inverno vai plantar 30 hectares de trigo e mais 10 de aveia para grão. O resto da área, depois de uma boa subsolagem, vai plantar aveia preta só para cobertura. Plantar para cobertura, segundo o Ari, controla a erosão e melhora as condições físicas do solo. "Quem gosta da terra, diz, não deixa descoberta no inverno. O retorno de quem planta apenas para cobertura está na melhoria do solo e no aumento do rendimento da lavoura subsequente".

Outra prática que o Ari não dispensa desde que passou a dar maior atenção ao solo é a rotação, que faz tanto com as culturas de verão como de inverno. O trigo, por exemplo, tem achado por bem plantar apenas a cada três anos. Planta um ano e deixa de plantar três. Também tem procurado colocar o trigo sempre como cultura sucessora do milho, por achar que ele se adapta melhor na resteva do milho do que da soja. Acha que deixando a terra algum tempo longe do trigo, muitas doenças de raiz e de solo podem ser evitadas. "Hoje não se colhe mais trigo, mais em função das doenças do que por razões climáticas", fala.

Também tem observado que sempre que planta soja numa área que no verão anterior havia sido ocupada pelo milho, o rendimento cresce de cinco a seis sacos por hectare. "A mesma coisa acontece com uma área que ficou coberta durante o inverno. O rendimento sempre é superior se for comparada com uma outra área que tenha ficado em pousio.

AUMENTA A PRODUTIVIDADE

Desde que começou a plantar, em 1972, o Eclairto Vilmar Klever, proprietário de 50 hectares em Boca da Picada, Augusto Pestana, tratou de cuidar melhor do solo, fazendo terraceamento, correção do solo a cada dois anos e rotação de cultura. Planta o trigo sempre apenas 30 por cento da área. "Assim, levo sempre três anos para voltar a plantar trigo na mesma área. "Ainda planta no inverno a colza e a aveia. Também o Eclairto já observou que o trigo que não é plantado na mesma área nasce mais sadio. "As doenças de raízes não aparecem tanto". Esse ano vai deixar um pedaço de lavoura com aveia, que nasceu por conta, para incorporar. Só lamenta que às vezes seja obrigado a deixar algum pedaço de lavoura sem planta por falta de alternativa. Faz toda a lavoura de verão com plantio direto e tem notado que a água da chuva infiltra melhor na terra.

Toda a atenção

Qual a melhor época do ano para o produtor iniciar a recuperação dos solos degradados? Para o Rivaldo Dhein, agrônomo e gerente do Centro de Treinamento da Cotrijuí é justamente agora, no período de outono/inverno, que o produtor deve dispensar uma maior atenção a seu solo, dando início aos trabalhos de recuperação daquelas áreas degradadas. Neste período conta com vários pontos a seu favor, como a ocorrência de chuvas bem distribuídas. É também agora no outono/inverno que as chuvas erosivas — aquelas que carregam grande quantidade de terra, adubos, calcário e sementes — caem com menor frequência. Sendo assim, o produtor tem condições de melhor preparar a terra.

Como é nesta época do ano que grande extensões permanecem descobertas, o produtor pode muito bem trabalhar a terra com calma, sem prejudicar a lavoura. A existência de uma série de alternativas de culturas indicadas para a cobertura do solo e de enraizamento profundo, como a aveia, o azevém, os trevos, a colza, a ervilhaca, entre outras, vem reforçar as práticas de recuperação de solo que o produtor pode utili-

zar. Essas alternativas, segundo o Rivaldo, tem um baixo custo de implantação, e tanto servem para a cobertura do solo como para a produção de grãos.

A SUBSOLAGEM EM PRIMEIRO PLANO

Todo o trabalho a ser dado em direção a recuperação de áreas fisicamente degradadas, segundo o Rivaldo, deve começar por uma subsolagem ou escarificação profunda, de mais ou menos 30 centímetros. Essa subsolagem deverá ser capaz de romper o pé-de-arado — aquela camada compacta que existe por cima do solo — para permitir a infiltração da água e o enraizamento de culturas. Para a realização desse trabalho o produtor pode usar um implemento adequado, que atinja a profundidade do solo e permita a fragmentação da camada compactada do solo entre os sulcos rasgados pelos "ferros". Hoje já existem excelentes subsoladores, com ferros mais estreitos e inclinados no sentido do deslocamento e "unhas" mais estreitas que os antigos pés-de-patos. Esses subsoladores têm se revelado mais eficientes para a realização desse trabalho de descompactação do solo.

Para essas áreas, trabalhadas com subso-

lagem, o Rivaldo recomenda, principalmente no primeiro ano, o mínimo de trabalho complementar e de trânsito de máquinas. Aconselha a implantação de uma cultura densa e de sistema radicular agressivo e profundo, de preferência, semeado a lanço. Uma outra prática é usar, acoplada ao subsolador, um rolo compactador, que tanto pode ser uma tora de eucalipto, uma madeira pesada e quadrada ou um pedaço de trilho de trem, com a finalidade de promover o destocamento e permitir a semeadura a lanço. Não aconselha o produtor a voltar com a máquina sobre a lavoura, mas se houver necessidade de cobrir a semente, arrastar sobre a área um galho seco na grade de dentes, ou em último caso, uma grade de discos bem fechada.

ROTAÇÃO DE CULTURAS

As culturas a serem implantadas deverão fazer parte de um sistema de rotação de culturas. Nas áreas destinadas ao plantio da soja, as plantas que melhor se adaptam a este sistema são a aveia, o azevém, a colza e o trigo. Onde o produtor pretende cultivar milho, o ideal é plantar a ervilhaca, o tremoço, trevos e sincho. A aveia preta aparece como excelente alternativa, especialmente quando a intenção é o plantio direto da soja. É uma cultura de sistema radicular abundante e de alta produção de massa, servindo tanto para a proteção contra a erosão como para o controle de invasoras. O linho é outra opção excelente para a rotação de culturas.

Para a cultura do trigo, o Rivaldo recomenda a escolha de áreas, que nos últimos anos

não tenham sido cultivadas com cereais, como o próprio trigo, a cevada e o centeio. É que, segundo o agrônomo, tem-se observado um aumento na incidência de doenças, principalmente de solo, em áreas onde o plantio direto vem sendo feito de forma contínua. "O ideal é que as culturas de verão sejam implantadas através de plantio direto e as de inverno, principalmente o trigo, por semeadura convencional.

Quando os solos forem pobres é importante que as culturas de cobertura sejam adubadas, para que apresentem um bom desenvolvimento e produzam os efeitos de descompactação, de cobertura vegetal e de incorporação da matéria orgânica. E mesmo que essas culturas não sejam colhidas, o adubo não é perdido, pois ao ser absorvido pela planta, é devolvido ao solo quando da incorporação da planta sob a forma orgânica. Ele será lentamente devolvido à cultura posterior, assim que ela necessitar dos nutrientes.

A NECESSIDADE DE COBERTURA

É muito importante que o produtor não deixe o solo descoberto durante o inverno. O impacto das chuvas provoca sua degradação e a erosão carrega o solo, a matéria orgânica e todos os fertilizantes. "Convém lembrar que um centímetro de solo, que leva 300 anos para se formar, pode ser perdido e carregado pelas águas das chuvas em poucos minutos", alerta o Rivaldo, lembrando que nestes casos é melhor que os inços cubram o solo, do que mantê-lo "limpo" durante o inverno.

Europeu muda seus hábitos

Consumo de alimentos sofre mudanças na Europa, e também atinge a soja

Argemiro Luís Brum - de Montpellier - França

No momento em que mais uma safra de soja está sendo comercializada, considero importante abordar algumas idéias que estão presentes hoje na Europa. Os produtores brasileiros devem estar percebendo que, apesar da forte queda do dólar em relação as moedas européias, depois de meados de março, os preços da soja na Bolsa de Cereais de Chicago pouco se alteraram, em especial para o grão e o farelo.

O dólar caiu de 10,53 francos em março passado para 9 francos no dia 19.04. Isto significa 14 por cento de queda em cerca de um mês. Entretanto, apesar da recuperação dos preços na Bolsa de Chicago durante o mês de março (no dia 10/03 o grão estava em US\$ 5,76/Bushel para o mês de maio e no dia 25/03 já estava em US\$ 6,07/Bushel, isto é, 5,4 por cento de aumento), já no mês de abril os preços voltaram a cair, em especial para o farelo. As cotações de 16 de abril, para o mês de maio, mostram que o grão estava em US\$ 5,94/Bushel, o farelo em US\$ 128,30/tonelada curta e o óleo em 32,08 cents de dólar por libra, respectivamente -2,1 por cento, -6,3 por cento e +5,8 por cento, em relação as cotações do dia 25.03.

Em outras palavras, é preciso desmistificar um pouco o papel do dólar neste jogo do mercado. Ele influi, mas em determinados casos e quando ocorre uma soma de fatores que atingem o mercado na mesma época de suas variações.

Não é o caso hoje. Aliás, vimos aqui na Europa o dólar subir vertiginosamente de agosto/84 até metade de março/85 (passou de aproximadamente 8,60 francos para 10,53 francos), enquanto os preços do farelo de soja aos criadores franceses e europeus em geral baixaram espetacularmente (de 3,15 francos o quilo em julho/agosto/83 para 1,80 francos/kg hoje, e ofertas para julho/85 entre 1,60 e 1,50 francos/kg) quando deveria acontecer o contrário. Atualmente o dólar despenca e os preços da soja e do farelo baixaram na Bolsa, quando se esperava que aumentassem, estimulados pelo provável aumento de compradores.



A pecuária européia produz uma carne muito cara

SOBRA FARELO

A questão é simples: há muito farelo de soja no mercado, muitos estoques esperando comprador e as safras do Brasil e da Argentina chegando em bons níveis em termos de produção. Além disso, a Europa já não está mais consumindo tanto farelo como antigamente. O consumo de farelo de soja caiu em 1,2 por cento em 1983 e em 8,1 por cento em 1984 na França, que é o principal país comprador do farelo brasileiro. Depois de 1975, estes foram os únicos dois anos de diminuição no consumo, o que pode estar apontando uma tendência para o futuro.

Mas atrás desta simplicidade existem muitos outros fatores. Entre eles, parece estar despontando uma tendência a nível mundial de que são os óleos que passam a assumir o primeiro posto em importância entre os derivados dos produtos oleaginosos como a soja. A sustentação dos excelentes preços do óleo de soja na Bolsa de Chicago parecem confirmar esta nova tendência. Entretanto, se ela vem a se confirmar, estaremos diante de um problema para a soja. Seu teor de óleo gira em torno de 18,5 por cento enquanto outros produtos como a colza chegam a 40 por cento ou ainda a palma que alcança acima de 50 por cento nas regiões da Malásia. Mas este é um tema a ser melhor analisado.

Um outro fator, que em princípio parece não ter muita importância, mas que vem se acentuando depois do início

desta década é a mudança dos hábitos de consumo alimentar dos europeus e particularmente dos franceses. É sobre este último ponto que vou me deter um pouco mais.

O CHAMADO MODELO ALIMENTAR OCIDENTAL

Este modelo identifica hoje os chamados países desenvolvidos na medida em que a sua base é o forte consumo de carnes e ovos. A França se situa neste modelo e para mantê-lo estimulou a produção de carne de forma intensiva (gado estabulado e projetos integrados de aves e suínos). A base da alimentação destes animais é a proteína e a energia. Como energia os franceses utilizam o milho e como proteína o farelo de soja importado (o do Brasil possui 48 por cento de teor proteico). Em outras palavras, adotou o modelo soja/milho já há tempos difundido pelos Estados Unidos da América.

Assim, o consumo de carnes por pessoa ao ano aumentou em 23 por cento nos últimos 20 anos chegando a 85,5 kg conforme a tabela a seguir:

	1964	1970	1984
Bovinos	58,5	62,7	67,8
Aves	10,7	12,1	17,7
Suínos	25,3	28,1	34,8
Outras	30,9	32,9	36,2
Total	69,3	74,8	85,5

Fonte: FEEDSTUFFS (EUA), Janeiro/85 p. 22

Mas em compensação as importações de farelos proteicos chegaram a 153 por cento de aumento nos últimos 14 anos, sendo que do total importado em 1984 (3.441.283 de toneladas) a soja participa com 93 por cento).

A ocidentalização do modelo de consumo alimentar é evidente se analisarmos a tabela número 2.

Mas esta tabela permite verificar também que o grupo carnes e ovos vem sendo o mais caro. É isto que, a partir de 1980 principalmente, vem fazendo com que os franceses aumentem mais o consumo de cereais, açúcares, legumes secos e peixe em detrimento das carnes, por exemplo. As cifras percentuais na tabela comprovam isto.

Tabela nº 2 - Consumo das famílias francesas por categoria de produtos e em valor (valores base - 1971) em bilhões de francos)

	CR	FL	LT	VO	MG	SM+LS	PS	Outros
1974	18,8	20,8	19,5	58,5	10,6	23,7	5,9	24,9
1983	59,4	55,1	65,8	159,1	20,4	71,6	18,6	63,5
(%)	216	165	237	172	92	202	215	155

CR - cereais, raízes e tubérculos; FL - frutas e legumes; LT - leite; VO - carne e ovos; MG - matérias gordurosas; SM - açúcar e mel; LS - legumes secos; PS - peixe

Fonte - INSEE - Annuaire statistique de la France 1984 - Resultats de 1983. 89 é volume, 855 p.

Menos carne na mesa do francês

O processo de redução do consumo da carne é lento, mas vem se consolidando na França. A crise do poder de compra, ligada ao aumento do desemprego, são as molas deste mecanismo. Um mecanismo que tem no "fast-food" (refeição rápida) sua característica. Isto é, os franceses, que têm no hábito da refeição à mesa uma das suas principais características sócio-culturais, estão perdendo este costume devido a crise financeira. E, o "fast-food" não utiliza quase nada de carne, e quando a utiliza é de baixa qualidade (exemplo: bife de carne moída para hambúrguer). Decididamente não é a carne produzida na França.

Na medida em que o consumo não cresce e até mesmo baixa nas famílias francesas, conforme mostra a Tabela nº 3, é preciso encontrar outras saídas para a produção. A saída normal seria o mercado externo, mas este também está saturado e não tem dinheiro para pagar uma carne cara como a européia.

Por enquanto a solução está sendo subsidiar estoques e exportações, porém, isto custa caro em época de crise e não poderá ser mantido eternamente.

Neste sentido, a nível do meio rural algumas medidas já começam a ser tomadas. A diminuição na produção geral de carnes conforme a tabela a seguir evidencia.

Uma outra medida é a diminuição nos custos de produção. Neste último caso, o farelo de soja importado conta muito. Enquanto ele se mantiver nestes baixos preços não compensa substituí-lo embora as inúmeras experiências já em andamento aqui na França desde 1973 (os franceses já produzem 1,3 milhão de toneladas de colza e 887 mil de girassol). Entretanto, a este preço quem irá produzir soja?

Esta é mais uma realidade do mercado mundial das proteínas e que precisa ser acompanhada nos anos a seguir. Ela, junto com muitas outras, começam a definir uma nova tendência econômica para o mundo. Tendência esta que pode ser, do lado rural, a intensificação do modelo modernizador (a crise de muitos agricultores nos Estados Unidos, no Brasil, na Argentina e aqui na Europa parece indicar este caminho) ou um novo tipo de Divisão Internacional do Trabalho que

começaria no próprio meio rural.

E o caminho não é privilegiando alguns a obterem estes conhecimentos, pois esta é a característica da concentração do modelo modernizador, que acabou lançando o meio rural mundial nesta panela de pressão depois de 1950.

Em ambos os casos, qualquer que seja o meio para enfrentar esta nova realidade, é preciso ser eficiente. E eficiência, neste caso, não significa intensificar a modernização das propriedades rurais e aumentar os empréstimos nos bancos. Significa conhecer e entender como jogam os mecanismos técnicos, econômicos e políticos em que a atividade de produtor rural está envolvido, antes mesmo de exe-

cutarmos qualquer ação visando o mercado.

Tabela nº 4 - Produção de Carnes na França (em milhares de toneladas)

	1975	1981	1984 ⁺
Bovinos	1.502	1.614	1.612
Terneiros	366	370	381
Suínos	1.396	1.786	1.442
Equinos	21	17	13
Ovinos	131	175	162
Aves	823	1.238	1.053
Total	4.239	5.200	4.663

(+) Estimativas provisórias OFIVAL
Fonte: SIDO/Charles Robert/INRA

Tabela nº 3 - Coeficiente orçamentário utilizado pelas famílias francesas nos diversos grupos de alimentos.

	CR	FL	LT	VO	MG	SM+LS	PS	Outros	Total
1970	2,6	3,1	2,6	8,2	1,4	3,3	0,8	3,6	25,6
1983	2,3	2,2	2,5	6,3	0,8	2,8	0,7	2,5	20,1

Fonte: INSEE - Annuaire statistique de la France 1984 - Resultats de 1983 - 89 é volume, 855 p.

Desta vez não saiu acordo

Trabalhadores pediram novos benefícios, mas não houve entendimento com patrões

Empregadores e trabalhadores rurais de Ijuí não chegaram a um acordo, para definição das normas trabalhistas da convenção coletiva deste ano. É a primeira vez que isso acontece, desde que a convenção foi implantada no município, em 1982, para melhor regular os direitos e as obrigações de patrões e empregados. Até agora, as cláusulas vinham sendo estabelecidas através de entendimento entre as partes. O acordo não ocorreu, e a decisão fica a cargo do Tribunal Regional do Trabalho.

O entendimento não aconteceu porque os patrões pretendiam manter a convenção coletiva do ano passado, não aceitando alterações propostas pelos empregados. Estas novidades foram definidas em assembléia do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, dia 16 de março. Desse encontro é que saíram as reivindicações dos empregados, para a convenção que entraria em vigor no dia 1º de maio, como ocorre a cada ano.

10 NOVOS ÍTENS

As negociações foram iniciadas, mas no dia 8 de abril o Sindicato Rural Patronal realizou uma assembléia e ficou decidido que a proposta com mudanças não deveria ser aceita. Mesmo assim, no dia 26 do mesmo mês foi realizada uma reunião em Porto Alegre, com as comissões de negociações dos dois sindicatos, e não houve entendimento. Este encontro teve a mediação da Delegacia Regional do Trabalho. No dia 22 de maio em Ijuí, em audiência na Junta de Conciliação e Julgamento, novamente não houve acordo.

Agora, a convenção coletiva vai a julgamento no Tribunal Regional do Trabalho, que deve dar seu parecer nos próximos meses. Os empregadores não aceitaram 10 novos itens da convenção, entre estes piso salarial dos trabalhadores, ou seja, o salário mínimo do empregado rural. A proposta rejeitada sugere um piso com 10 por cento acima do salário mínimo, que é de Cr\$ 333.120. O piso seria então de Cr\$ 366.432.

Os trabalhadores pedem também direito à folga nos sábados à tarde; horas extras variáveis, de acordo com o tempo trabalhado; acréscimos para horas trabalhadas aos sábados à tarde, domingos e feriados; adicional de insalubridade (quando lidarem com agrotóxicos); e folga de



Proposta dos trabalhadores acrescentou 10 novos itens à convenção deste ano

um dia por mês. Há também outras reivindicações, que foram rejeitadas. Abaixo, uma síntese da proposta dos empregados:

Piso salarial

Fica assegurado para os empregados representados pela categoria profissional um piso salarial equivalente ao salário mínimo regional, acrescido de 10 por cento mensal. Produtividade: Os empregados rurais que percebem até dois salários mínimos será aplicado um aumento, no mês de maio de 85, de seis por cento, e aos que recebem acima disto um aumento de quatro por cento, como produtividade. Proporcionalidade: aos empregados admitidos após a data-base deverá ser observada a proporcionalidade de um sexto por mês de serviço, no tocante à correção semestral automática, e a proporcionalidade de 1/12 (um doze avos) por mês de serviço, no que se refere à produtividade.

Repouso

No regime de compensação de horário, o sábado à tarde será considerado para todos os efeitos como repouso remunerado.

Horas Extras

Os empregados poderão, nos casos inadiáveis, prestar serviços suplementares até o limite de 12 horas de trabalho por dia. As primeiras duas horas extras serão remuneradas com acréscimo de 40 por cento, e as demais com 60 por cento.

Revezamento

Todo o empregado terá direito ao repouso semanal remunerado. Este repouso poderá, no entanto, ser deslocado, no máximo duas vezes por mês, para outro dia que não sejam o domingo ou o sábado à tarde, quando em regime de compensação de horário. Os domingos ou sábados à tarde e também os feriados trabalhados serão compensados por outro dia da

semana, com a remuneração acrescida de 100 por cento sobre a hora normal. Não ocorrendo a compensação por outro dia, haverá acréscimo de mais 100 por cento.

Moradia

Sempre que o empregador fornecer a moradia ao empregado, não será feito nenhum desconto salarial. Quando não fornecer a habitação, acrescentará ao salário do trabalhador 20 por cento sobre o salário mínimo. Em ambos os casos, os 20 por cento serão integrados ao cálculo das verbas rescisórias.

Alimentação

Sempre que o empregador fornecer alimentação aos trabalhadores, no local de trabalho, esta deverá ser quente, suficiente e servida sob abrigo seguro contra chuvas, ventos e sol.

Insalubridade

Nos meses em que trabalhar com agentes insalubres, o empregado terá direito a um adicional de 20 por cento sobre o salário mínimo, quando trabalhar com aplicação de formicida granulado ou manusear (transporte, carga ou descarga) agrotóxicos e pesticidas embalados em latas. O acréscimo será de 40 por cento, quando o empregado manusear agrotóxicos ou pesticidas não enlatados, na aplicação ou incorporação dos mesmos ao solo, e quando executar outras tarefas em lavoura recém-pulverizada.

Educação

Como incentivo à educação, o empregador custeará as despesas com material e/ou matrícula escolar de seus empregados ou dependentes, quando estudantes, no valor equivalente a 20 por cento do salário mínimo por ano a cada estudante, mediante apresentação do comprovante das despesas.

Folga mensal

Sem prejuízo salarial, os empregados por tempo indeterminado gozarão de um dia de folga por mês de trabalho, a fim de buscarem suprimentos e/ou resolver afazeres particulares.

Transporte

Os veículos destinados ao transporte de trabalhadores rurais deverão satisfazer as condições de segurança e comodidade, sem ônus para o trabalhador. Fica vetado o transporte de ferramentas no mesmo compartimento usado pelos trabalhadores.

Empregadores querem a convenção anterior

Os empregadores decidiram rejeitar a proposta de mudanças nas cláusulas da convenção do ano passado, com base na assembléia do dia 8 de abril. O sindicato patronal apresentou seus argumentos, para cada um dos itens, em documento encaminhado à Junta de Conciliação e Julgamento de Ijuí, no dia 22 de maio, pelo advogado Severino Protti. Abaixo, uma síntese da resposta dos empregadores a cada uma das questões:

Piso salarial

Tal pretensão não pode prosperar. A matéria é regulada pela lei 7.238, de 10.10.84, que corrige os salários automaticamente semestralmente. Produtividade: os empregadores não concordam com os percentuais de 6 e 4 por cento, já que a produtividade é regulada pela mesma lei. Proporcionalidade: também se enquadra na lei citada.

Repouso

O sábado à tarde não poderá ser considerado repouso, devido às características da atividade rural na região, es-

pecialmente em aviários e criação de suínos. A redução do horário de trabalho deve ocorrer por acordo, com compensação, entre as partes interessadas, e não por dissídio.

Horas extras

A remuneração do horário extraordinário já é regulada pela Consolidação das Leis do Trabalho (artigo 6º, parágrafo segundo). Os empregadores não concordam com percentuais reivindicados.

Revezamento

Os empregadores concordam que o trabalho aos domingos e feriados aconteça no máximo duas vezes por mês. Mas não concordam com os acréscimos sugeridos pelos empregados.

Indenização

A indenização é devida somente nas rescisões que aconteçam por iniciativa do empregador, após o empregado completar um ano de serviço, como é regulado por lei. Esta é uma cláusula da convenção anterior, e se refere à indenização propor-

cional, reivindicada pelos empregados, quando de rescisões para quem tem menos de um ano de contrato.

Moradia

Os empregadores consideram "um absurdo" o pedido de moradia gratuita, ou o acréscimo de 20 por cento, quando o empregado não conta com habitação oferecida pelo patrão. Isso pode levar - segundo o documento - à contratação apenas de empregados solteiros, já que estes geralmente se estabelecem nas dependências da propriedade.

Insalubridade

O trabalhador rural não é contemplado em lei com adicional de insalubridade. O documento cita despacho do Tribunal Regional do Trabalho, de 1983, sobre o assunto.

Educação

"A Educação é dever do Estado". Também neste caso o empregador daria preferência a empregados solteiros, caso a cláusula entrasse em vigor, "gerando desemprego e êxodo rural, engrossando

ainda mais as zonas periféricas das cidades e, conseqüentemente, aumentando a marginalidade e a criminalidade".

Despesas funerárias

Esta também é uma obrigação do Estado - através do Funnural. O empregador já contribui aos cofres do IAPAS com 2,5 por cento de toda sua produção. Também este item se refere à cláusula da convenção anterior.

Folga mensal

Não há disposição legal que autorize tal pedido. O documento lembra que é o empregador que efetua a compra de suprimentos para seus empregados.

Transporte

Os empregadores não concordam com a parte final da cláusula, que se refere à proibição de carregar material no mesmo compartimento usado pelos trabalhadores. Quando de capinas - diz o documento - os próprios trabalhadores são proprietários de suas ferramentas (enxadas) que são levadas junto para o trabalho na lavoura.

Agora é com o Tribunal

A convenção coletiva de trabalho, implantada em maio de 1982 em Ijuí, mereceu destaque, na época, nos principais jornais do país. Era a primeira vez que trabalhadores e empregadores rurais gaúchos se utilizavam de uma prática comum nas cidades. E até hoje esta convenção continua sendo a única do Estado para o meio rural. Agora, pela primeira vez, patrões e empregados não chegaram a um acordo. Para alguns, isto significa um amadurecimento da organização dos trabalhadores rurais. Para outros, o dissídio coletivo, que vai a julgamento na Justiça, pode provocar um aumento do desemprego na lavoura.

Essa previsão, de que o êxodo rural pode aumentar, está no documento que o Sindicato Rural Patronal encaminhou à Junta de Conciliação e Julgamento em Ijuí. Se as cláusulas forem atendidas — segundo os empregadores —, "irá agravar ainda mais o êxodo rural, face a má fase por que atravessam os empresários rurícolas". Antes, num ofício ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, os empregadores já afirmavam que os novos itens da convenção tornariam impossível a contratação de empregados pelos pequenos e médios produtores.

SOLTEIROS

Para Reinholdo Luiz Kommers, presidente do Sindicato Patronal, "o que preocupa é que vai haver desemprego". Segundo eles, os empregadores preferem que seja mantida a convenção de 1984, por entender que não podem conceder novos benefícios. "O que vai acontecer — afirma Kommers — é que a propriedade que conta com 10 empregados, ficará com apenas cinco, se as reivindicações forem atendidas". Mas ele ressalta que acatará as decisões do Tribunal Regional do Trabalho.

Kommers também observa que as cláusulas que beneficiam empregados com família, como as que se referem ao auxílio para educação e a concessão de moradia, farão com que passem a ser contratados trabalhadores solteiros. Mas mesmo que o acordo não tenha sido possível, ele faz questão de dizer que "as relações entre os dois sindicatos, de empregadores e trabalhadores, continuarão sendo as mesmas. Não será por isso que se criará problema de relacionamento entre as duas entidades".

FATO NORMAL

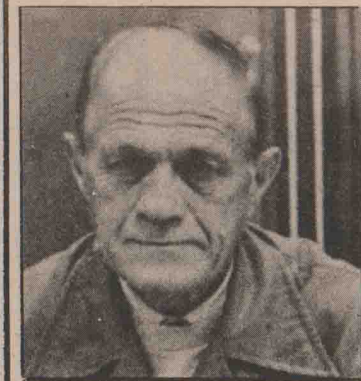
O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Carlos Karlinski, também não vê a questão como um impasse. "A cada ano — diz ele — cresce o debate em torno das relações trabalhistas no meio rural, e acho que o dissídio coletivo deve ser visto como fato normal". Karlinski observa que em Ijuí e outras cidades da região o relacionamento entre patrão e empregado não é dos piores, se comparado com o de outros Estados. Mas isso não impede que o trabalhador lute pela conquista de novos benefícios.

"As necessidades do trabalhador são tantas, que as vantagens que ele consegue terminam sendo diluídas", afirma ele. O presidente do Sindicato também

entende que não há nada de mais no fato do empregado reivindicar melhores salários e outros benefícios sociais, enquanto que, ao mesmo tempo, o empregador reage a estas reivindicações. Isso, afinal, também acontece todo o ano nas cidades.

A inclusão de novos itens na convenção — afirma ele — foi uma tentativa de aperfeiçoar as

cláusulas que já vinham sendo cumpridas. Karlinski lembra que cabe agora ao Tribunal Regional do Trabalho decidir se as reivindicações devem ou não ser atendidas, e garante que, independente do desfecho do julgamento, as convenções coletivas deverão continuar. A experiência se mostrou válida e deve ser mantida.



Reinholdo Kommers



Carlos Karlinski

De duas, uma:

A melhor maneira de combater as doenças do trigo é usar **BENLATE®** e **MANZATE®**. **MANZATE®** é o mais econômico e tem amplo espectro para doenças foliares (ferrugens, helmintosporiose e septorioses) **BENLATE®** é mais eficiente para doenças da espiga. Todo o mundo sabe. **BENLATE®** e **MANZATE®**

juntos controlam a giberela e a septoriose da gluma, mesmo nos anos com condições climáticas favoráveis a maior ocorrência destas doenças. Proteja o seu trigo e lucre mais com **BENLATE®** e **MANZATE®** da DU PONT.

A melhor maneira de combater as doenças do trigo é usar **DELSENE®** e **MANZATE®**. **MANZATE®** é para as doenças foliares (ferrugens, helmintosporiose e septorioses) e **DELSENE®** é para as doenças da espiga. **DELSENE®** é novo. É tão eficiente quanto o **BENLATE®**. **DELSENE®** e **MANZATE®**

juntos controlam a giberela e a septoriose da gluma, mesmo nos anos com condições climáticas favoráveis a maior ocorrência destas doenças. Proteja o seu trigo e lucre mais com **DELSENE®** e **MANZATE®** da DU PONT.



A DU PONT oferece mais um fungicida, tão eficiente quanto **BENLATE®**, **DELSENE** Com **DELSENE®** ou **BENLATE®**, você ganha sempre.

ou você ganha,

ou você ganha.

DELSENE® BENLATE® MANZATE®



LEIA E SIGA CORRETAMENTE AS INSTRUÇÕES DO RÓTULO.

Região tem Universidade

Unijuí já se prepara para as mudanças que irão acontecer na agricultura



A região Planalto Médio-Missões tem sua universidade desde o dia 9 de maio, quando o Conselho Federal de Educação deu parecer favorável ao processo de criação da Unijuí. A Universidade de Ijuí — que já existia de fato há vários anos — ganhou assim o reconhecimento oficial, que a Fidene vinha reivindicando desde maio de 1983, quando encaminhara uma carta-consulta a Brasília. A primeira universidade brasileira criada nos últimos 12 anos tem cerca de 5.300 alunos, mantém 21 cursos superiores e promete fazer da agropecuária sua segunda prioridade, logo depois da educação.

“A atenção ao setor primário será apenas ampliada, e isso acontecerá, direta e indiretamente, pela importância da agropecuária na região”, afirma Adelar Baggio, o mais novo reitor do país. Ele lembra que a Unijuí mantém dois cursos voltados ao setor (Administração Rural e Cooperativismo), presta assessoria às cooperativas de produção, mantém um trabalho constante de pesquisa em desenvolvimento cooperativista, produz material didático destinado aos professores rurais, desenvolve programa de saúde preventiva no interior dos municípios e se dedica a muitos outros projetos e serviços dirigidos ao meio rural, como os prestados através da Criaec — Central Regional de Informações Agropecuárias e Econômicas.

NOVOS CURSOS

Entre as metas a serem perseguidas está, por exemplo, a ampliação dos programas de formação de recursos humanos, nos cursos de nível médio (2º grau) e em nível superior, em colaboração com a Cotrijuí e a Escola Municipal Assis Brasil. Poderão surgir novos cursos nas áreas de agronomia e/ou veterinária e tecnologia e/ou engenharia de alimentos. Assim, será dada atenção não só à produção, como também à transformação da matéria-prima produzida nesta e em outras regiões.

Os desafios não ficam apenas no aperfeiçoamento da vida acadêmica. Baggio acredita que chegou a hora de “pensarmos juntos uma maneira de remotivar a população a permanecer no meio rural”. Ele vê pela frente mudanças importantes na agropecuária, que devem incluir, especialmente no Rio Grande do Sul, uma espécie de aliança entre produtores e consumidores. A agricultura gaúcha — diz ele — terá que optar pela melhoria de vida no meio rural, com a viabilização da produção e a manutenção do produtor em seu meio, ou caminhar para a concentração da terra. Para ele, a crise da soja pode fazer com que se comece a andar em direção à primeira opção.

TENDÊNCIAS

A crise da comercialização da soja este ano, segundo Baggio, fará com que o produtor passe a melhor entender todo o processo que levou à mono-

cultura, e assim buscar novas saídas. Ele prevê a multiplicação das entidades associativistas, com o fortalecimento do cooperativismo. Mas o mais importante — diz o reitor — é que deverá ocorrer uma valorização do trabalho, com menos especulação financeira e um melhor entendimento entre produtores e consumidores. Essa reciclagem da economia como um todo deverá fazer inclusive com que se rediscuta o próprio cooperativismo.

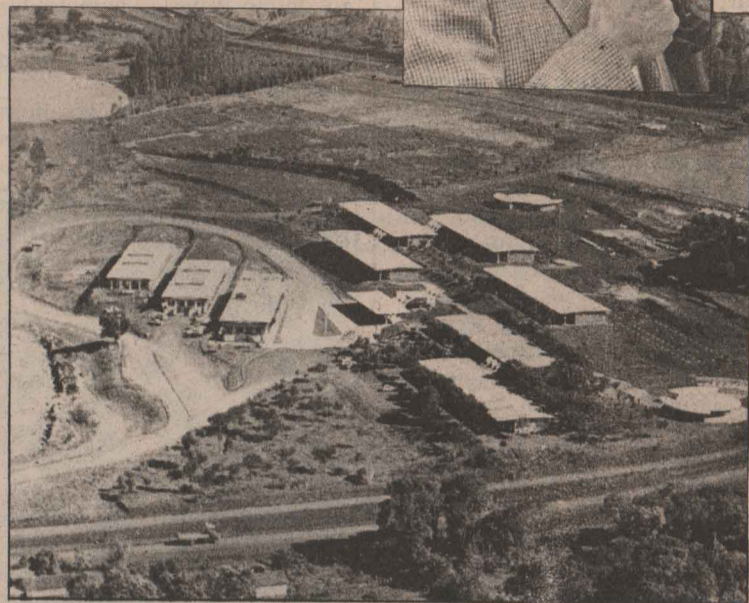
A tendência, no sentido de se conseguir uma maior capitalização da região, com o reinvestimento de seus resultados aqui mesmo — acredita ele — está bem clara hoje. O setor primário será decisivo neste processo, mesmo porque Baggio está certo de que a própria organização do produtor levará a um fortalecimento do Ministério da Agricultura, que redefinirá prioridades. “O produtor irá exigir mudanças na área do consumo, pois disto

depende sua produção, e certamente acontecerá uma valorização do que é nacional”.

AGROINDÚSTRIA

Nesse contexto é que poderão surgir as tão defendidas mas nunca concretizadas agroindústrias, com o aproveitamento inclusive da produção de países vizinhos, como a Argentina e o Paraguai. “Nisso tudo, a organização do produtor terá muita força”, afirma Adelar Baggio, ressaltando que as inovações na economia rural e urbana acontecerão até mesmo por força do fim da especulação com o dinheiro. Os recursos serão destinados ao setor produtivo, e a economia regional deverá ser reaquecida.

Essa reciclagem não acontecerá num passe de mágica, mas o processo de mudanças pode ser considerado inaugurado. Baggio entende que, no meio rural, o comportamento do produtor apresentará novidades já a partir do próximo ano, e aos poucos



Baggio (foto ao alto) anuncia prioridade da Unijuí ao setor primário

teremos, depois da crise, uma nova agricultura. Projetos como os que a Cotrijuí mantém no seu CTC (Centro de Treinamento) deverão proliferar na região. Tu-

do isso, é claro, depende de uma política oficial, que será inovadora se o produtor estiver organizado para cobrar estas mudanças.

Olha só quem tomou conta do nosso Estado:

A CRT vence mais uma etapa: agora a nova conta telefônica está cobrindo todo o nosso Estado. Com este novo sistema, você está recebendo, com antecipação, a conta telefônica pelo correio. E fica sabendo quando e quanto pagar, na agência bancária de sua escolha. A nova conta telefônica mostra quanta economia você fez, indo e vindo de telefone. Vá de telefone. É mais economia por quilômetro ligado.

Pague em dia a sua conta telefônica.

DEMONSTRATIVO DOS SERVIÇOS LOCAL: _____ ESC. CIB: _____ DO TELEFONE: _____ DO FONE: _____ NOME: _____ SOBRENOME: _____ RESUMO DOS SERVIÇOS VALOR DO SERVIÇO: Cr\$ _____ VALOR DO SERVIÇO MENSAL: Cr\$ _____ TAXA BANCÁ MENSAL: Cr\$ _____ VALOR IPT: Cr\$ _____ DATA LIMITE: _____ ULTIMO PRAZO: _____ PRAZO PARA PAGAR: _____		
FICHA DE CAIXA BANCO AGÊNCIA: _____ DATA LIMITE: _____ VALOR: Cr\$ _____ DATA DE VENCIMENTO: _____ AUTORIZAÇÃO: _____	RECIBO DE DOCUMENTO DE CREDITO BANCO AGÊNCIA: _____ DATA LIMITE: _____ VALOR: Cr\$ _____ DATA DE VENCIMENTO: _____ AUTORIZAÇÃO: _____	DOCUMENTO DE CREDITO/FICHA DE COMPENSAÇÃO BANCO AGÊNCIA: _____ DATA LIMITE: _____ VALOR: Cr\$ _____ DATA DE VENCIMENTO: _____ AUTORIZAÇÃO: _____

CRT COMPANHIA RIOGRANDENSE DE TELECOMUNICAÇÕES
 Vinculada à Secretaria de Energia, Minas e Comunicações



a nova conta CRT.

DOM PEDRITO

Hereford supera os cruzamentos

A qualidade dos animais de corte dos campos de Dom Pedrito foi mais uma vez comprovada, no 1º Concurso de Novilho Tipo Exportação e/ou Consumo, realizado em Livramento. O concurso fez parte da programação paralela do VIII Congresso Mundial de Corriedale, que aconteceu de 5 a 12 de maio. Os melhores lotes de carcaças e as melhores carcaças individuais foram apresentadas por bovinos da propriedade de Walter Germano Potter. E todos os animais eram da raça Polled Hereford, que superou os cruzamentos em rendimento.

Participaram do concurso de novilho precoce seis lotes de 24 bovinos. O novilho precoce é o bovino macho jovem, castrado, que apresenta no máximo as pinças da segunda dentição e um peso mínimo de carcaça de 210 quilos. Na categoria de novilho tradicional participaram também seis lotes com 24 animais. Este novilho tem em média dois anos a mais que o precoce, é castrado, tem até seis dentes incisivos definitivos, sem queda dos cantos da primeira dentição, e um peso mínimo da carcaça de 220 quilos.

Walter Potter, que é associado da Cotrijuí, conseguiu para os lotes de precoces e novilhos todas as premiações no concurso de carcaças, depois do julgamento dos animais em pé. O primeiro julgamento, do animal vivo, resultou na escolha dos bovinos Hereford como melhor lote de precoce, melhor novilho precoce, melhor lote de novilho e melhor bovino do concurso. O melhor bovino precoce teve um peso vivo de 445 quilos, e foi considerado também, na classificação geral, o melhor bovino do concurso, entre precoces e tradicionais. O melhor novilho de até seis dentes foi um animal da raça Ibagé, de propriedade de Sérgio Eurico Acosta Ferreira, também de Dom Pedrito. Este novilho teve peso vivo de 592 quilos.

RESULTADOS

Os resultados do concurso de carcaças foram os seguintes: melhor lote de carcaças de precoce, lote seis, com média de peso de carcaça de 250,25 quilos, e média de rendimento de 57,66 por cento.

Melhor carcaça de precoce, lote seis, carcaça número 22, com peso de carcaça de 258 quilos e rendimento de 57,98 por cento. Melhor lote de carcaças de novilho (até seis dentes), lote dois, com média de peso de carcaça de 301,75 quilos e média de rendimento de 55,11 por cento. Melhor carcaça de novilho (até seis dentes), lote dois, carcaça número cinco, com peso de 315 quilos e rendimento de 53,94 por cento. Finalmente, a melhor carcaça do concurso (entre precoces e novilhos), lote seis, carcaça 22, com o peso de 258 quilos e rendimento de 57,98 por cento.

O concurso teve como tipificadores de carcaças os veterinários Umberto Pacheco Souto, que coordenou os trabalhos, Cláudio Nelson Esteve Echeverria, ambos do Ministério da Agricultura, e José Nelson Costaguta, que contaram como colaboradores com José Nunes Apoitia, auxiliar de Inspeção do Ministério da Agricultura, e Peter Anderson de Oliveira, do Controle de Qualidade da Swift-Armour.

ACIMA DA MÉDIA

Umberto Souto ressaltou, ao final do concurso, a excelente qualidade dos animais apresentados, lembrando que todos os lotes superaram os rendimentos médios do Estado, que se situam abaixo de 50 por cento. O lote de menor rendimento, de precoce, teve rendimento de 57,66 por cento. O peso médio das carcaças dos novilhos precoces atingiu 238,5 quilos, e dos novilhos tradicionais, 273,85 quilos. Mais uma vez ficou provado que o precoce consegue um maior percentual de músculos, e menor de gordura, em relação ao novilho comum, e justifica o encurtamento do ciclo produtivo do gado de corte.

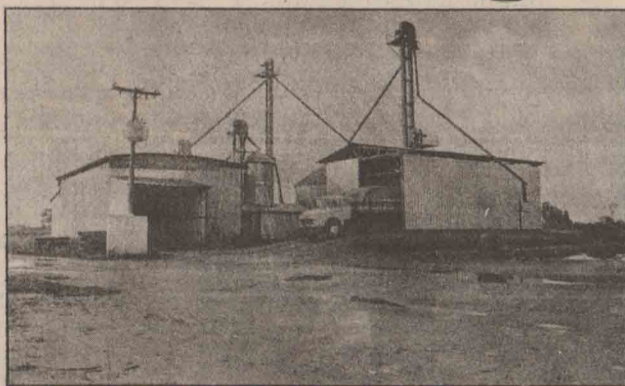
Outro detalhe ressaltado durante o concurso foi o fato de que os novilhos Polled Hereford superaram os animais resultantes de cruzamentos, no rendimento de carcaças. Isto porque não é muito comum um animal de raça pura ultrapassar, em ganho de carne, bovinos aprimorados por cruzas. A tipificação das carcaças foi realizada na sala de abates da Cooperativa Regional Rural Santanense.

MS - JARDIM

Mais uma moega

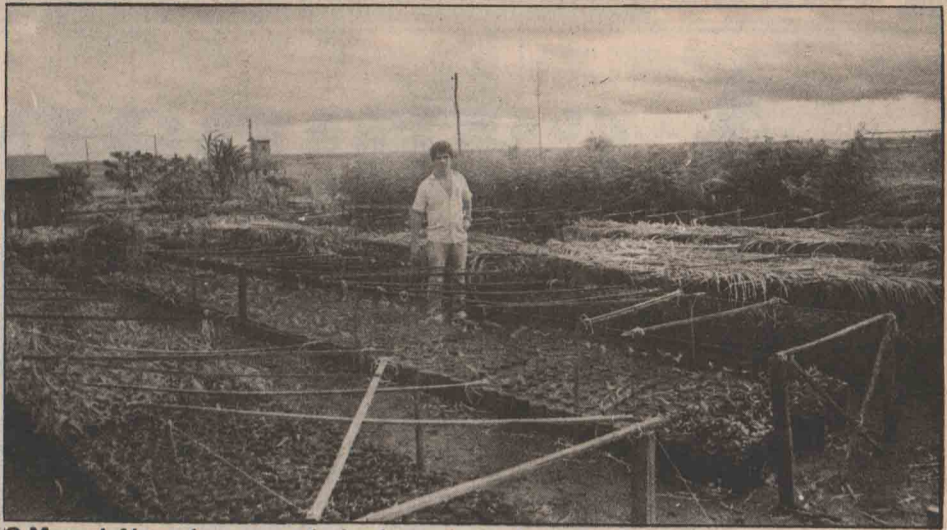
Quando a Cotrijuí instalou um Posto de Recebimento de produto em Jardim, há 60 quilômetros de Bonito, no Mato Grosso, já existiam no local duas moegas. Tão logo se instalou, tratou de construir um pequeno silo com capacidade de recebimento para oito mil toneladas de produto. Nessa safra, procurando atender as reivindicações dos associados, que se queixavam do alto custo do transporte em função da grande distância entre as demais Unidades, a Cotrijuí resolveu melhorar as condições de recebimento, instalando no local mais uma moega.

Com o fluxo de recebimento para 40 toneladas por hora, a nova moega está servindo para agilizar a entrada e o trans-



Mais uma moega para agilizar a entrada de produto

porte da produção para outras Unidades como Bonito, Maracaju e Dourados. A resposta ao atendimento das reivindicações dos associados foi dada através da entrega de produção no posto, que nessa safra dobrou de 3.710 toneladas - entregues na safra de 84 - para 7.250 toneladas.



O Manuel Abreu é o responsável pela produção de mudas do viveiro

MS - DOURADOS

Viveiro de mudas para atender associados

Um convênio firmado entre a Cotrijuí e o Inambi - Instituto Nacional de Preservação do Meio Ambiente, um órgão ligado a Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Mato Grosso, está possibilitando que associados das regiões de Dourados, Maracaju, Sidrolândia e Rio Brillante possam adquirir mudas de árvores frutíferas, ou de essências florestais. Pelo convênio firmado no final do ano passado, o Inambi fica na responsabilidade de fornecer além da semente, outros materiais necessários para a formação do viveiro. A Cotrijuí, por sua vez, tem a obrigação de fornecer ao Instituto cinco mil mudas por ano para serem repassadas a escolas ou serem utilizadas na arborização de estradas ou de ruas da cidade.

Funcionando numa área próxima ao escritório da Cotrijuí em Dourados, o viveiro de mudas, que está sob a responsabilidade do técnico em agropecuária do departamento técnico da Cooperativa, o Manuel Eduardo Abreu, já produziu nesse pouco mais de quatro meses de funcionamento, em torno de 10 mil mudas. Mas a estimativa de produção do viveiro, segundo o Manuel, é para 40 mil mudas anuais. Essas mudas já estão sendo repassadas ao quadro social da Cotrijuí daquela região. O produtor vem dando preferência pelas mudas de frutíferas e pelas essências florestais.

Entre as frutíferas, o Manuel diz que estão sendo produzidas mudas de manga, abacate, pêssago, jaca, jamelão,

caqui, goiaba, maracaju, tamarindus, entre outras. Das nativas frutíferas, os associados podem adquirir mudas de pitomba, guabiju, guabiroba, pitanga. Das essências florestais, a grevilha, o guapuruvu e o eucalipto. Entre as ornamentais o viveiro dispõe de mudas de cipreste português, flamboyant, cibipiruna, acácia e bauínia. Das madeiras de lei, já estão sendo produzidas mudas de ipê, jacarandá, amendoim bravo, aroeira, cabriúva, angico e peroba.

ADUBO ORGÂNICO

A muda é produzida no próprio viveiro da Cooperativa, sob a responsabilidade do Manuel e a supervisão do Inambi. A sementeira é preparada com adubo orgânico, produzido numa composteira colocada dentro do próprio viveiro. O adubo é feito à base de esterco de animais, pó de madeira - serragem - e resíduos de culturas. "Tudo é feito de forma bastante natural", explica o técnico, contando que essa mistura é distribuída em camadas superpostas pelas três composteiras. A cada 30 dias, essa mistura, que fica todo esse tempo sem ser mexida, é trocada de composteira. No final de 90 dias, quando já aconteceu a decomposição, a mistura passa a ser utilizada como adubo nas sementeiras.

Nesse meio tempo, todo o "churrume" que se solta da mistura, é aproveitado para adubação foliar das mudas, na dosagem de três litros de água por um de "churrume". Já a matéria orgânica é utilizada na dosagem de uma medida por duas de terra.

HOSPITAL BOM PASTOR S/A.

Av. David José Martins, 1.376 - IJUÍ - RS - Fone 332-2690

ESTÁ ABERTO A TODA A COMUNIDADE

- Internações em caráter: PARTICULAR, IPE, UNIMED, INPS e FUNRURAL
- Atendimento médico nas áreas de: CLÍNICA MÉDICA, CIRURGIA, PEDIATRIA, GINECOLOGIA e OBSTETRÍCIA, TRAUMATOLOGIA e ORTOPEDIA
- Serviço de ENDOSCOPIA e ENDOFOTOGRAFIA DIGESTIVA
- PLANTÃO MÉDICO: Consultas nas 24 horas do dia, inclusive sábados, domingos e feriados.

A campanha da soja

Uma campanha para auxiliar a Associação Hospitalar São Francisco de Augusto Pestana a sanar suas dificuldades financeiras vem sendo feita entre os produtores do município e a comunidade. A "campanha da soja", como está sendo chamada, é liderada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais em conjunto com a nova diretoria do hospital. "Estamos trabalhando unidos, justifica Alberto Bauer, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Augusto Pestana, porque agora existe diálogo entre a diretoria do hospital, o sindicato e os produtores. Juntos, queremos que o hospital continue prestando serviços a comunidade, sem prejuízo para o agricultor, que hoje, desde que muitos hospitais romperam seus convênios com o Funrural, estão sem assistência hospitalar".

A Associação Hospitalar São Francisco vem já algum tempo com suas finanças desequilibradas — sua dívida gira ao redor dos Cr\$ 40 milhões — mas foi depois que a nova diretoria, encabeçada pelo advogado Rudi Berwanger, decidiu fazer um balanço em público da dívida é que a comunidade tomou conhecimento da real situação do hospital. Muitas reuniões foram feitas envolvendo produtores, até que se decidiu que a solução para o momento, seria uma ampla campanha de ajuda ao hospital. "Os próprios produtores, diz Rudi Berwanger, presidente da Associação, se propuseram a doar produtos, que serão comercializados e o dinheiro reverterá em benefício do hospital". Ele diz ainda que essa foi a única saída encontrada para superar o impasse financeiro e evitar que o hospital tenha de cobrar, uma taxa pelo internamento do agricultor, como muitos hospitais da região estão fazendo. "Até hoje não deixamos de atender nenhum agricultor e sequer cobramos qualquer diferença". Segundo Berwanger, depois que voltou o sistema de cotas fixas para os hospitais, o déficit da Associação vinha se acumulando. "Estamos recebendo Cr\$ 4.600.000 do Funrural e gastando mais Cr\$ 5 milhões por mês. Nenhum hospital pode sobreviver com um déficit desses".



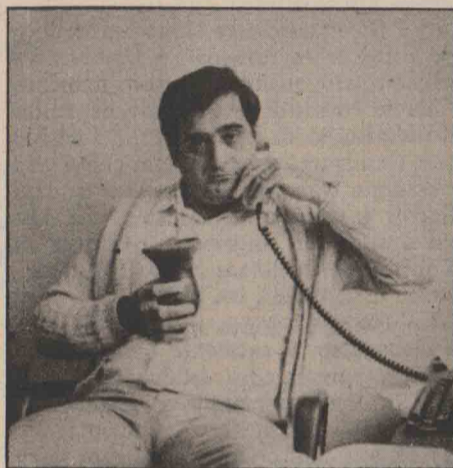
A dívida do hospital chega a Cr\$ 40 milhões



Alberto Bauer: diálogo

A CAMPANHA

Através da "campanha da soja", os produtores podem doar, além da soja, também outros produtos como milho, feijão. Basta que o produtor ou doe o produto ou autorize o Sindicato a fazer a liquidação do produto junto a Cotrijuí ou outra firma. Como a campanha ainda está no início e nem foi possível visitar todos os núcleos do interior, Alberto Bauer diz que é um tanto cedo para se fazer um balanço da situação, "embora se saiba que a colaboração tem sido grande".



Rudi Berwanger: ajuda da comunidade

O produtor que doar mais de seis sacos de soja, por exemplo, terá direito a fazer sua proposta de sócio da Associação Hospitalar. "Essa doação será considerada como jóia, explica Berwanger, que tem como planos reorganizar todo o quadro social do hospital. "Queremos que também a juventude participe da administração do hospital".

A DÍVIDA E OS PLANOS

O dinheiro arrecadado através da campanha vai servir para saldar dívidas da

Associação com fornecedores, laboratórios e membros da diretoria. Só em empréstimos pessoais a dívida atinge Cr\$ 11 milhões. "Foram empréstimos que o hospital fez com alguns membros da diretoria para saldar compromissos inadiáveis, diz o presidente. Já as dívidas com a comunidade estão praticamente salgadas.

Berwanger reclama ainda da limitação das baixas urbanas. "Podemos fazer 40 baixas urbanas por mês, o que é insuficiente para o hospital, que hoje trabalha apenas com 48 leitos de um total de 68. Se o paciente necessita de um internamento mais prolongado, o hospital tem que aguentar com o mesmo número de cotas". Tudo isso tem agravado a situação financeira do hospital que até já tomou algumas medidas drásticas, como a redução de seu corpo funcional. Outra medida tomada, que tem muito mais a ver com a organização da prestação de serviços, segundo o presidente, foi a criação de um departamento de almoxarifado para controlar a utilização dos materiais.

Preocupado com a melhoria do atendimento e a qualidade da prestação de serviços, "que vem sendo tolhida em função da falta de recursos", Berwanger já tem definido, caso a "campanha da soja" renda o suficiente para saldar as dívidas, fazer algumas modificações no hospital. O primeiro passo a ser dado depois da recuperação financeira, é a contratação de uma enfermeira profissional, "com capacidade de dirigir com maior eficiência os serviços de enfermagem do hospital". Um obstetra e um cirurgião, para reforçar o corpo clínico, deverão ser contratados até o final do ano. "Entendemos que assim como o hospital foi construído, e já foi um dos melhores da região, temos a obrigação de melhorar o seu nível de atendimento", reforça Berwanger, prevendo também a construção de uma nova sala cirúrgica e a instalação da sala de Raio X. O hospital já tem toda a aparelhagem, que recebeu por doação há muito tempo atrás, mas que só não foi instalada ainda por falta de recursos. "Mas tudo isso, diz o presidente, tem muito a ver com a contribuição e colaboração da comunidade.

Os óleos de quem conhece máquinas agrícolas. Você e a Shell.



Todo agricultor sabe que deve tratar bem as máquinas, como se trata a terra. Porque a terra depende delas para produzir. Rimula é o óleo da Shell que ajuda você a colher mais soja, milho, algodão, café. E ajuda a preservar seu patrimônio. Rimula dá melhor desempenho para as máquinas, protege o motor e prolonga sua vida por muitas e muitas colheitas.



Você pode confiar

Mercado seguro

Quem diria, até alguns anos atrás, que a produção anual de peixes da região pudesse alcançar as 150 toneladas? Pois a surpresa não fica só por aí. Hoje em torno de 500 produtores estão encarando a piscicultura como mais uma fonte de renda na propriedade, procurando integrá-la às demais atividades. Os velhos açudes improdutivos foram reativados a tal ponto, que na Semana Santa, época de maior consumo, o peixe fresco da região, já anda levando alguma vantagem sobre o peixe congelado.

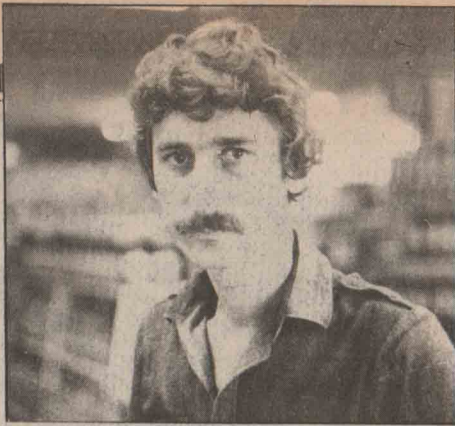
A Cooperativa recebeu e comercializou no mês de abril, durante a Semana Santa, em torno de 6.700 quilos de peixe fresco — carpa, nilótica, traíra e jundiá — contra pouco mais de 2.500 quilos de peixe congelado — dourado e surubi —. “Esse volume recebido pela Cooperativa, comenta o Hélio Basso, chefe do mercado da Cotrijuí em Ijuí, é quase insignificante se for comparado com a produção total da região. O grosso da produção é vendido na barranca do açude, diretamente ao consumidor. “Temos incentivado esse tipo de venda, justifica o Hélio, porque o volume de peixes nessa época é muito grande e a Cooperativa não pode garantir uma comercialização tão rápida e em tão poucos dias. Temos nos limitado a receber apenas o volume programado em conjunto com os produtores”. Por outro la-

do, o Hélio lembra também que o peixe de açude quando fica congelado por muitos dias, perde um pouco de suas características. É o consumidor tem dado preferência ao peixe fresco, recém saído d'água.

PROGRAMAÇÃO

O Hélio reconhece que está faltando uma maior agilização na programação feita entre a Cotrijuí e os produtores visando uma melhor colocação da produção local no mercado da região. Para o próximo ano a programação, segundo o Hélio, deverá ser feita com 90 dias de antecedência. “Com uma ampliação do mercado na região teremos condições de receber, no próximo ano, em torno de 12 mil quilos de peixe fresco”. Este volume de peixe será colocado não apenas nos mercados da Cotrijuí, diretamente nos mercados de outras Cooperativas. A Cotripal e a Copatrigio só não adquiriram mais peixe fresco neste ano — a Cotripal comprou 200 quilos e a Copatrigio 1.000 — por falta de uma melhor programação. Já na safra passada, outras Cooperativas como a Cotrisa e a Cotricruz, por exemplo, colocaram nos seus mercados em torno de 3.500 quilos de peixe fresco produzido por produtores da Cotrijuí. “É um mercado que temos em aberto e que precisa ser melhor explorado”.

Outra coisa que precisa mudar,



Hélio Basso: ampliar

segundo o Hélio, é o hábito que o produtor adquiriu de produzir peixes apenas na Semana Santa. Ele lembra que hoje não existe produto fresco no mercado simplesmente porque o produtor se programa para abrir seus açudes na época da Páscoa. É claro, adverte o Hélio, que a Cotrijuí não teria condições de, na entressafra, comercializar 500 ou 600 quilos de peixes frescos, que é o volume de produção dos grandes açudes, mas para uns 50 quilos por semana teriam colocação garantida. “Se o produtor se programasse de forma a deixar os pequenos açudes para serem abertos em outros períodos, teríamos peixe fresco pelo menos durante seis meses do ano”.

BONS RETORNOS

Os bons retornos conseguidos com a comercialização do produto e o preço do peixe congelado tem animado bastante o produtor da região. “Temos dado preferência ao peixe fresco em vez de congelado, procurando beneficiar sempre o produtor da região, conta o chefe do mercado. Enquanto o peixe congelado foi

vendido durante a Semana Santa a um preço médio de Cr\$ 8.500 o quilo, o peixe fresco considerado como extra — traíra com mais de um quilo; carpa com mais de um quilo e meio e nilótica e jundiá com mais 800 gramas — foi vendido ao preço de Cr\$ 4.500 o quilo. Já o peixe fresco enquadrado na classe I — carpa de um a um quilo e meio; nilótica e jundiá de 500 a 800 gramas e traíra de 800 gramas a um quilo — rendeu ao produtor Cr\$ 4.050. Pelo peixe classe II o produtor recebeu Cr\$ 3.150 pelo quilo e pelo peixe classe III, Cr\$ 2.150.

MAIS A SÉRIO

A piscicultura, de acordo com o Hélio Roque Weber, técnico agrícola responsável pela assistência técnica aos produtores da região, só começou a ser levada mais à sério depois que a Cotrijuí iniciou um trabalho — que começou por volta de 1977 — de introdução de novas espécies e distribuição de alevinos. Também vêm somando pontos os cursos de piscicultura realizados no CTC, onde o produtor recebe orientação desde como construir taipas de açude, escolher áreas para a instalação do açude até como fazer o manejo adequado dos peixes.

Segundo o Weber, a produção da região, em torno de 1.000 quilos de peixe por hectare de açude ainda é baixa. “Se o produtor utilizar técnicas de alimentação e manejo adequado, a sua produção pode ir até 4.000 mil quilos por hectare. Ele ainda alerta para o fato de que a piscicultura seja encarada como mais uma atividade rentável dentro da propriedade, integrada com as demais.

ONDE A SUA SAFRA É SEMPRE BEM TRATADA



Durante todo o ano a Cotrijuí presta total apoio ao produtor rural. Por isso, na hora de comercializar a sua produção, não abra mão de quem oferece maior segurança. Lembre-se: safra entregue aos cuidados da Cotrijuí é safra que reverterá em maiores benefícios para você.



COTRIJUI

Nada substitui a força da união

A mandioca é uma das alternativas para substituir a batatinha na alimentação. Além de excelente fonte de energia, tem um menor custo de produção



Alimento de alto valor nutritivo

Será que existe mesmo diferença entre mandioca e aipim? Os entendidos dizem que sim e até vão mais longe, classificando a mandioca em três grupos bem distintos. No primeiro grupo aparecem as mandiocas consideradas industriais ou tóxicas, destinadas apenas a fabricação de farinha e álcool. Na região norte do país ela é mais conhecida por mandioca brava ou amarga, pela grande quantidade de ácido cianídrico que apresenta. Em razão desse ácido, essa mandioca jamais deve ser fornecida aos animais quando estiverem com fome, pois pode causar intoxicação. Num segundo grupo estão as mandiocas forrageiras e num terceiro a mandioca de mesa, mais conhecida por aipim ou macaxera.

Embora não pareça a primeira vista, a mandioca tem grande valor nutritivo. Quem ainda desconhece e até nem dá muita importância para a mandioca como alimento, precisa saber que o seu valor

nutritivo pode ser comparado tranquilamente com o da batatinha. Tanto uma como a outra são ricas em hidratos de carbono, transformando-se em boa fonte de energia. Não têm proteínas e nem gorduras. A mandioca contém grande quantidade de vitaminas do complexo B, principalmente a niacina, além de boa taxa de potássio. A batatinha também é rica de vitaminas, principalmente as do complexo B e C, só que esta última se perde durante o cozimento. Ainda é rica em sais minerais e possui alguma quantidade de cálcio.

É fácil perceber que tanto a mandioca de mesa como a batatinha são excelentes fontes de energia e que podem muito bem serem aproveitadas na alimentação. Nessa época do ano — período de safra — o uso da mandioca de mesa na alimentação representa uma grande economia no orçamento familiar. Além de ser época de produção, ela oferece ainda uma outra vantagem sobre a batatinha: tem

um custo de produção bem mais baixo.

Por outro lado, é bom lembrar que a necessidade de hidratos de carbono varia de acordo com a idade e a atividade das pessoas. O consumo exagerado de hidratos de carbono faz com que se transformem em gorduras, provocando a obesidade nas pessoas. É procurando obter esse equilíbrio que a mandioca de mesa surge como uma alternativa para substituir a batatinha. Também não é aconselhável a utilização de ambas numa mesma refeição.

Em termo de preparo, também a mandioca tem condições de substituir perfeitamente a batatinha, pois utilizando-a como ingrediente é possível preparar maioneses, purê, bolinhos, croquetes, suflê, pão, ensopado, docinho, pastelão, bolos, cremes, sopas entre tantos outros pratos para o dia-a-dia.

Departamento de Comunicação e Educação — Cotrijuí

Receitas que podem ser feitas em casa

Qualquer prato com mandioca de mesa é simples de ser feito. Para melhor orientação da dona-de-casa, que deseja aproveitar melhor a produção que existe em abundância na propriedade, o Departamento de Comunicação e Educação sugere duas receitas, que têm como ingrediente principal a mandioca de mesa.

Ensopado de porco com mandioca

Ingredientes

- 800 gramas de carne magra de porco;
- 4 colheres (de sopa) de óleo;
- uma colher (de chá) de sal; pimenta-do-reino;
- 4 cebolas;
- 1/2 xícara (de chá) de vinho branco seco;
- 1 colher (de café) de páprica, pitada de alecrim; 1/2 maço de cheiro verde, 1 folha de louro;
- 1 quilo de mandioca.

Modo de fazer

- Limpe a carne e pique em pedaços de tamanho regular. Frite no óleo quente até dourar. Junte sal e pimenta-do-reino; misture bem e adicione a cebola bem picada. Mexa e deixe fritar mais um pouco.
- Despeje o vinho, 1 xícara (de chá) de água, a páprica, o alecrim e o cheiro verde amarrado. Junte o louro. Deixe em fogo brando até que a carne comece a ficar macia.
- Descasque a mandioca. Cozinhe em água fervente e sal. Escorra e adicione ao ensopado 15 minutos antes de terminar o cozimento. Misture e sirva bem quente.

Purê de aipim

Ingredientes

- Aipim;
- Manteiga;
- Sal;
- Leite quente;
- Recheio de carne moída e temperos
- Queijo ralado.
- Recheio de carne tanto pode ser de galinha como de gado.

Modo de fazer

- Cozinhe o aipim com água e sal e escorra bem. Esmague-o com um garfo, junte a manteiga, e o leite quente aos poucos. Vá batendo até a massa ficar fofo. Coloque o purê em um pirex, cubra com molho de preferência e queijo ralado. Leve ao forno até derreter o queijo.

A feira de produtos da colônia

Mostrar que o produtor também produz nata, queijo, salame, doces, comopotas, cucas, schimier, frutas, verduras, entre outras coisas, além do trigo e da soja, tem sido a razão principal da manutenção da Feira de Produtos Coloniais. A idéia de mostrar na cidade o que se produz na colônia nasceu em 1982, por ocasião dos 25 anos da Cotrijuí. A experiência teve tanto sucesso, que de lá para cá, a Feira vem se repetindo todos os anos e contando com a organização e participação dos núcleos cooperativos de esposas e filhas de associados e mais a colaboração do Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí, Unidade de Ijuí. Ela vem se caracterizando como uma alterna-

tiva de renda para os produtos excedentes na propriedade e também como forma de integração e troca de experiência entre os núcleos cooperativados.

A Feira vem tendo, nestes três anos de realização, um bom êxito e boa participação a nível de núcleos, destacando-se principalmente a atuação das mulheres na organização. A nível de consumidores, o resultado não poderia ser melhor. Quase todos os produtos colocados a venda na Feira são vendidos em poucas horas, tão grande é a procura por parte do consumidor da cidade.

Este ano, a exemplo do que vem ocorrendo desde 1982, a Feira será reali-

zada no dia 20 de julho, data em que a Cotrijuí estará comemorando 28 anos. O convite está sendo feito não apenas aos núcleos que já vinham participando das Feiras em anos anteriores, mas também aqueles que ainda não tiveram a oportunidade de mostrar seus produtos na cidade. Para tanto é importante a organização das comunidades através dos representantes eleitos, lideranças de núcleos cooperativados, para, em conjunto com o Departamento de Comunicação, tratar de formar uma comissão para discutir e definir a realização da Feira.

Carmen Simon
Com. e Educ. Ijuí

INCRA. Deixe Por Conta Do Banco Da Nossa Terra.

Na hora de pagar o Imposto Territorial Rural, deixe tudo por conta de quem está sempre apoiando o homem do campo. Vá direto ao Bamerindus.



BAMERINDUS

O banco da nossa terra - 874 agências em todo o Brasil
Vencimentos ITR/INCRA: dias 21/05 - 03/06 - 11/06 - 24/06

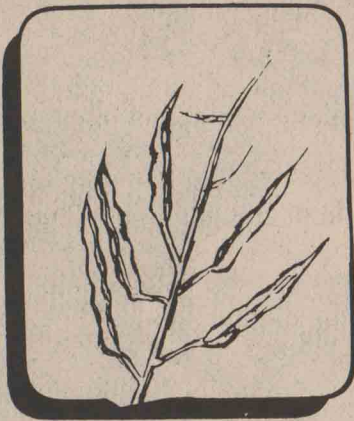
LAVOURA DO MÊS

O tratamento de inverno com a calda sulfocálcica (enxofre-cal) é eficiente e de baixo custo. O produtor que armazenou cebola, de novembro a maio, obteve 400 por cento de valorização do produto neste período.



CEBOLA

O plantio de cebola este ano será maior do que em anos anteriores, o que é observado pela procura de sementes. Observa-se que os produtores estão surpreendendo pela boa conservação dos bulbos por períodos relativamente longos, o que é muito conveniente para o consumo familiar e eventual comercialização. Este fato é importante, valendo lembrar que em dezembro a cebola esteve a mais ou menos Cr\$ 250/kg ao produtor. Hoje, passados 6 meses, está em torno de Cr\$ 1.000 ao produtor, o que mostra uma situação claramente favorável a quem guardou o seu produto. Sabemos também que no próximo ano poderá a situação ser diferente a nível de mercado, mas a experiência mostra que quem tem um bom produto e fica no mercado tem boas possibilidades de ter um bom resultado.

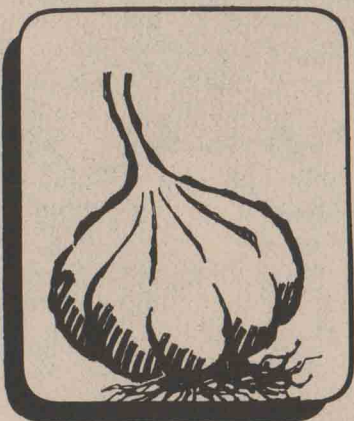


LENTILHA

Algumas áreas com lentilha já estão implantadas nesta época e outras ainda por semear. Aos que não semearam, lembra-se que a lentilha é uma planta delicada e que exige condições especiais para alcançar boa produtividade.

O solo pedregulho e bem drenado, com fertilidade média, é muito importante, além de um período seco após o florescimento, contribui significativamente para uma boa produtividade.

A cooperativa continua buscando novas variedades, pedindo aos que tiverem em casa alguma semente própria de variedades não conhecidas, que tragam à cooperativa para inclusão nos testes no Centro de Treinamento e avaliação para comparar com os outros materiais e talvez assim tomar conhecimento de um material com boas características de adaptação na região.



ALHO

A umidade do solo tem sido favorável ao desenvolvimento do alho precoce, o qual em sua maioria já está com 10 a 15 cm de altura.

O alho tardio está parcialmente plantado e nos próximos dias encerra-se a época de plantio. A procura por sementes mostra a necessidade do produtor em juntar mais opções em sua propriedade para, dessa forma, garantir mais oportunidades de ingresso de dinheiro para compensar de certa maneira os baixos preços da soja.

A limpeza das áreas cultivadas com alho nesta fase inicial é muito importante para diminuir a competição, dando boas condições de desenvolvimento às plantas.

O alho, conforme já citamos anteriormente, é uma planta simples mas que, à medida que for cultivado em maior escala, começa a

apresentar seus problemas. A solução nem sempre é fácil, mas em contato com o Departamento Técnico sempre haverá possibilidade de se chegar a uma solução que melhore a produção.

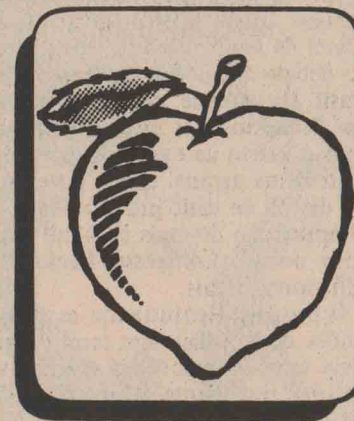


HORTALIÇAS DIVERSAS

As plantas de horta neste período são de produção abundante, o que prejudica os melhores resultados econômicos, mas em contrapartida dá condições para um maior consumo por parte da população.

A ervilha ainda pode ser semeada nesta época, principalmente a de grão, tanto para colheita verde quanto a de colheita seca para grão.

As doenças e pragas praticamente não ocorrem nesta época, podendo-se obter produtos de boa qualidade sem recorrer aos perigosos agrotóxicos.



FRUTÍFERAS

Durante o mês de maio muitos produtores implantaram trevos nos pomares para conservação do solo, fornecimento de nitrogênio às plantas e eventual uso na alimentação animal. Lembra-se que no mês de junho ainda se pode fazer a semeadura desta espécie ou de ervilhaca, devendo-se para tanto fazer contato com o Departamento Agrotécnico para maiores informações.

No mês de junho são iniciadas os tratamentos de inverno nas frutíferas, destacando-se a Calda Sulfocálcica (enxofre e cal), que é uma formulação caseira de baixo custo e muito eficiente e recomendada praticamente para todas as frutíferas, para a eliminação de focos de doenças que poderão prejudicar as plantas na primavera e no verão.

QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIEDADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m2 Coração de Boi e Matzukase				12 m2 Matzukase Chumbinho				12 m2 Matzukase Chumbinho	
Couve			12 m2 Manteiga				12 m2 Manteiga					
Rabanete	4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada		
Cenoura			18 m2 Nantes						18 m2 Kuroda			
Alface	12 m2 Kagraner e Maravilha verão		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Kagraner e Maravilha verão		12 m2 Kagraner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m2 Tall Top						18 m2 Tall Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 plantas Ginca	
Cebola			2.000 plantas Baia Periforme	2.000 plantas Baia Periforme								

COLHEITA DO MÊS: (para quem segue as sugestões do plantio do quadro acima): Rúcula, Cenoura, Repolho, Couve, Alface e Rabanete



**COTRIEXPORT -
CORRETORA DE
SEGUROS LTDA.**

INVESTIMENTO EM SEGURO, SEJA INCÊNDIO, VEÍCULOS, ROUBO, VIDA, ACIDENTES PESSOAIS E OUTROS, REPRESENTA TRANQUILIDADE CONTRA AS INCERTEZAS DO DIA-A-DIA.

Em Ijuí: Rua das Chácaras 1513 - fone: 332-1914 ou 332-3765 ramal 364
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar - fone 21-08-09



A vez do sem-terra

Finalmente, a questão agrária é encarada de frente no Brasil

“Vamos mexer numa ferida”. Esta frase, do ministro da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, Nelson Ribeiro, define bem o que já está ocorrendo desde o final de maio, quando pela primeira vez se debate a fundo a questão da terra no Brasil. Na verdade, o assunto não será apenas discutido, mas encarado na prática, com o início da execução do programa de reforma agrária, que o governo divulgou dia 28 de maio em Brasília, e que teve a aprovação de mais de 4 mil líderes reunidos no 4º Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais.

O programa entusiasma as mais de 7 milhões de famílias sem terra do país, mas cria também reações já esperadas. O governo vai finalmente levar em conta o Estatuto da Terra, existente desde 1964, que prevê não só a ocupação de áreas devolutas, mas também a realização de desapropriações. Este ponto é considerado o mais polêmico do projeto, já que estabelece como prioridade que serão desapropriadas terras improdutivas em áreas de forte tensão, ou seja, onde existem concentrações de sem-terra e conflitos.

APREENSÃO

Essa disposição, de acelerar as desapropriações em áreas sob tensão, já a partir de junho, provocou críticas. Várias entidades, que congregam empregadores rurais, lembraram que o governo pode estar assim estimulando a invasão de fazendas. Como argumento, foi lembrado que logo depois da divulgação do programa do governo, mais de 4 mil pessoas passaram a invadir terras do oeste de Santa Catarina. Outras invasões poderiam acontecer, criando um impasse e comprometendo o plano de reestruturação fundiária, que irá a debate durante um mês, entre políticos, dirigentes de entidades rurais e toda a sociedade.

O certo é que a reforma agrária, de qualquer forma, será finalmente executada, num país que possui 400 milhões de hectares improdutivos e mais de mil focos de conflitos espalhados em várias regiões. Só no ano passado, foram registrados 484 conflitos em torno da posse de terras, envolvendo 330 mil pessoas. Destas, 116 foram assassinadas em confrontos que envolveram posseiros, grileiros, proprietários, religiosos e funcionários do governo encarregados da repressão.

RESISTÊNCIAS

Mesmo assim, há resistências ao programa, que não apresenta novidades em termos de propostas, pois o Estatuto da Terra tem, afinal, 20 anos. Essas reações chegaram ao ponto de fazer com que o próprio presidente da República tivesse que dirigir apelos, principalmente aos fazendeiros, no final de maio. José Sarney esclareceu que a reforma agrária é necessária, para corrigir desigualdades sociais, sem ameaçar, no entanto, as terras produtivas, mesmo que estas sejam latifúndios.

O ministro Nelson Ribeiro também tentou acalmar os mais apreensivos, dizendo que “não estamos contra ninguém, mas a favor de milhões de desvalidos deste país”. Sarney e Ribeiro participaram do Congresso dos Trabalhadores Rurais, em Brasília, junto com outros ministros, num fato histórico para o país, pois nunca um presidente da República havia prestigiado um encontro como este. A disposição do governo chegou a surpreender líderes rurais, que não apostavam muito nas intenções da Nova República, no que se refere à reforma agrária.

ESPECULAÇÃO

Mas a “ferida”, que não teve tratamento durante as últimas décadas, está sendo tratada, e muita coisa irá acontecer nos próximos meses. Já se prevê, por



Ezídio Pinheiro



Ari Marimon



O Brasil tem mais de sete milhões de famílias sem terra

exemplo, que as desapropriações irão parar na Justiça, pois os valores a serem pagos pelo governo aos proprietários certamente ficarão abaixo do preço real das terras. O governo emitirá títulos, que são uma espécie de promissória, resgatáveis em até 20 anos, e fará as indenizações de acordo com os valores declarados pelos donos das áreas para pagamento do Imposto Territorial Rural.

Estes valores, para fins de tributação, são geralmente mais baixos que os reais, para que os impostos sejam menos caros. Muitos casos deverão se transformar em complicadas ações judiciais, mesmo que o governo esteja disposto a negociar com os proprietários. As desapropriações, afinal, irão mexer com terras usadas para especulação, e pela primeira vez no país se questionará de fato o conceito da propriedade.

Para realizar a reforma, o governo leva em conta o que diz o Estatuto da Terra no que tem de mais importante: a

terra deve ser usada com fim social, e não como reserva de valor de especuladores.

FOCOS DE TENSÃO

Algumas áreas do Centro do país, do sul do Pará e do Norte e Nordeste concentram os maiores focos de tensão provocados pelas desigualdades na posse da terra e da renda no meio rural. Mas isso não quer dizer que em outros Estados, como o Rio Grande do Sul, a situação não seja também bastante tensa. Nos últimos anos, os gaúchos acompanharam a formação de acampamentos de sem-terra, os conflitos entre agricultores e índios, a fuga de milhares de famílias para outras regiões. Apesar da migração, muita gente ficou, e devem existir hoje no Estado cerca de 150 mil famílias sem terra.

Este dado é citado por Ezídio Pinheiro, presidente da Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul), que aposta na realização de uma reforma agrária. Ezídio elogiou os planos do governo para início da re-

forma, e acha que “cada Estado deve ter suas características respeitadas”. Ele defende a redistribuição de terras devolutas ou improdutivas, e observa que “há no Rio Grande do Sul dois milhões de hectares de terra que não são aproveitadas”. Esta área, de qualquer forma, segundo Pinheiro, não seria suficiente para o assentamento de tanta gente.

“Será preciso desapropriar também as grandes áreas pertencentes a grupos e que são hoje arrendadas a terceiros”, diz o presidente da Fetag. Ele lembra que a simples distribuição de terras não garante sozinha uma efetiva reforma agrária, que deve ser complementada como infra-estrutura e assistência. “As mudanças — afirma Pinheiro — acontecerão de acordo com a organização dos sem-terra, com sua participação neste debate e na execução dos projetos”.

DESAPROPRIAÇÕES

O presidente da Farsul (Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul), Ari Marimon, acha que “a reforma agrária deve deixar de ser um tabu”, mas tem algumas preocupações. Ele não recebeu com muita simpatia o anúncio feito pelo presidente do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), José Gomes, no dia 7 de maio. Gomes afirmou que a reforma será iniciada com duas desapropriações por Estado, ainda este ano. Marimon entende que as desapropriações são desnecessárias, já que o próprio INCRA tem à sua disposição áreas que ainda não foram ocupadas. “Já existem muitas áreas desapropriadas e que permanecem ociosas”, garante ele.

“O maior latifúndio do Brasil está em poder do próprio governo”, diz o presidente da Farsul, lembrando que em abril, em Minas Gerais, perguntou sobre as áreas disponíveis a um assessor do ministro Nelson Ribeiro, mas não obteve resposta. Marimon não concorda com os que incluem todos os latifúndios no plano de reforma agrária, e explica: “O que deve ser considerado é a utilização da terra, o seu aproveitamento, e não a sua extensão”.

“Para mim — diz ele — latifúndio é terra improdutiva. E concordo que os que não estão produzindo devem ceder suas áreas”. Antes de realizar desapropriações de áreas particulares — afirma Marimon —, o governo deveria pensar não só no aproveitamento de suas próprias terras, mas também “nas terras pertencentes a Igreja”. O presidente da Farsul acha que também podem entrar na reforma os imóveis de propriedade dos governos estaduais e municipais.

Propostas da regional

“O nosso estatuto da terra”. É assim que a regional da Fetag, com sede em Ijuí, está definindo uma proposta inicial de reforma agrária, levantada com base nas sugestões de 1.300 agricultores. Eles responderam a um questionário que a regional distribuiu no ano passado, em Ijuí, Chiapetta, Santo Augusto, Ajuricaba, Jóia, Condor, Pejuçara e Panambi. As conclusões deste levantamento estão agora sendo divulgadas no boletim “Presença”, editado pela regional, e dão uma amostra da organização dos sem-terra, diante da expectativa de que a reforma agrária irá finalmente acontecer.

Os agricultores condenam o uso da terra para “fins especulativos”, e defendem, logo no início das propostas, que as terras do governo e as áreas devolutas (sem ocupação) devem ser doadas, e não vendidas. Os agricultores beneficiados — de acordo com a sugestão — receberiam as terras com título de uso e posse para toda a vida, podendo transferir parte das áreas aos filhos, sem inventário. Os que desejarem abandonar a terra, poderão apenas vender benfeitorias e equipamentos, restando a área, sem pagamento, a outras famílias.

Os próprios agricultores devem — segundo as propostas — definir a forma de

exploração das terras, com uso individual ou coletivo. As áreas das grandes propriedades não aproveitadas ou mal aproveitadas seriam taxadas com altos impostos, para que tenham uso adequado ou sejam transferidas a quem necessita de terra. Os governos federal e estaduais devem ter autonomia para desapropriações de áreas, e a prioridade, para assentamento, seria dada aos sem-terra de cada Estado. Somente depois, se não houver outra solução, se pensaria na transferência de colonos para outros Estados.

Outras propostas defendidas pela regional: beneficiar inicialmente os sem-terra cadastrados e organizados; desapropriar as terras das multinacionais; terminar com os projetos de colonização em outros Estados; garantir infra-estrutura e assistência aos assentados; dar prioridade aos produtos para mercado interno, com preços justos; crédito subsidiado; apoio às pequenas empresas; melhorias na Previdência Social; fim da violência contra os sem-terra; e direito de organização dos agricultores beneficiados com a reforma agrária. Outras sugestões constam do boletim, e continuam em debate, em cada município, até a realização de uma assembleia regional, a ser marcada pelos sindicatos.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Coordenação: Maria Aparecida Pereira Mendes

"Era a Chapeuzinho Amarelo.
 Amarelada de medo.
 Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.
 Já não ria.
 Em festa, não aparecia
 Não subia escada
 nem descia.
 Não estava resfriada
 mas tossia.
 Ouvia conto de fada
 e estremezia.
 Não brincava mais de nada,
 nem de amarelinha.

Tinha medo de trovão,
 Minhoca, pra ela, era cobra.
 E nunca apanhava sol
 porque tinha medo da sombra.
 Não ia pra fora pra não se sujar.
 Não tomava sopa pra não se ensopar
 Não tomava banho pra não descolar.
 Não falava nada pra não engasgar.
 Não ficava em pé com medo de cair.
 Então vivia parada,
 deitada, mas sem dormir,
 com medo de pesadelo".

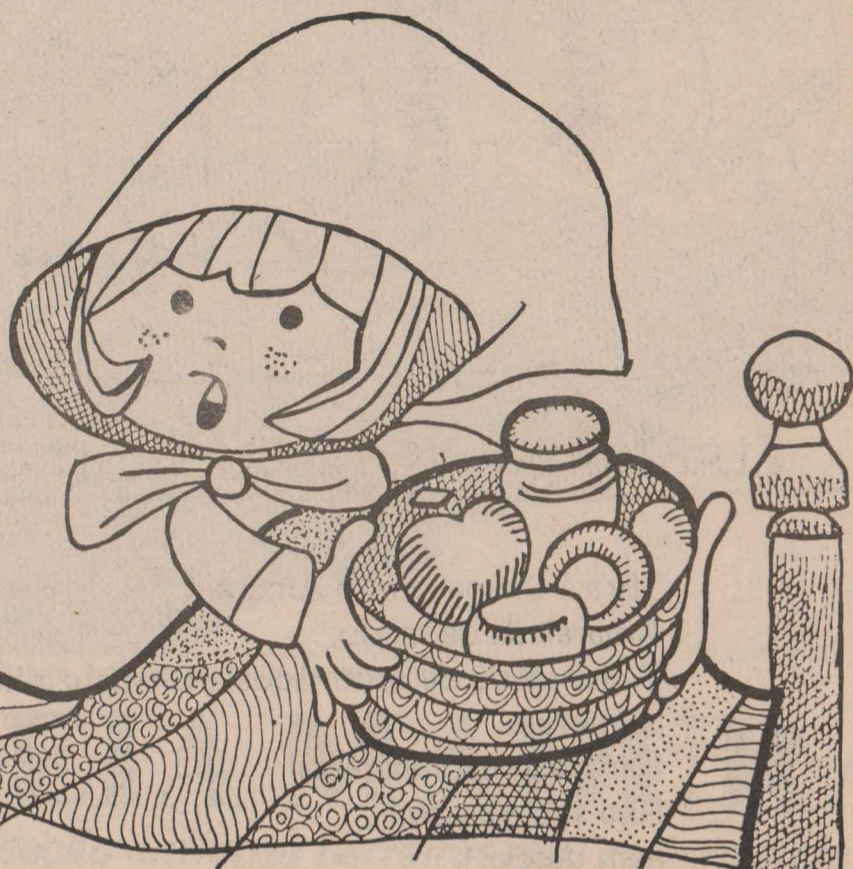
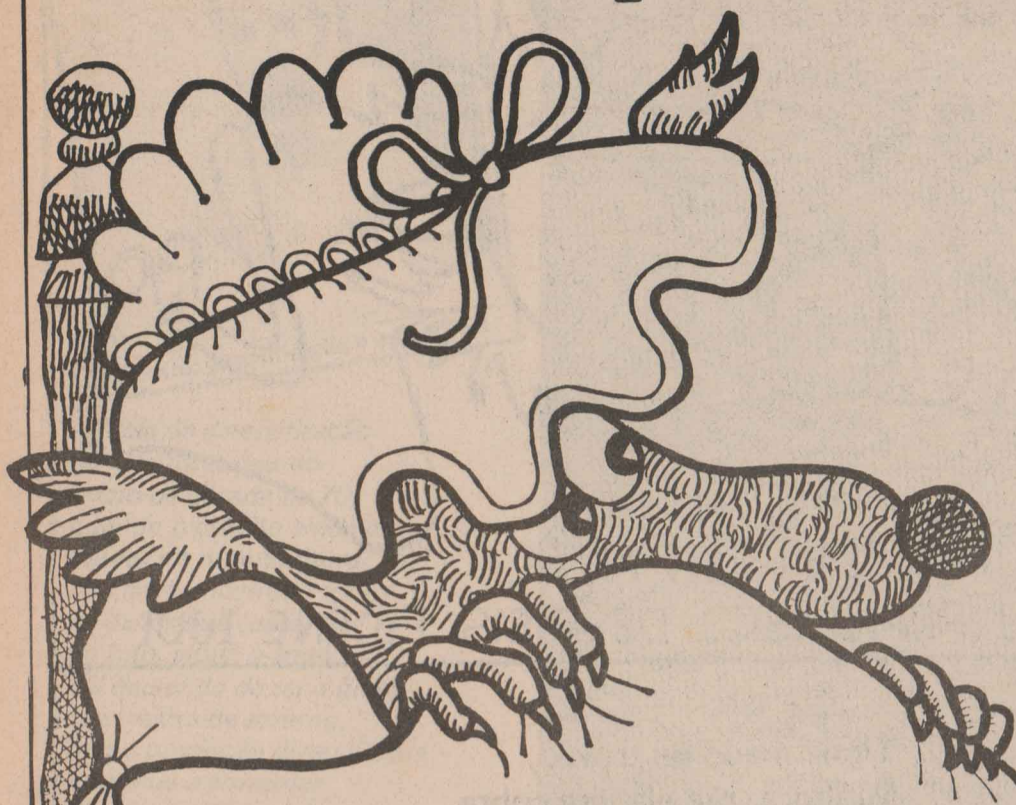
É assim que começa a história do
 CHAPEUZINHO AMARELO de Chico
 Buarque de Holanda.
 UM LIVRO PARA LER E O MEDO PERDER

Chapeuzinho Amarelo

Chico Buarque



Chapeuzinho Vermelho



Era uma vez uma menina muito bonita, de quem todo mundo gostava, principalmente a avó, que adorava dar-lhe presentes. Uma vez deu a ela um chapeuzinho de veludo vermelho, que ficou tão bem que a menina nunca o tirava da cabeça. Por isso todos a chamavam de "Chapeuzinho Vermelho".

Um dia, a mãe disse à menina:

— Escuta, Chapeuzinho Vermelho, quero que tu leves este bolo para a tua avó. Ela está doente e fraca, e isto é bom para ela.

— Eu vou tomar bastante cuidado — respondeu Chapeuzinho Vermelho, e se pôs a caminhar.

A avó, morava na floresta, longe dali, e, assim que Chapeuzinho Vermelho entrou no mato, encontrou um lobo. Ela não sabia que aquele era o Lobo Mau e não teve medo.

— Bom dia, Chapeuzinho Vermelho.

— Bom dia, seu Lobo!

— Aonde vais tão cedo assim, Chapeuzinho Vermelho?

— Vou visitar minha avozinha no meio da floresta.

O Lobo Mau ficou pensando: "Que menina gorducha e macia! Deve ser muito gostosa para se mastigar! É um almoço muito melhor que a velha avó.

Se eu for sabido, vou conseguir comer as duas".

Foi caminhando por algum tempo ao lado de Chapeuzinho Vermelho e, logo que a menina se distraiu com as flores e com os pássaros, o lobo sumiu.

Em seguida o lobo chegou à casa da vovó e bateu à porta:

— Quem é?

— Sou eu, vovó, Chapeuzinho Vermelho! respondeu o lobo com a voz disfarçada.

Abre a porta.

— Levanta o trinco. Estou muito fraca, não posso me levantar da cama.

O Lobo Mau levantou o trinco, a porta se abriu, e sem dizer uma só palavra foi diretamente à cama da pobre vovozinha e devorou-a.

Depois, vestiu a sua camisola, colocou a touca na cabeça e deitou-se na cama.

Quando Chapeuzinho Vermelho chegou à casa de sua avó, ficou admirada de encontrar a porta

aberta e quando entrou no quarto, sentiu qualquer coisa estranha. Ao se aproximar da cama da avozinha, esta estava com a touca cobrindo quase todo o rosto e com uma cara esquisita.

— Vovozinha — disse ela — como tuas orelhas estão grandes!

— São para te escutar melhor, minha netinha.

— Mas, vovozinha, como os teus olhos estão grandes!

— São para te enxergar melhor, minha netinha!

— Mas, vovozinha, como as tuas mãos estão grandes

— São para te abraçar melhor.

— Vovozinha, que boca enorme!

— É para te comer melhor.

E mal acabou de dizer, o Lobo Mau deu um salto da cama e engoliu Chapeuzinho Vermelho. Depois, o lobo se deitou na cama, ferrou no sono e começou a roncar muito alto.

Um caçador ia passando por ali e pensou:

"Como a velhinha está roncando! Acho melhor ir ver se ela precisa de alguma coisa".

Entrou, quando já ia disparar a espingarda, lembrou-se que talvez o lobo tivesse devorado a velhinha. Pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido.

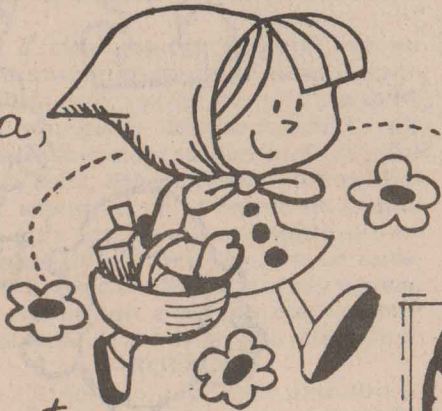
Não demorou muito para que Chapeuzinho Vermelho aparecesse e em seguida sua avó.

Depois disso Chapeuzinho Vermelho ficou pensando: "Nunca mais na vida vou me afastar do caminho e entrar na floresta, quando minha mãe recomendar".

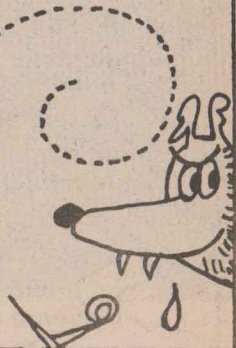
CHAPEUZINHOS...

Este mês o Cotrisol contou do Chapeuzinho Vermelho e um Chapeuzinho

Amarelo. Agora, a gente quer que você invente uma história de outro Chapeuzinho. Talvez do Chapeuzinho Azul, ou do Chapeuzinho Laranja ou do Chapeuzinho Mágico ou do Chapeuzinho de Menino Sapeca, ou - quem sabe? - do Chapeuzinho dos Lenhos... Bem, da que - le que você quiser!



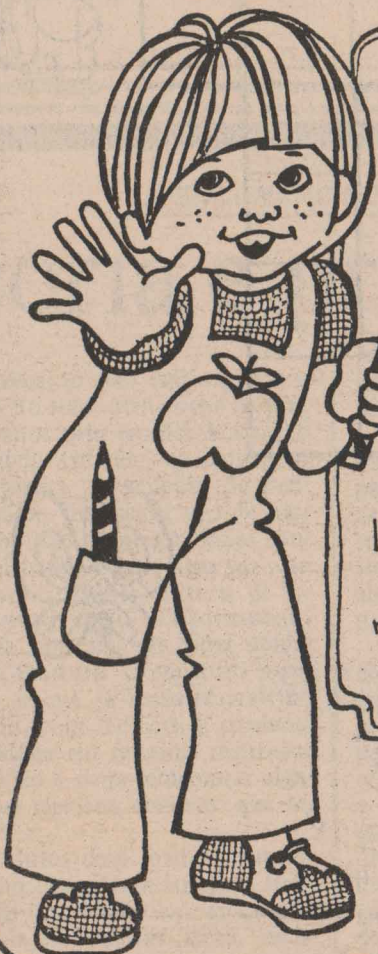
pra vocês a história pedaço do



Chapeuzinho



ESCREVA a sua história e mande-a para nós. Vamos publicá-la no próximo número.



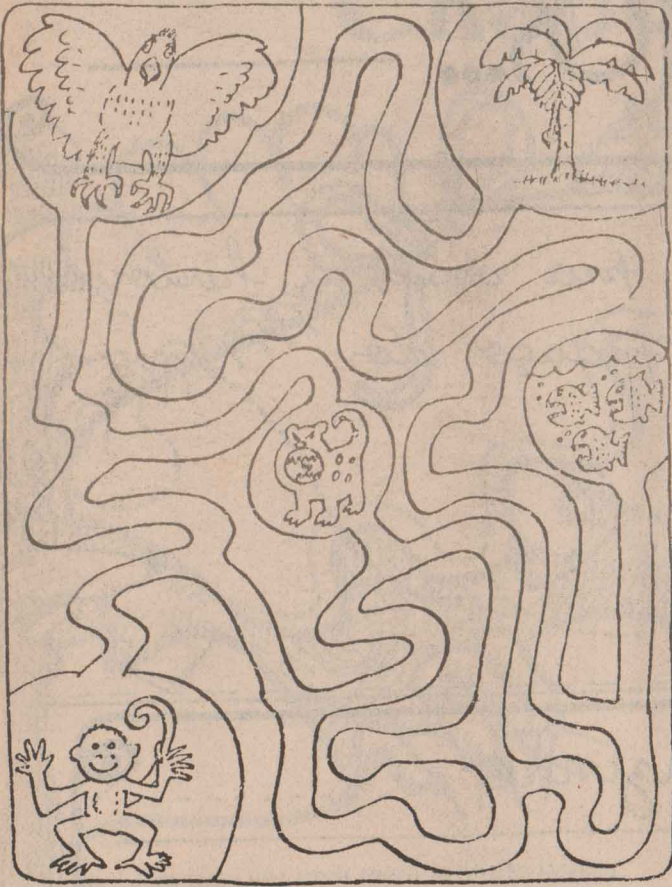
Nome: _____

Idade: _____ Cidade: _____

Escola: _____

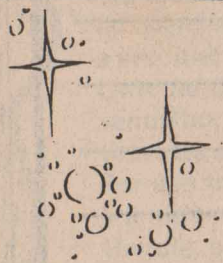
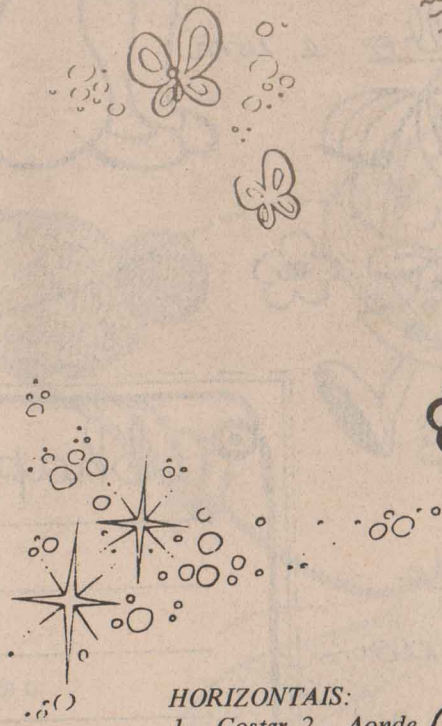
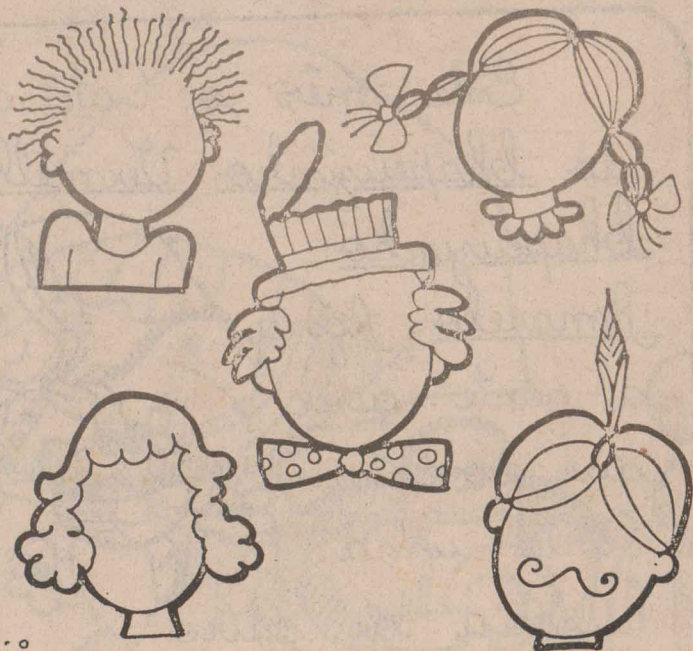
Série: _____

Divertimento



Ajude o macaco a chegar até a bananeira, evitando que ele se encontre com os animais perigosos.

Observe os cabelos, o chapéu, e os outros detalhes que tiverem estas cabeças e desenhe as caras que imaginou que elas têm.



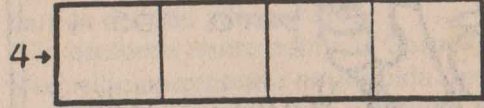
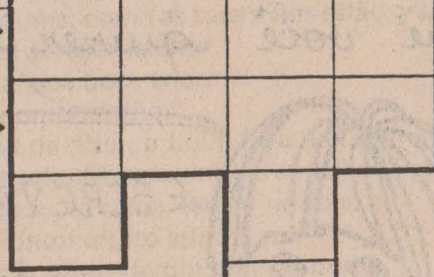
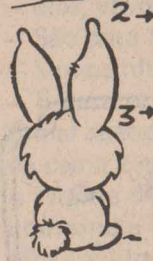
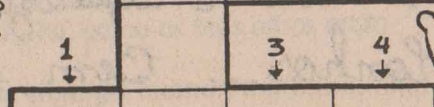
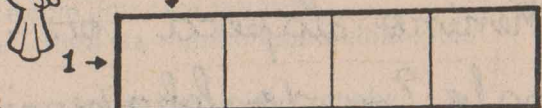
HORIZONTAIS:

1 - Gostar. 2 - Aonde se mora. 3 - Preparar a terra para plantar. 4 - Vive no brejo.

VERTICAIS:

1 - Melhor amigo do homem. 2 - Falta de sorte. 3 - Calçado. 4 - O que respiramos

CRUZADINHA



Vamos ajudar a Joaquina a sair do labirinto?

